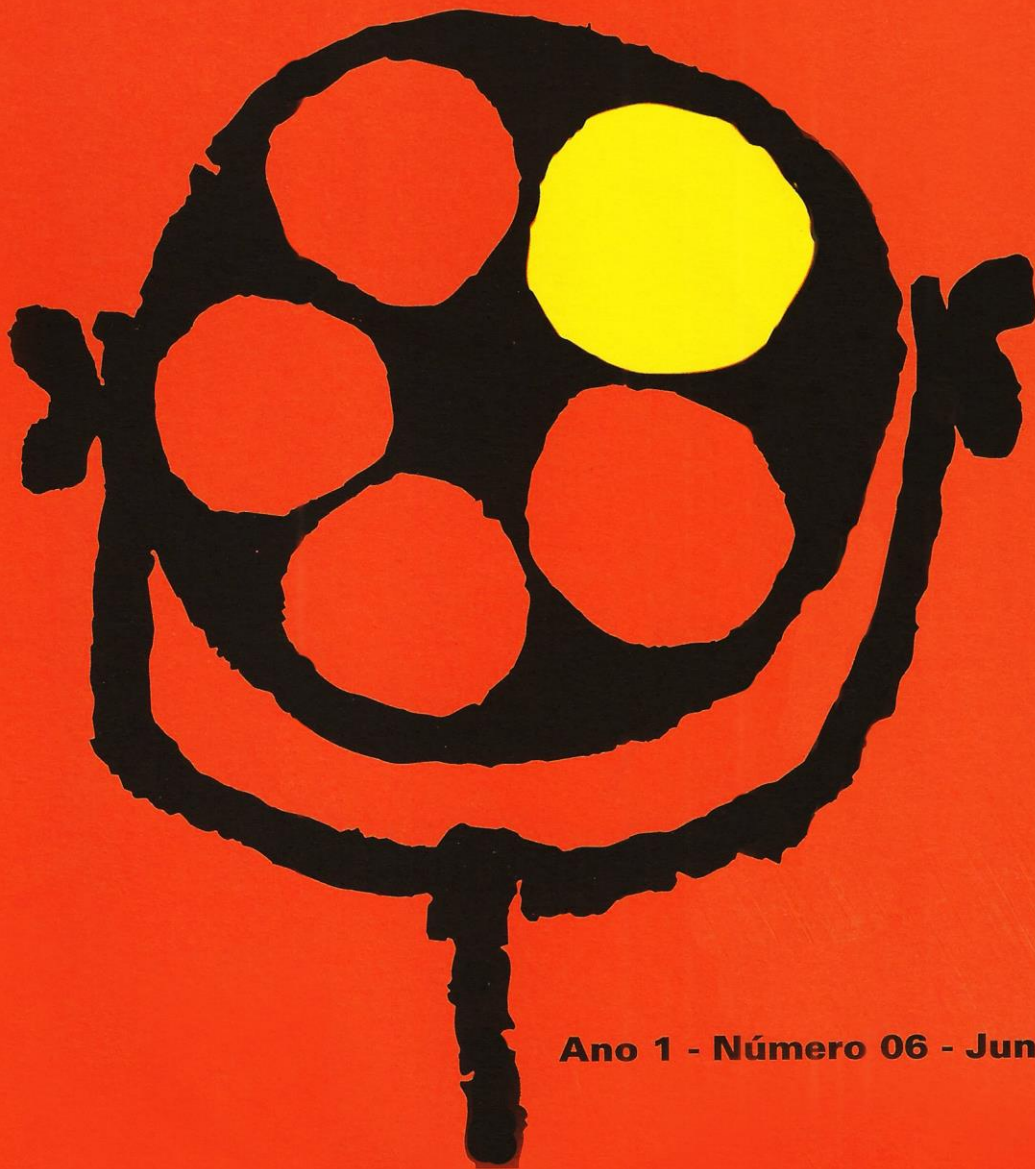


teatro da juventude



Governo do Estado de São Paulo
Secretaria da Cultura



Ano 1 - Número 06 - Junho de 1996

Teatro da Juventude



Governo do Estado de São Paulo
Secretaria da Cultura

Secretaria de Estado da Cultura



Governo do Estado de São Paulo
Mário Covas

Secretário de Estado da Cultura: Marcos Mendonça
Assessoria de Artes Cênicas: Analy Alvarez

Esta revista foi recriada em agosto de 1995, por iniciativa de **Carlos Meceni** e apoio dos demais membros da **Comissão de Teatro do Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas**, composta na época por:

• Afonso Gentil
Analy Alvarez
Efrén Colombani
Luiz Amorim
Vera Nunes
Zecarlos de Andrade

Teatro da Juventude

Ano 1 - número 06 - Junho de 1996

Supervisão geral: Tatiana Belinky

Editora: Erné Vaz Fregni

Revisão: Cely Arena

Produção: Glória Inês Barbosa dos Santos

Editoração eletrônica: Peter Kompier

Impressão: Imprensa Oficial do Estado S.A. - Imesp

Tiragem: 10 mil exemplares

Distribuição: gratuita a estabelecimentos de ensino e entidades culturais, da capital e do interior, mediante solicitação por escrito à Comissão de Teatro.

A revista **Teatro da Juventude** é uma publicação bimestral de peças e textos sobre artes cênicas destinada a jovens atores e encenadores. As matérias assinadas não refletem, necessariamente, a opinião da revista.

Capa: Flávio Império (in memoriam)

Comissão de Teatro

Rua da Consolação, 2333, 9º andar, São Paulo - SP
CEP 01301-980; Tel.: (011) 258-7445 Fax.: 259-9495

EDITORIAL

A arte encontra-se na tênue linha imaginária que delimita a ficção da realidade. No mundo das artes cênicas, o ponto de equilíbrio nem sempre é fácil de ser atingido. Nessa edição da **Teatro da Juventude**, você será brindado com o texto *Arena conta Tiradentes*, de Gianfrancesco Guarnieri e Augusto Boal, que consegue trilhar com maestria o caminho do meio. Utiliza-se da investigação jornalística, que comprova e resgata a história do herói revolucionário transformado em mártir da Independência, e a une a uma história mítica, com estrutura de fábula e que confere um delicioso sabor à trama. Escrita em 1967, propondo uma nova forma de dramaturgia-espetáculo, a peça foi considerada pela crítica da época um marco na história da dramaturgia nacional.

A **Teatro da Juventude** traz também o texto *Cupido e Stanislavsky*, de Ricardo Gouveia, dirigido à adolescentes, que traça um delicioso e ludico roteiro entremeado de metalinguagens da arte cênica, que une romance, dúvidas juvenis e fantasias.

É de Stela Leonardos o terceiro texto, *A Flautinha de Uirá*, apropriado para crianças a partir de seis anos. Premiada, a peça resgata a figura do bandeirante, do índio e conta, de um modo prazeroso, a lenda do pássaro Uirapuru.

Na seção *Como Fazer*, desta vez assinada por Renato Scipilliti e na *Glossário*, de Milton Andrade, você aprenderá tudo sobre Cenário, que, conforme Scipilliti, é um personagem em cena.

Erné Vaz Fregni

P.S. - Nessa edição, não estamos publicando a seção Livros, devido ao elevando número de páginas do texto *Arena conta Tiradentes*.

TEXTO PARA A TEATRO DA JUVENTUDE



Escrevi um texto de teatro para jovens e gostaria de saber se há possibilidade de ser publicado na *TEATRO DA JUVENTUDE*.

Gilberto V. Pontes
Ribeirão Preto - SP

Resp: Qualquer autor pode ter seu texto publicado na nossa revista. É só nos trazer ou enviar seu trabalho que, em seguida, será encaminhado à Comissão de Teatro e, se selecionado, será publicado.

CURSO DE TEXTO PARA TEATRO



Gostaria de escrever para teatro, mas percebi que é muito difícil e requer técnicas. Vocês poderiam me indicar algum curso bom e que não seja muito caro?

Juliana Borges
Bauru - SP

Resp.: No SEMDA - Seminário de Dramaturgia, você poderá aprender sobre as técnicas dramáticas. Coordenado e ministrado pelo dramaturgo Chico de Assis, o curso é teórico e prático. Periodicamente é realizada uma mostra dos textos produzidos no Seminário. O SEMDA funciona às terças-feiras, das 20h às 23h. no piso superior do Teatro Eugenio Kusnet (Arena). Rua Teodoro Baíma, 94, São Paulo, SP. Tel.: 256-9463.

NÚMEROS ATRASADOS

Vimos por meio desta parabenizar a



excelente iniciativa desta Secretaria em lançar a revista *TEATRO DA JUVENTUDE*. Esse material torna-se de suma importância para aqueles que difundem as artes cênicas entre os jovens ou em suas comunidades formando grupos de teatro em escolas, igrejas e associações injustamente chamados de amadores. Solicitamos todos os exemplares da revista *TEATRO DA JUVENTUDE*.

Associação dos Grupos Teatrais
Amadores de Registro
Registro - SP

*Através da presente solicito o envio da revista *TEATRO DA JUVENTUDE* editada pela Comissão de Teatro da Secretaria de Estado da Cultura desse Estado. Outrossim, informo que consideramos de grande importância a aquisição da revista acima mencionada.*

José Pereira dos Santos,
Presidente do Grupo Teatral Vozes
Araçurui - SP

Resp: Estamos providenciando o envio das revistas.

ESCREVA PARA CARTAS

*A seção **Cartas** é um canal direto entre você e a **Teatro da Juventude**. Comunique-se - por carta ou fax - enviando sugestões, dúvidas, opiniões, críticas e informações.*

Escreva para:

Secretaria do Estado da Cultura
Revista Teatro da Juventude
Rua da Consolação, 9º and.
São Paulo - SP - CEP 01301-980.
Fax.: (011) 259-9495

SUMÁRIO

Como fazer

Cenário, um personagem em cena	8
Renato Scipilitti	

Glossário

O cenário	10
Milton Andrade	

Textos

6 a 9 anos (aproximadamente)

A flautinha de Uirá	13
Stella Leonardos	

Maiores de 13 anos (aproximadamente)

Cupido e Stanislavsky	29
Ricardo Gouveia	

15 a 18 anos (e para amadores adultos)

Arena conta Tiradentes	45
Gianfrancesco Guarnieri e Augusto Boal	

CENÁRIO, UM PERSONAGEM EM CENA

Através das formas realistas, abstratas ou surrealistas, das cores, das texturas, dos materiais, o cenário reinventa a realidade

Renato Scripilliti*

Qual é o público que não fica atento e ansioso esperando se abrir a cortina de um palco para ver o que existe dentro dele?

Lá está o cenário: equilibrado, desequilibrado, dinâmico, plácido, alegre, contestador! Enfim, com um mundo expresso através das formas realistas, abstratas ou surrealistas, das cores, das texturas dos materiais empregados. Tudo criado de acordo com as exigências do espetáculo.

Este personagem vivo, iluminado, sonorizado, junto com os demais personagens, resulta no espetáculo do teatro.

A cenografia aliada ao teatro existe desde que o homem se preocupou em contar histórias em público, ou seja, desde os gregos clássicos. Naquela época, tudo acontecia ao ar livre, e não havia limite espacial entre o público e o cenário. No decorrer da História, com o surgimento do palco, o espaço cênico foi se definindo e se desenvolvendo, ampliando os recursos para utilização dos planos horizontais e verticais. Paredes e pisos podem aparecer ou sumir, girar, subir... enfim, hoje em dia, a tecnologia tornou a criação ilimitada.

Quem idealiza o cenário é o cenógrafo.

Para isso, seu primeiro passo é a leitura do texto e a sua interpretação. As idéias que surgem são apresentadas ao diretor para que, juntos, definam a concepção, a época do espetáculo.

Estabelecidos estes parâmetros, o cenógrafo passa ao desenvolvimento do projeto, elaborando desenhos técnicos, (perspectivas) e maquetes (miniaturas), e recolhendo amostras dos materiais construtivos e de revestimento.

Os profissionais responsáveis pela construção dos cenários são o cenotécnico e o maquinista. A produção executiva se encarrega da compra dos materiais solicitados.

Os materiais construtivos e decorativos, com suas cores e texturas, são de fundamental importância no resultado do acabamento final, que dará o "calor desejado" ao espetáculo.

As luzes e os efeitos visuais conseguem, num mesmo ambiente, mágicas mutações de cores e formas.

Falemos de um cenário concebido. Por exemplo, um cenário realista, ou seja, um ambiente reproduzido dos que conhecemos: uma sala, um escritório....

Para elaborá-lo, destacam-se do texto todos os objetos de cena (telefone,

livros, copos, garrafas etc.) e o mobiliário necessário. Paredes, portas e janelas definirão o espaço. O conjunto define o estilo, a dimensão, o clima do espetáculo.

Mas nem toda a concepção é realista. Podemos expressar nossa idéia por meio de formas, cores, luzes. É o que chamamos de abstrato, ou seja, "abstraímos" a realidade em favor das sensações e idéias. Vamos exemplificar, para entendimento de todo o processo.

A partir de uma história que conhecemos, destacamos um tema (tristeza, ascensão, natureza, oceano). Escolhemos então um material simples, como um pedaço de arame. Trabalhamos com este arame dando-lhe formas tridimensionais, volume, dobrando, puxando, enfim, tentando exprimir nossa idéia a respeito do tema.

Quando chegamos à forma que nos é satisfatória, iluminamos nossa obra, aproximando uma luminária de modo a projetar sombras na mesa e nas paredes. As sombras dão novas formas das quais também tiramos partido para nos expressarmos e dramatizarmos o tema. Dramatizar significa tornar teatral.

O resultado desse exercício já é um cenário com proporções e equilíbrio de acordo com o nosso ponto de vista.

Você consegue imaginar tudo isto dentro de um espaço definido? Se consegue, quem sabe um dia poderá transportar sua idéia para um espaço cênico, um palco. Tenho certeza de que outras formas visuais aparecerão, dando riqueza e suporte ao seu espetáculo.

Cenário e cenógrafo

Aos oito anos, eu recortava figuras de revistas e montava ambientes distintos dentro de uma caixa de sapatos. Minha memória trouxe esta imagem, que talvez identifique o desejo intuitivo de resumir

emoções num quadro expressivo para os outros. Eu viajava naquele sonho maravilhoso. Tudo ali dentro tinha vida. Eu conseguia ficar em pé dentro da caixa, via formas, e representava emocionado entre luzes coloridas, ventanias, raios, chuva...

Hoje, aquele desejo intuitivo, o resumo, a comunicação dos outros, é meu próprio trabalho, é minha ocupação em tempo integral.

Cenário é, ou deveria ser, bem mais do que eventos sobre palcos. E, quando se destina ao palco é mais do que pano de fundo ou mera decoração. É maravilhoso participar do processo criativo de um espetáculo imaginando espaços, equilibrando formas, produzindo sombras, reinventando a realidade.

O cenógrafo é o profissional atento ao que há na realidade a sua volta, ao que há de belo ou dramático, é a pessoa que se encarrega de traduzir para a linguagem do palco o universo a ser representado. Enquanto profissional, ele trata de dominar a técnica, ou seja, conhecer as origens da arte, seus caminhos através da História e os rumos atuais; arma-se do conhecimento dos novos materiais construtivos e plásticos. O conhecimento técnico abrange, ainda, as linguagens utilizadas pelas pessoas que irão interpretar e executar as peças das cenografias projetadas.

* **Renato Scripilliti** é arquiteto, foi responsável por projetos e montagens de feiras internacionais e nacionais ligadas ao Ministério das Relações Exteriores e Alcântara Machado. Foi professor de matemática, desenho e cenografia. No teatro, criou mais de 60 cenografias trabalhando com importantes diretores. Foi indicado para doze prêmios e recebeu quatro.

O CENÁRIO

J. C. Serroni, consagrado cenógrafo brasileiro, define o cenário como sendo “o conjunto dos diversos materiais e efeitos cênicos que serve para criar a realidade visual ou a atmosfera dos espaços onde decorre a ação dramática”. Nessa definição, ressaltam-se as duas principais finalidades do cenário: marcar o lugar em que ocorre a ação da peça e sugerir o clima do espetáculo.

Milton Andrade*

Alguns termos usados em cenografia:

AFINAR (o cenário): ajustar a perspectiva, nivelar o cenário com o assoalho do palco e, quando pendente do urdimento, posicionar rigorosamente cada um dos seus elementos.

AMARRAR: fixar, em lugar determinado, cortina ou peça cenográfica, atar a MANOBRA na MALAGUERA, de modo a impedir sua movimentação.

APLIQUE: detalhe removível de cenário. Serve para modificar, no todo ou em parte, a cenografia original.

BALANCIM: manobra utilizada para alçar figuras vivas em cena.

CALHA: dispositivo para troca de cenários, utilizado na Europa até fins do séc. XIX. Consistia numa ranhura no chão do palco, por onde corriam os TRAINÉIS sobre rodas.

CARDAS: pequenos pregos de cabeça grande, utilizados num cenário.

CENA FIXA (ou firme): espetáculo em que o cenário não se altera durante toda a representação.

CENA FECHADA: cenário em que é reproduzido um ambiente delimitado por paredes. Também é chamado de gabinete.

CENA ABERTA: cenário que representa dimensões indeterminadas.

CENOGRAFIA: arte e técnica de projetar e dirigir a execução de cenários para espetáculos.

CENÓGRAFO: “artista que cria a imagem do espaço cênico em função de um texto, utilizando os meios cenotécnicos de que deve ter amplos conhecimentos”, José Carlos Serroni.

CENOPLASTA: técnico que executa projetos de cenografia.

MAQUINISTA (chefe do movimento): maquinista chefe, responsável pela movimentação de cenários. Sob suas ordens atuam o CHEFE-DE-VARANDA e seus auxiliares.

CHEFE-DE-VARANDA: maquinista a quem cabe executar a movimentação dos cenários. O nome deriva do lugar que ocupa na caixa do teatro: a varanda, do lado direito da caixa, onde estão as

manobras em uso. Atua sob as ordens do CHEFE-DE-MOVIMENTO ou maquinista chefe.

CICLORAMA: elemento cenográfico que pretende criar, no palco, a impressão de espaço infinito. Constitui-se de um grande pano, em geral azul claro, esticado no fundo do palco, sobre o qual são projetadas luzes de efeito.

CONTRA-PESO: sistema utilizado em teatro para aliviar o peso das varas de onde pendem cortinas, renques de luzes etc., em geral muito pesadas.

ENSAIO TÉCNICO: ensaio de movimentação de cenários, colocação e retirada de móveis e objetos de cena etc.

ESCORAS: nome genérico para todo o tipo de sustentação de peças do cenário. São escoras: o esquadro, a cantoneira e a mão francesa.

FRALDÃO: cada uma das partes que compõem uma ROTUNDA, conjunto de peças de tecido que, pendentes do urdimento, no fundo e nas laterais do palco, oculta o palco à visão dos espectadores.

FUGA: espaço destinado à entrada e saída dos atores de cena. Caracteriza-se por não ser visível aos olhos dos espectadores.

FUNDINHO: tela que, nos cenários, se coloca por trás das aberturas de janelas, balaustradas, portas etc. Às vezes, são decoradas com horizontes e paisagens.

GABINETE: cenário fechado, em geral representando sala ou outro ambiente interior.

GRADE: armação de um TRAINEL. Também chamada de *caixilho* ou *chassis*.

GRELHA: espécie de sub-urdimento removível. Pouco usado no Brasil, mas

comum em palcos europeus.

GROSSURA: se diz da falsa aparência que simula paredes, arcos de portas etc.

LEVADIÇO: que, ou o que, se levanta facilmente na caixa do teatro, através de manobras.

LEVANTAR: içar, através de manobras, parte do cenário ou qualquer acessório de iluminação.

MALAGUETA: cada uma das pequenas hastes dispostas em série, nas quais são amarradas as manobras que sustentam cenários do urdimento.

MANOBRA: conjunto de cordas que, pendentes do urdimento, sustentam as varas onde são fixadas peças do cenário ou equipamentos de iluminação. O controle das manobras é realizado na varanda, onde permanecem amarradas nas malaguetas.

MAQUETA (ou maquete): miniatura do projeto cenográfico de um espetáculo.

MAQUINARIA: conjunto de máquinas e equipamentos para efeitos cênicos de um teatro.

MAQUINISTA: profissional encarregado da montagem e desmontagem dos cenários, bem como da sua movimentação. (Originalmente, cuidava das máquinas de efeitos, daí o nome.)

MAQUINISTA-DE-VARANDA: operário especializado no manejo das manobras e dos equipamentos localizados no urdimento dos teatros.

MUDANÇA: troca parcial ou total de cenários.

MUTAÇÃO: mudança de cenários.

PALCO GIRATÓRIO: dispositivo que permite a rápida troca de cenários e diversos efeitos de cena.

PANO DE FUNDO: grande e última tela

situada no fundo do palco. Funciona como complementação do tema cenográfico dos rompimentos.

PANORAMA: grande tela semi-circular, com elementos cenográficos pintados ou dispostos em perspectiva. Pode servir de suporte à projeção de imagens fixas (slides) ou em movimento (filmes).

PENDURAES: em Portugal, o mesmo que manobras.

PERNA: faixa de pano colocada verticalmente em ambos os lados do palco, pendentes do urdimento. Delimita o espaço cênico e regula a abertura da boca de cena.

PESO: qualquer objeto pesado, usado na fixação de cenários. Também é utilizado na contra-pesagem de manobras.

POLÉ: esquadria de madeira para apoio de praticáveis.

PRAIETA: pequena e estreita faixa cenográfica, representando chão com areia, pedras, vegetação rasteira etc.

PRANCHADA: segmento de assoalho que, assentado sobre polés ou cavaletes, permite a construção de praticáveis.

PRATICÁVEL: armação de metal ou madeira usada na composição de níveis dos cenários.

RÉGUA: em Portugal, o mesmo que vara ou sarrafo.

REPREGO: armação de madeira sobre a qual são fixados segmentos de cenário.

ROMPIMENTO: elemento cênico formado pela junção de dois bastidores ou pernas e uma bambolina. Um palco necessita de vários rompimentos sucessivos.

ROTUNDA: pano de flanela, merinó ou veludo, em geral preto ou azul, claro que cobre todo o fundo do palco.

Conjugado a três ou quatro rompimentos do mesmo tecido, delimita um espaço cênico neutro.

TAFIFE: fita de madeira que, pela sua flexibilidade, é usada para reforçar e dar acabamento a um contorno de cenário.

TAPADEIRA: painel rígido, em cor neutra, para composições de cenografia. É utilizado para impedir que os espectadores devessem o interior do palco.

TELÃO: grande tela suspensa do urdimento, onde se encontram pintados elementos relativos ao projeto cenográfico. Pode ser usado também para esconder do público danças de cenário.

TRAINEL: nome genérico aplicado a qualquer peça de cenário montada sobre estrutura de sarrafos.

TRAMBOLHO: denominação que se aplica a qualquer peso atado à ponta de uma manobra que não está em uso, de maneira a permitir sua rápida descida.

TRAVAMENTO (travação ou amarramento): ato ou efeito de se ajustar em as diversas partes de um cenário para que fique firme e seguro.

TRAVESSÃO: trave horizontal, de madeira ou ferro, em que, nas varandas, são amarradas as manobras.

VÉU: telão de tecido semi-transparente, liso ou com impressões cenográficas, que transmite ao espectador a sensação do vago, do imaginoso. Utilizado em peças de caráter expressionista.

* **Milton Andrade** é autor, diretor, professor de literatura, advogado e ex-diretor de escola de arte. Esta seção foi elaborada com elementos extraídos do *Dicionário da Representação*, em fase final de elaboração pelo autor do artigo.

6 a 9 anos
(aproximadamente)

A Flautinha de Uirá
Stella Leonardos

A FLAUTINHA DE URIÁ

(Peça premiada no Concurso Anual de Teatro Infantil do Estado da Guanabara)

de **Stella Leonardos**

Peça de teatro infantil com prólogo, 3 atos e epílogo

PERSONAGENS:

UIRÁ
UIRAPURU
QUERPIMAIA
PAPAGAIO
SAPO CURURU
DONA MURUCUTUTU, A CORUJA
MACACO
ALFINHA
PIRANGA
DOM ROMÃO
COME-LÉGUAS

PRÓLOGO

(Pelo proscênio, frente à cortina, surge uma velhinha risonha, extremamente simpática, vestida com uma túnica de gaze das cores do arco-íris, cabelos brilhantes cor de prata. Ela se aproxima bem da beira do palco e fala.)

QUERPIMAIA: Olá, meus amiguinhos! Sabem quem eu sou? (Faz que escuta.) Hum? Não, nem bruxa nem fada. (Sorri.) Sou Querpimaia, a Mãe-do-Sonho. Quando uma pessoa grande ou pequena está dormindo, trago um sonho pra ela. Quando a pessoa acorda, vou-me embora e carrego o sonho comigo. Desde que o mundo é mundo, faço as almas sonharem,

principalmente as alminhas das crianças. Gosto muito das crianças porque as crianças não precisam dormir pra verem coisas bonitas e mágicas: vêem tudo de olhos abertos, mesmo. (Confidencialmente.) Vocês querem que eu conte uma história? (Acena à platéia.) Venham, venham, minhas crianças, pisar o reino encantado! Contarei minhas lembranças de um jeito meio sonhado. (Afasta-se pela esquerda, onde fica, e a cortina se abre sobre um cenário de floresta, na penumbra.) Reparem bem neste papagaio, neste sapo e nesta coruja. (Apontas.) Nos sonhos que trago às, crianças os bichos têm ar de gente

e são falantes. Prestem atenção como conversam.

I ATO

(Em primeiro plano o Papagaio, de pé, o sapo, de cócoras, e a Coruja, sentada num toco de árvore, com as pernas cruzadas. Ao fundo, as árvores.)

PAPAGAIO: Currupacos papacos, seus ares estão fracos. Que houve, seu Cururu?

SAPO (apontando a Coruja): Dona Murucututu disse que não sei cantar.

CORUJA: Ele só sabe coaxar. (Balança os pés e assobia, baixinho.)

PAPAGAIO (tossindo): Modéstia à parte, canto é o meu! (Dá dois passos à frente, declamando.) Papagaio real lá de Portugal!

CORUJA: Isto também não é canto: é recitação. De mais a mais, que bobagem é esta que o senhor está dizendo? (Levantando-se, agressiva.) O senhor não é brasileiro?

PAPAGAIO (encolhendo-se): Quem me ensinou a prosa foi um primo papagaio que andou pela corte de Portugal. (Ganhando coragem.) A senhora não sabe, Dona Murucututu, que os marinheiros portugueses acharam meu primo papagaio digno de conhecer El-Rei? É como lhe digo: meu primo viajou de caravela, na de Pedro Álvares Cabral.

SAPO (à platéia): Eu ao menos não sou prosa. Canto minha cantiguinha com toda simplicidade.

CORUJA (mãos na cintura): Bem, simples o senhor é, Seu Cururu. Se o senhor fosse mais afinado e tivesse voz melhor, até que a cantiga não seria feia.

PAPAGAIO (batendo o pé, aborrecido): Ora, Dona Murucututu! A senhora

fala como se fosse a maior cantora da floresta!

CORUJA (olhando o papagaio de alto a baixo): E não sou? A prova de que todas as babás gostam da minha cantiga é que ninam as crianças com ela.

SAPO (deitando-se de barriga no chão): Pudera seu canto servir pra ninar criança! É tão cacete, que a gente acaba dormindo!

(O Papagaio ri e abafa o riso nas mãos.)

CORUJA (despeitada, enxugando os olhos num lençinho): Então quem é que canta melhor aqui na mata?

PAPAGAIO (batendo na testa): Tenho uma idéia! Vamos perguntar à Querpimaia.

OS BICHOS (juntos): Mãe-do-Sonho, velha boa, feiticeira da floresta! Qual é a voz que ressoa bonita feito uma festa?

(Querpimaia entra em cena e encaminha-se aos bichos.)

QUERPIMAIA: Pois se querem, saibam já: o canto mais lindo aqui vem da flautinha de Uirá, o tocador de membi.

OS BICHOS (juntos): Oh!...

PAPAGAIO: Quem é esse Uirá? Nunca ouvi falar nesse bicho.

CORUJA E SAPO (juntos): Nem nós!

QUERPIMAIA (sorrindo): Pra começar não é bicho: é gente. É um indiozinho muito levado, que toca uma flautinha de osso de onça. Em vez de ficar na taba com os outros curumis da idade dele, quer dizer, com os outros meninos, fica inventando música e correndo na floresta. O pai dele é um índio chamado Piranga. Um guerreiro valente. Vive atrás do filho, mas não adianta porque Uirá foge e esquece da vida. (Pondo a mão, em concha no ouvido.) Escutem só! Lá vem ele por aí. Vejam o que vai acontecer. (Sai, pelo proscênio.)

(Ouve-se um pequeno solo de flauta melodioso e aparece Uirá, que toca uma flauta de osso. Ele usa penas vermelhas como tanga e uma pena vermelha espetada na testa. Os bichos, que cochichavam, ao ouvi-lo, silenciam, fascinados. Depois que Uirá deixa de tocar a flauta, começam a sorrir e a bater palmas.)

OS BICHOS (em coro): Bravo! Bravo!
Você é Uirá?

UIRÁ (sorrindo e batendo no peito):
Mim indiozinho tupi.
Meu pai me chama de Uirá.
Minha mãe, de curumi.
Os brancos, de tupiná.
Mim tocador de membi.

(Mostra a flauta.)

PAPAGAIO (apresentando-se): Eu me chamo Papagaio.
Papagaio galo galo,
mais galo que a verde cor,
que vive papagaiando:
Papagaio Palrador.

CORUJA(numa reverência grotesca):
Sou a Murucututu
das cantigas de ninar.

SAPO: E eu sou sapo Cururu, o frio me faz cantar.

UIRÁ (apertando as mãos dos bichos):
Muito prazer. Muito prazer. Muito prazer.

PAPAGAIO: Uirá, queremos que você nos faça um grande favor.

UIRÁ: Mim faz.

CORUJA: Qual de nós três canta mais bonito na floresta?

SAPO (modesto): Depois de você.

UIRÁ: Como é que o Papagaio canta?

PAPAGAIO (estufando o peito):
Papagaio real lá de Portugal!
Quem passa?
É o rei que vai à caça.
Currupacos papacos!
Currupacos papacos!

UIRÁ: Hum! E o senhor, seu Sapo, como é que o senhor canta?

SAPO (sentando-se e levantando o pescoço):

Sapo Cururu

da beira do rio.

Quando o sapo canta, maninho,
é que está com frio.

UIRÁ: Hum! E a senhora, dona Murucututu, seu canto como é?

CORUJA (apertando as mãos cruzadas, em pose de prima-dona):
Murucututu da beira do telhado,
leva este menino que não quer ficar calado.

OS BICHOS: E então? Que tal?

UIRÁ (depois de passear, pensativo, segurando a testa): Hum! Todos cantam tão bem, que é impossível escolher. Porque o canto de cada um tem uma cor diferente.

PAPAGAIO: De que cor é meu falar?

UIRÁ: Cor de mata e cor de mar. (O Papagaio estufa o peito, contente.)

CORUJA: De que cor é meu cantar?

UIRÁ: Cor de treva e cor de luar. (A Coruja se emproa.)

SAPO: De que cor é meu coaxar?

UIRÁ: Cor de poça de cismar. (O Sapo ri.)

OS BICHOS (juntos):

Não há dúvida, não há:
o canto mais lindo aqui
vem da flautinha de Uirá,
o tocador de membi.

(Ouve-se um som sincopado de tambor: bum, bum, bum, bum.)

OS BICHOS: Que será? (Olham à volta, assustados.)

UIRÁ (deitando-se no chão e encostando o ouvido ao solo): É meu pai, o guerreiro Piranga, me procurando. (Pisca o olho.) Fiquem quietos que não quero ir dormir, não. Quero ficar brincando mais um pouco.

(Os bichos se calam e se encolhem. Da direita para a esquerda, pelo proscênio, passa Piranga, pintado de vermelho, enfeitado de penas, com

arco e flecha, a mão em pala sobre os olhos. Cada vez que ele dá um passo, rufa o tambor: bum, bum, bum.)

PIRANGA (parando):

Onde está? Onde está
meu curumi? Uirááá'!...
Onde está, onde está
meu curumi? Uirááá!

(Desaparece, e o rufar do tambor vai diminuindo.)

PAPAGAIO (incriminando Uirá com o indicador): Currupacos papacos pacos!

CORUJA (idem): Seu pai vai dar os cavacos.

SAPO (idem): Travessura tem limite!

UIRÁ (espevitado):

E vocês não dêem palpite.
Mim leva tudo na flauta.
Mim tocador de membi.

(O Papagaio, o Sapo e a Coruja se abraçam e simulam conspirar.)

UIRÁ: Que segredo é esse?

PAPAGAIO: Nós vamos buscar seu pai e contar a ele onde você está, senão você se perde na floresta. Você é muuuuito pequeno.

SAPO (abrindo os braços): E a floresta muito graaaande!...

CORUJA (sentenciosa) E a noite muito escuuuura!...

UIRÁ: Mas a noite vai custar.

PAPAGAIO: Ah, é o que você pensa, seu bobinho. Bem se vê que você não sabe olhar no relógio do sol e ver as horas do dia.

SAPO (examinando o céu): O dia está chegando ao fim.

CORUJA: Meninos não devem andar sozinhos, de noite, na floresta.

PAPAGAIO: Vamos, pessoal, vamos chamar o pai de Uirá. Eu vou voando, voando, e assim que avistar o índio Piranga, trepo num galho de árvore e grito:

(Diz tudo com mímica.)

Sei onde está
seu filho Uirá!

Sei onde está
seu filho Uirá!

SAPO: E eu vou espiando na cara de todos os brejos e lagoas do caminho. Assim que avistar o índio Piranga, pai de Uirá, coaxo:

(Diz tudo com mímica.)

Venha comigo,
que sou seu amigo!
Venha comigo,
que sou seu amigo!

CORUJA (desdenhando o Sapo, alisando a roupa): Se ele vier com o senhor, só chega amanhã. Seu Cururu, o senhor precisa perder esta mania de pensar que pode fazer as coisas que só fazem os bichos que têm asas. Lembre-se daquela festa do Céu a que o senhor não foi convidado, nem o senhor Jabuti.

SAPO (aborrecido): Não quero perder tempo batendo papo.

CORUJA (irônica): E bater papo não é seu ofício?

SAPO: Vou buscar o pai de Uirá.

PAPAGAIO (prosa): Mas sou eu quem vou trazer o pai de Uirá, e não vocês. O meu jeito de falar é cor de mata e de mar. Sou amigo das árvores e do vento, que fala com os ondas. Vou pedir às árvores e ao vento pra me ajudarem a encontrar o pai de Uirá.

CORUJA (empurrando o Papagaio): Não senhor, sou eu!

O meu jeito de cantar
é cor de treva e de luar.
Sou amiga da noite e da Lua. Vou pedir à noite e à Lua pra me ajudarem a encontrar o pai de Uirá!

SAPO (levantando-se, meio curvo): Vamos fazer uma aposta como quem encontra o pai de Uirá sou eu? O meu jeito de coaxar é todo cor de cismar!

Sou amigo das idéias e vou pedir a

elas pra ajudarem o pai de Uirá a chegar aqui.

(Os bichos se apressam. Um sai pela esquerda, outro pela direita. O Sapo dá de ombros e sai, pelo proscênio. Depois que eles se vão, Uirá pega o osso e toca flauta. Ouve-se o mesmo solo melodioso, e o cenário escurece mais. Logo que a música cessa, uma luz azul se acende, e aparece, ao lado do indiozinho, uma menina bonita, com cabeleira prateada, túnica de gaze branca e sapatos de bailarina prateados.)

UIRÁ (deslumbrado): Quem é você?
Alguma citatá?

(A menina faz que não entende.)

UIRÁ: Quem é você, menina?
(Desculpando-se.) Mim só fala Tupi.

ALFINHA (sorrindo): É, às vezes não entendo o que você fala, mas sempre que escuto sua flautinha fico encantada. Não sei como é que você me chama na sua língua, mas meu nome na língua dos astrônomos é Alfa. (Faz uma reverência, graciosa.) Sou Alfinha, estrela do céu. Desci lá de cima porque gosto de sua música e quero ser sua amiga. (Estende a mão.)

UIRÁ (apertando-lhe as pontas dos dedos): Se você não entende minha língua, como é que mim entende tudo o que você fala, estrelinha?

ALFINHA: Todos os artistas entendem a fala das estrelas, e você é um grande artista, apesar de pequeno, é um músico de verdade!

UIRÁ (com mímica):
Indiozinho é curumi.
Estrelinha é citatá.
Flautinha de osso é membi.
Quem toca membi? Uirá.

MACACO (aparecendo): Olá! (Dá uma cambalhota e coça o peito.)

ALFINHA (a Uirá): Quem é este palhaço?

MACACO (ofendido):

Palhaço, não: acrobata.

Sou macaco trapezista

e macaco equilibrista.

Macaco malabarista:

o grande atleta da mata!

(À medida que fala, simula os movimentos dos artistas de circo citados.)

ALFINHA (a Uirá): Que personalidade!

MACACO (à Alfinha): Macaquinha inteligente!

UIRÁ (indignado): Macaquinha? É uma estrela em pessoa!

MACACO (coçando a cabeça): Ué! E não dizem por aí que as pessoas descendem de macaco?

UIRÁ: Bobo! Não vê que ela não é gente? Ela é estrela!

MACACO (impertinente):

De que circo?

Ela é uma estrela acrobata?

Uma estrela trapezista?

Uma estrela equilibrista?

Estrela malabarista

de algum circo aqui da mata?

ALFINHA (rindo): Nada disso: sou uma estrela do céu.

MACACO (desdenhoso): Logo vi! Muito difícil ser estrela acrobata!

UIRÁ (puxando-lhe a orelha): Suma daqui! (O Macaco começa a guinchar e sai. Alfinha se ri, divertida.)

UIRÁ (à Alfinha): Onde é que fica sua casa, Alfinha?

ALFINHA: Lá no alto.

UIRÁ: Que é que você faz lá em cima o tempo todo?

ALFINHA: Tanta coisa! Ajudo os marinheiros a chegar aos portos, os viajantes a encontrarem o caminho. Dou recados aos namorados que estão longe uns dos outros, converso com os poetas, alumio um cantinho do céu para as crianças não terem medo da noite...

UIRÁ: Você trabalha muito!

ALFINHA: Até de madrugada. Sou a primeira a pisar o céu, quando a noite chega, e a última a ir dormir, quando chega o sol.

UIRÁ (puxando uma pedra e fazendo Alfinha sentar-se): Descance, descance. Você não brinca nunca?

ALFINHA: Brinco, sim. Às vezes atiro uma pedrinha de luz, lá do céu, na cabeça das pessoas. (Misteriosa.) Você nunca ouviu falar em estrela cadente? Pois as estrelas cadentes são as pedrinhas de luz que nós, as estrelas, jogamos de brincadeira, umas nas outras.

UIRÁ: É verdade que quem descobre uma estrela cadente pode fazer um pedido, que acontece?

ALFINHA: É. Por que você nunca fez nenhum pedido, Uirá? Você vive olhando pro alto e já me viu atirar várias estrelas cadentes.

UIRÁ: Não preciso de nada. Pra que incomodar uma estrelinha tão linda, à toa, à toa?

(Ouve-se o tambor anunciando Piranga.)

ALFINHA (assustada): Quem será?

UIRÁ: (deitando-se no chão e encostando o ouvido ao solo): É meu pai, o guerreiro Piranga, me procurando. Não tenha medo. A floresta é tão fechada, que ele não vai me achar.

(Pelo proscênio passa Piranga, outra vez, indagando à platéia.)

PIRANGA: Onde está? Onde está meu curumi? (Parando.) Uiráááá!... (Some.)

ALFINHA: Por que você se esconde, Uirá? Seu pai não é bom?

UIRÁ: Gosto mais da floresta que da taba, quer dizer: da minha casa. Há duas coisas que não troco por nada: uma é a floresta e a outra, meu membi.

ALFINHA: E eu que desci lá de cima pra vir buscar você, Uirá. Você não

quer vir tocar sua flautinha lá no céu? Se você vier, eu peço a meu amigo Cometa pra deixar você viajar montado na cauda dele.

UIRÁ: Que é cometa?

ALFINHA: Uma espécie de estrela com um rabo comprido, de luz.

UIRÁ (sonhando): Deve ser divertido viajar pelo céu num cometa. Aí está uma coisa que eu gostaria de fazer: andar por cima das nuvens. (Resoluto.) Mas não troco nada no mundo por minha floresta. Gosto do céu, mas gosto da terra também.

ALFINHA: Porque você é artista: acha beleza aqui em baixo e lá em cima. Você vive entre o céu e a terra.

UIRÁ: É assim que quero viver, sempre: entre o céu e a terra. (À Alfinha.) Quer que toque pra você uma coisa bem bonita? (Alfinha aceita, e Uirá toca a flauta. O mesmo solo ressoa, e a menina começa a dançar. Quando a música finda, ouve-se uma espécie de trovão. A estrelinha foge, sob foco de luz azul. O cenário clareia um pouco, e Uirá, assustado, esconde-se atrás da pedra.)

II ATO

(Uma luz foca a platéia. Entram Dom Romão e Come-Léguas, de gibão e chapelões de couro, ambos de trabuco e com lanternas acesas. Come-Léguas tem, debaixo do chapéu, um lenço vermelho amarrado na cabeça e um tapa-olho de pirata.)

DOM ROMÃO (rumo ao palco):
Sou o valente das bandeiras,
bandeirante entre outros mil.
Dou pontapés nas fronteiras
pra ver crescer o Brasil!

COME-LÉGUAS: Como légua, rompo mato,
caço bugre de arcabuz,

caio em cima do que cato,
ouro ou índio: catrapuz!

DOM ROMÃO: Bandeirante, avante,
avante!

COME-LÉGUAS: Aventureiro! Eia! Sus!
(Encaminha-se para o palco, pela
direita, marchando pelo proscênio.)

DOM ROMÃO (já no palco, simulando
cansaço): Alma de ferro! Corpo de
couro!

Alma de ferro! Corpo de couro!

COME-LÉGUAS (atrás de Dom Romão):

Fujo e me enterro.

Que é do tesouro?

Fujo e me enterro.

Que é do tesouro?

(Quando se aproximam do cenário,
nota-se a pena da cabeça de Uirá
aparecendo atrás da pedra.)

DOM ROMÃO (parando): Come-Léguas,
vamos fazer uma fogueirinha pra
espantar as feras e fazer sopa de
carne-seca! (Queixando-se.) Uns
dizem que nossas botas são de
gigantes, outros dizem que são
mágicas. Mas nós dois sabemos
muito bem que são botas iguais às
dos outros homens: fazem calos e
pesam feito chumbo quando os
pés se cansam.

(Senta-se no chão.)

Me ajude a tirar as botas, Come-
Léguas!

COME-LÉGUAS: Vosmecê tem a mania
de me fazer de criado! Vosmecê
não é meu patrão!

DOM ROMÃO (altivo): Mas sou nobre e
você não é.

COME-LÉGUAS (começando a tirar-lhe
as botas): Nobre? De que reino?

DOM ROMÃO: Sou nobre de alma!
Nobre na coragem, nobre na
bravura, nobre no caráter.
Vosmecê, que é? Um pirata! (Dá-
lhe um pontapé) Ha, ha, ha, ha, ha!
Mas sou eu quem tem o mapa do
tesouro, aqui! (Bate na testa.) Só eu
é que sei onde ele está, de cor!

COME-LÉGUAS (de ódio aceso): Falta
muito pra gente chegar até o
tesouro, Dom Romão?

DOM ROMÃO: E vosmecê pensa que
sou bobo pra lhe contar? Se
contar, vosmecê vai na frente, e
fico sem ninguém pra me tirar as
botas! Ande, acenda a fogueira!

COME-LÉGUAS (apontando a pedra
onde Uirá está escondido): Espere,
Dom Romão! Apareceu uma
peninha pra atrapalhar. (Aponta-a.)

DOM ROMÃO: Caluda! Vosmecê tem
razão, Come-Léguas! Temos bugre
rondando! Com certeza algum
índio feroz, daqueles que comem
picadinho de bandeirante com
farofa. Vamos, Come-Léguas! Você
de um lado e eu do outro. Não
deixe o bruto escapar!

(Ambos começam a engatinhar, trabuco
em riste, e pegam, cada um, uma das
orelhas de Uirá.)

DOM ROMÃO (a Uirá): Como é teu
nome, pagão?

(Uirá continua calado.)

COME-LÉGUAS (a Uirá): Responde,
renegado!

(Uirá continua calado.)

DOM ROMÃO: O pagão não quer falar.

COME-LÉGUAS: Parece que o renegado
não tem língua.

UIRÁ (livrando-se dos bandeirantes):

Mim não se chama pagão.

Mim não se chama renegado.

(Orgulhoso.)

Eu indiozinho tupi.

Meu pai me chama de Uirá.

Minha mãe, de curumi.

Os brancos, de tupinã.

Mim tocador de membi.

COME-LÉGUAS (a Uirá): Ah! É dos tais
bugres que levam tudo na flauta,
não é? Que não querem trabalhar?
(A Dom Romão.) Este menino tem
cara de comilão, e nossa carne-
seca está acabando.

DOM ROMÃO (zangado, a Come-

Léguas): Vosmecê não toque num fio de cabelo do Uirá, ouviu? (A Uirá.) Não tenhas medo, curumi: o Come-Léguas não te fará mal e de tudo que encontrarmos, seja carne, peixe ou fruta, a terceira parte será tua. Não serás maltratado nem morrerás de fome. (Alisa a cabeça de Uirá.)

UIRÁ (altivo): Mim não tem medo de ninguém! Meu pai índio Piranga.

DOM ROMÃO (apreensivo): Há muitos índios por aqui? Ou tua taba fica longe?

COME-LÉGUAS (com medo): Se algum parente dele aparece, viramos picadinho.

DOM ROMÃO (a Uirá): Onde estão os outros índios, teus parentes? Perto ou longe?

UIRÁ: A um sol de caminho.

COME-LÉGUAS: Que quer dizer isto, Dom Romão?

DOM ROMÃO: Que estão longe. Pra chegar até lá, temos de andar um dia inteiro na floresta.

COME-LÉGUAS (enxugando o rosto num lenço, com alívio): Ui! Que susto levei! (Começa a catar lenha pelo chão.)

UIRÁ (zombando de Come-Léguas): Come-Léguas medroso.

(Come-Léguas faz uma careta enquanto junta lenha num monte, para a fogueira.)

DOM ROMÃO (a Come-Léguas): Vosmecê acenda a fogueira de uma vez! E tu, Uirá, vai e enche este caldeirão de água do rio, pra fazermos nossa sopa de carne-seca.

(Sai Uirá, e Dom Romão senta-se na pedra. Come-Léguas junta lenha e tenta acender, sem conseguir, a fogueira.)

UIRÁ (voltando, com o caldeirão): Come-Léguas não sabe fazer fogo. (Batendo no peito.) Uirá sabe!

DOM ROMÃO (a Uirá): Pois então

acende esse fogo de uma vez, que estou com uma fome de dar medo.

(Enquanto Come-Léguas, de mãos na cintura, olha, Uirá tenta fazer fogo em dois pedaços de pau - na verdade, aperta uma luz elétrica que ilumina a fogueira.)

DOM ROMÃO (a Uirá): Bravo! Já podemos fazer nossa comidinha. (Guloso.) Será que você sabe cozinhar também?

UIRÁ (orgulhoso): Mim sabe.

DOM ROMÃO: Ótimo! Mas só temos este pedaço de carne-seca.

UIRÁ: Mim arranja palmito, milho e mandioca pra botar na sopa. (Tira-os detrás da pedra.)

DOM ROMÃO: Aprenda, Come-Léguas! Aprenda o que é comida brasileira. Mas antes vamos armar o tripé e botar a panela no fogo!

COME-LÉGUAS (mau): Também entendo de cozinha. Podemos botar um osso no caldo da sopa pra dar gosto. Que tal pôr um osso de onça? Um osso de jaguar, hein?

DOM ROMÃO (sempre guloso): Excelente! Excelente! Mas onde encontraremos o osso?

COME-LÉGUAS: Uirá tem um.

DOM ROMÃO (protestando): Mas é a flautinha de Uirá!

UIRÁ (indignado): Mim não dar meu membi!

DOM ROMÃO: Está bem, está bem. (Piscando o olho a Uirá.) Guarda tua flautinha bem guardada, senão o Come-Léguas atira-a na sopa.

(Come-Léguas se afasta, desapontado, e Dom Romão torna a sentar na pedra.)

DOM ROMÃO: Escuta, Uirá, amanhã vou levar-te de volta pra tua taba. Tua mãe, coitada, deve estar triste, com saudades.

UIRÁ: Dom Romão meu amigo. Mim gosta de Dom Romão.

DOM ROMÃO: Olha! Lá vem o Come-Léguas com um punhado de araçás maduros. Já temos sobremesa. (A Come-Léguas.) E a sopa? Está pronta?

COME-LÉGUAS (remexendo a sopa na panela com uma concha e provando):

Está meio salgadinha e fervendo de esquentar. Não é canja de galinha, mas serve pro paladar.

DOM ROMÃO (esticando uma caneca, que Come-Léguas enche):

Tomarei desta sopinha. Não há mais o que tomar. (Provando-a.) Não é canja de galinha, mas serve neste lugar.

UIRÁ (enchendo a caneca com a concha): Mim não sabe o que é galinha.

Nem canja. Mas vai tomar esta sopa salgadinha e fervendo de esquentar.

(Os três simulam esvaziar as canecas.)

DOM ROMÃO: Agora, boa noite, companheiros. Vou dormir que é tarde. Come-Léguas, vosmecê monta guarda.

COME-LÉGUAS: Vosmecê abusa, Dom Romão. Vosmecê pensa que vale muito!

DOM ROMÃO: E não valho? Lembre que sei de cabeça onde é o lugar do tesouro. Portanto valho um tesouro. Boa noite, pirata.

COME-LÉGUAS: Pirata, sim. E vosmecê: que é?

DOM ROMÃO (altivo): Um sonhador, Come-Léguas! Você nunca me entenderá.

COME-LÉGUAS: Um momento! Vamos tirar a sorte pra ver quem fica de sentinela. (Tira do bolso uma moeda.) Cara ou coroa?

DOM ROMÃO: Coroa.

COME-LÉGUAS (atirando a moeda):

Cara.

DOM ROMÃO: Que é que saiu?

COME-LÉGUAS (pegando o níquel e examinando-o): Cara.

DOM ROMÃO (à platéia): Desconto, que esta moeda é falsa. (Revira-a nos dedos. Depois, diz a Come-Léguas.) Mas a cara é coroada. Portanto ganhei: eu disse coroa.

COME-LÉGUAS: Mas eu disse cara, portanto empatou. O bugre que monte guarda, se quiser.

DOM ROMÃO (a Uirá): Não fugirás, não é certo?

UIRÁ (dando-se ares de importância): Uirá fica!

(Dom Romão e Come-Léguas se deitam ao redor da fogueira, com os braços sob a cabeça, e dormem. E Uirá fica de pé, os braços cruzados, compenetrado de sua missão.)

QUERPIMAIA (aparecendo e dirigindo-se ao público, pelo proscênio): Vocês vão ver, agora, Uirá conversar com os bichos. Natural que Dom Romão e Come-Léguas não acordem porque pra eles os bichos não falam feito gente. Só falam pra Uirá porque Uirá é índio, vive na mata e entende a fala dos bichos. (Sorri.) Prestem atenção! (Sai pelo proscênio.)

III ATO

(Uirá de guarda. Junto à fogueira os bandeirantes, dormindo).

PAPAGAIO (entrando e sacudindo-se como se estivesse pousando): Currupacos papacos pacos. Não vi teu pai: só macacos.

UIRÁ: Bem feito! Isto é pra você não ser garganta.

PAPAGAIO (desculpando-se): Mas tenho de ser garganta! (Em tom declamatório e cômico.) Eu me chamo Papagaio. Papagaio gaio gaio,

mais gaio que a verde cor,
que vive papagaiando:
Papagaio Palrador.
(Olha o bandeirantes.)
Quem são os dois araras?

UIRÁ: Araras nada! Não têm nada de bobos. Um deles se chama Dom Romão e sabe de cabeça onde fica um tesouro.

PAPAGAIO (examinando Dom Romão): É, tem cara de gavião.

UIRÁ: E o outro é pirata.

PAPAGAIO (examinando Come-Léguas): Ih! Tem cara de urubu.

(Os dois riem.)

CORUJA (aparecendo e limpando a roupa, afetada):

Não me falem de urubu,
que estou mais que jururu:
não achei seu pai, Uirá!

UIRÁ: Dona Murucututu, bem feito pra não ser má!

CORUJA (defendendo-se): Eu sou tão feia que pareço má. Mas sou boazinha, muito boazinha.

PAPAGAIO: Pro fogo!

CORUJA (dando costas ao Papagaio): Antipático!(Olhando os bandeirantes.) Quem são estes dois barbudos ao pé do fogo?

(Corte ao examiná-los).

Bandeirantes!

(Apontando Dom Romão.)

Este vai ser herói da História do Brasil, porque dá pontapés nas fronteiras. (Olha à direita.) Mas quem vem chegando?

SAPO (cantando):

Sapo Cururu

da beira do rio!

Sapo pulou tanto, maninho,
que nem sente frio.

UIRÁ (ao Sapo): E o senhor, viu meu pai?

SAPO (desconsolado):

Olhei brejo, rio e lago
e rastro nenhum lhe trago!

(Olhando à volta.)

Quem são estes dois malucos

que andam armados de trabucos?

(Fica de cócoras.)

UIRÁ: Dom Romão e Come-Léguas.
(Ouve-se barulho de paus quebrados.)

OS BICHOS (a Uirá): Sentinela, alerta!

UIRÁ (aprumando-se em posição de sentido): Alerta está!

OS BICHOS e UIRÁ (juntos): Quem vem lá?

MACACO (aparecendo): Sou eu?
(Dá uma cambalhota.)

OS BICHOS (juntos): Palhaço!

MACACO (protestando): Palhaço não, acrobata!

Sou macaco trapezista

e macaco equilibrista.

Macaco malabarista:

o grande atleta da mata!

(Exibe-se, cômico.)

UIRÁ:Vá-se embora, macaco: você não faz parte da minha história.

MACACO (cruzando os braços): Tenho de fazer. Faço parte de todas as histórias das crianças brasileiras.

OS BICHOS: Atrevido!

MACACO (à platéia): Não é verdade que, de todos os bichos, o que vocês gostam mais sou eu?

OS BICHOS (juntos): Atrevido!

MACACO (aos bichos): Ah! É assim, não é? Pois eu vinha dizer que encontrei o pai de Uirá, o índio Piranga.

OS BICHOS (em coro): Onde é que ele está?

MACACO: Não digo! Vocês me chamaram de atrevido.

OS BICHOS (em coro): Palhaço!

MACACO (ao Papagaio): Palhaço é papagaio que tem mania de contar anedotas bobas.

(À coruja) Palhaça é coruja que dá susto em criancinha. (Ao Sapo.) E palhaço é sapo apaixonado por estrela.

UIRÁ (ao Sapo): Seu Cururu, o senhor anda querendo namorar a minha

namorada?

SAPO (levantando-se e fechando os punhos como lutador de boxe): Só há uma estrela no céu?

UIRÁ (empurrando o Sapo pelo peito): Há muitas. Mas, se for a Alfinha, eu lhe dou um soco no papo!

PAPAGAIO E CORUJA (juntos): Este Macaco faz cada confusão! Vamos dar um fora nele?

(Caem sobre o macaco, que sai, fugindo. O Sapo sai atrás, desanimado.)

UIRÁ (olhando os homens ao pé da fogueira): Como é que se pode dormir com esta barulhada? (Senta-se na pedra, pensativo.) Mim muito preocupado. O Macaco disse que o Sapo gosta de uma estrela. Será que é a minha?

(Ouve-se um risinho, e sob o clarão azul, que a segue, surge Alfinha. Uirá, alegre, levanta-se e corre para a estrela.)

ALFINHA (brejeira, mãos na cintura): Então você pensa que eu me passo pro Sapo Cururu? De mais a mais, você devia saber que o Sapo está noivo.

UIRÁ: Quem disse?

ALFINHA: Ele mesmo, ora essa! Ele não canta na segunda parte da cantiga assim: (Cantando.) A noiva do Sapo diz que tá lá dentro fazendo rendinha, maninha, pro seu casamento!?

UIRÁ (contente, dando-lhe a mão): É mesmo! Você sabe de tudo, hein, Alfinha?

ALFINHA (modesta): É que lá do céu vejo tudo, tudo.

UIRÁ: Você viu meu pai?

ALFINHA: Vi, sim; o Macaco também viu e chamou:

Índio Piranga
cor de pitanga!
Vem cá, vem cá,
que eu vi Uirá!

UIRÁ: Que é que meu pai respondeu?

ALFINHA: Nada. Seu pai não entende língua de macaco. (Senta-se na pedra.)

UIRÁ (triste): Coitado de meu pai! Eu não devia ter fugido. Sabe, Alfinha, eu me perdi na floresta. Agora tenho de esperar ou que Dom Romão me leve, ou que meu pai apareça pra me levar.

(Ouve-se som sincopado e longínquo de tambor.)

UIRÁ (deitando-se no chão e encostando o ouvido ao solo): É meu pai, sim. Mas os passos dele estão longe, ainda.

ALFINHA (levantando-se): E se você tocasse sua flautinha, Uirá? Com a música ele havia de achar você. Toque, Uirá, toque!

UIRÁ (animado): Que idéia brilhante, estrelinha!

ALFINHA (sorrindo): Claro! Não sou uma estrela? (Acenando.)

Toque sua flautinha!

Adeus, Uirá! Tenho de ir-me embora. Toque sua flautinha!

(Desaparece sob o foco de luz)

(Uirá pega o membi e toca. Ouve-se o solo de flauta. Quando este termina, o tocar do tambor aumenta, e aparece Piranga no palco, pelo proscênio.)

PIRANGA (mãos em pala sobre os ombros): Onde está? Onde está meu curumi? (Avistando o indiozinho.) Uiráááá!... (Abraça-o.)

(Os bandeirantes acordam. Dom Romão e Come-Léguas se levantam e pegam os trabucos, apontando-os para o índio, comicamente.)

DOM ROMÃO (a Piranga): Renda-se, pagão!

COME-LÉGUAS (tremendo): Renda-se, renegado!

PIRANGA (abraçando Uirá com força):

Mim guerreiro Piranga.

Mim guerreiro tupi.

Índio cor de pitanga.

(Batendo no peito.)
Uirá meu curumi.
Uirá meu curumi.

COME-LÉGUAS (a Dom Romão): Atiro nele?

DOM ROMÃO (enfático): Vosmecê está louco? Gente de alma nobre não atira em ninguém, quanto mais injustamente!

COME-LÉGUAS (à platéia): Mas como não sou nobre, sou pirata, vou dar um susto nele.

(Atira para o alto. Piranga, assustado, desfecha uma flecha que pega nos fundilhos de Come-Léguas.)

COME-LÉGUAS (fugindo): Ai, ai, ai, aii!

DOM ROMÃO (rindo): Vai, bobo, vai!

PIRANGA E UIRÁ (rindo): Ri, ri, ri, ri!

DOM ROMÃO (estendendo a mão a Piranga):

Muito prazer, índio Piranga.
Sou o valente das bandeiras,
bandeirante entre outros mil.
Dou pontapés nas fronteiras
pra ver crescer o Brasil.

(Abraçam-se. O Papagaio, o Sapo e a Coruja aparecem pelo proscênio e ficam de lado.)

PAPAGAIO (à platéia): Isto é que é um verdadeiro bandeirante!

A CORUJA (à platéia): Um homem justo.

SAPO (à platéia): E amigo dos índios.
(Viram-se para a cena, assistindo a ela.)

DOM ROMÃO (a Uirá): Adeus, Indiozinho! Sê feliz.

UIRÁ: Adeus, Dom Romão! O senhor vai continuar sua marcha?

DOM ROMÃO (calçando as botas): Vou. Bandeirante, avante, avante!
(Pondo o chapéu e se afastando.)
Alma de ferro!
Corpo de couro.
Alma de ferro!
Corpo de couro.

COME-LÉGUAS (entrando pelo outro lado):

Fujo e me enterro.
Que é do tesouro?
Fujo e me enterro.
Que é do tesouro?
(Dando com Uirá, pára e grita.)
Dom Romão foi embora?

UIRÁ: Foi.

COME-LÉGUAS (chorando): Perdi o tesouro! Perdi o tesouro!

OS BICHOS (juntos, do proscênio): Bem feito!

COME-LÉGUAS (apontando para Uirá com o trabuco): Perdi o tesouro por sua causa, seu indiozinho tocador de flauta!

OS BICHOS (alarmados, invadindo a cena): Ele vai atirar no Uirá!

(Correm e se precipitam sobre Come-Léguas.)

PIRANGA (precipitando-se também): Pirata malvado!

(Forma-se um bolo, ouve-se um tiro e o cenário escurece. Logo em seguida acende-se a luz e vêem-se Piranga, Come-Léguas e os bichos, todos olhando uns para os outros, admirados.)

COME-LÉGUAS: Ué! Que é do indiozinho?
(Cai sentando no chão, apatetado.)

PIRANGA: Onde está meu curumi?

PAPAGAIO (chamando, à direita): Uiráááá?...
(À platéia.) Alguém viu Uirá?

CORUJA (chamando, à esquerda): Uiráááá?...
SAPO (procurando na platéia): Uiráááá!...

COME-LÉGUAS (apanhando o osso): Ele desapareceu: só deixou a flauta.

OS BICHOS (à platéia): Só ficou flautinha de Uirá!

PIRANGA: Ele não pode ter desaparecido! Ele gostava demais da floresta, gostava demais de tocar membi.
(Olhando para o alto)

Estrelinha! Estrelinha! Você viu Uirá?
(Chega Alfinha, sob foco de luz azul.)

ALFINHA (a Piranga): Você me chamou,

índio Piranga?

PIRANGA: Estrelinha, Uirá desapareceu! Será que foi pro céu morar na sua casa?

ALFINHA: Não, não foi. Uma vez até eu convidei Uirá pra ir morar no céu e viajar na cauda de um cometa. Mas ele não quis.

PIRANGA (ansioso): Que foi que ele disse?

ALFINHA: Que gostaria muito de voar e conhecer o céu, mas que preferia viver sempre na floresta. Entre o céu e a terra.

PIRANGA: Então ele deve estar aqui por perto.

(Começa a procurá-lo, e os bichos cochicham. Súbito, ouve-se o solo de flauta, e todos calam.)

COME-LÉGUAS, PIRANGA, OS BICHOS (juntos): Uirá!...

(Aparece Uirá vestido de pássaro, acenando a todos.)

ALFINHA: Uirá! Você virou pássaro encantado!

PIRANGA (deslumbrado): Uirá, você já não precisa de membi: tem uma flautinha mágica na garganta!

PAPAGAIO (a Uirá): Você poderá voar bem alto, Uirá!

CORUJA (a Uirá): Você poderá ficar cantando a vida toda, Uirá!

SAPO: Você será o feitiço da floresta, Uirá!

ALFINHA: E você viverá como sempre quis, Uirá, entre o céu e a terra.

PIRANGA (sacudindo a cabeça, pasmo): Você está contente, Uirá?

(Uirá faz que sim e sorri. Pega numas penas vermelhas e as distribui.)

UIRÁ: Estas penas são pra dar sorte e alegria a todos vocês. A primeira é pra meu pai.

PIRANGA: Obrigado, meu curumi.

UIRÁ: E a segunda pra minha namorada.

ALFINHA: Agradecida.

UIRÁ (aos bichos): E estas aqui para meus amigos: Papagaio, Dona Murucututu e Seu Sapo Cururu.

OS BICHOS (juntos): Obrigado!

MACACO (entrando): E eu não ganho nenhuma?

UIRÁ: Ganha sim. (Dá-lhe uma pena).

OS BICHOS (enciumados): Fora daqui, Macaco!

(O Macaco sai correndo.)

UIRÁ (a Come-Léguas): Só você não ganha. Você não merece.

COME-LÉGUAS (saindo e chorando, comicamente): Uai, uai, uai, uai!...

OS BICHOS (setenciosos): Esse não vai entrar na História do Brasil, não.

PIRANGA (a Uirá): Como é que você se chama agora, meu filho? Porque você agora não é mais gente: é pássaro encantado.

UIRÁ: Eu me chamo Uirapuru. (À platéia.) Lembre-se: Uirapuru.

TODOS (juntos): Viva o Uirapuru! Viva o Uirapuru da flautinha mágica na garganta!

EPÍLOGO

(Mal a cortina vai baixando, surge Querpimaia, pelo proscênio.)

QUERPIMAIA (à platéia): Então, meus netinhos gostaram da história? Pois é: o indiozinho Uirá virou o pássaro de voz mais bonita do Brasil. Virou Uirapuru. Quando o Uirapuru canta, todos os outros pássaros se calam pra escutar.

(Como que segredando.)

Se vocês forem passear na floresta, procurem uma peninha de Uirapuru; dá uma sorte!

(Atira um beijo à platéia e entra pela cortina, já descida).

F I M

Maiores de 13 anos

(aproximadamente)

Cupido e Stanislavsky

Ricardo Gouveia

CUPIDO E STANISLAWSKY

Brincadeira em um ato

Ricardo Gouveia

PERSONAGENS:

Sílvia (15 anos)

Dodô (seu irmão, 12 anos)

D. Marina (mãe deles)

Henrique (namorado de Sílvia - 17 anos)

Juca (diretor do grupo teatral do grêmio, 20 anos, um tanto intelectual)

CENÁRIO:

Rotunda. Cenário duplo separado pela iluminação. O cenário 1 é a sala de visitas da casa de Sílvia, com os respectivos móveis; o cenário 2 é a sede do grupo teatral do grêmio. (Música, black-out. A luz se acende em resistência no cenário 1; em cena, Sílvia, esparramada numa poltrona, de "jeans" esfarrapados, descalça, cabelos soltos e desgrenhados, um imenso blusão de mangas arregaçadas e óculos grandes e redondos, lendo um livro em cuja capa, se possível visível da platéia, lê-se o título "**O ULULAR DAS ENTRANHAS**". Dodô está sentado no chão perto da irmã, desenhando. Sílvia vira uma página, remexe-se na cadeira e dá um suspiro profundo. Dodô ergue os olhos e fica observando, divertido, por um instante; tem uma idéia, tira do bolso uma peninha, levanta-se bem devagar e vai fazer cócegas nos pés da irmã).

SÍLVIA (sobressalta-se): Dodô! O que é isso, menino?

DODÔ (rindo): Perdão, maninha, mas esses pezinhos estavam tão tentadores aí na minha frente, que eu não resisti!

SÍLVIA (tristeza exagerada): Oh, Dodô... Você deveria ter mais respeito por... pelo... Pelo deplorável estado em que se encontra meu pobre

coração angustiado...

DODÔ (gozador): Ora vejam só... E então, a minha querida Silvinha ficou de coração angustiado... Mas que coisa. Também, não é para menos. Até o Totó ficaria de coração angustiado, ou quem sabe até de fígado angustiado, se tivesse que ler... (Arranca o livro das mãos dela.) "O Ulular das

Entranhas”!

SÍLVIA: Dodô! Me devolva este livro imediatamente! (Há uma pequena correria por entre os móveis. Finalmente Sílvia consegue arrancar o livro de Dodô, que, aliás, não opõe muita resistência e se esconde comicamente atrás de uma poltrona, como quem tem medo de apanhar.)

DODÔ: Perdão, perdão, honorável irmã!

SÍLVIA (ar de superioridade dramática): Ah, Dodô, Dodô... Você ainda é muito criança para entender essas coisas... (Volta languidamente para a poltrona.) Aproveite, meu irmão, a tua doce infância... Pois ainda há de chegar o dia em que também você sofrerá a angústia existencial que caracteriza a decadência da civilização hodierna... (Enquanto ela fala, Dodô vai saindo lentamente de trás da poltrona, olhando para ela com ar de comiseração.)

DODÔ: Chiiiiiii.... Cê tá mal mesmo, hein garota? Acho melhor eu ir chegando... Esse negócio pode pegar... (Sai rindo.)

(Sílvia, depois de um longo suspiro, volta à sua leitura. O telefone toca. Sílvia olha para o aparelho com uma cara aborrecida.)

D. MARINA (de fora): Sílvia! Atenda o telefone!

SÍLVIA: Já vou, mamãe... (Atende.) Alô... Oito-oito-oito, oito-oito-oito meia oito. Sim, é aqui mesmo. Ah, é você Henrique... Como assim, não reconheceu minha voz... É a mesma de sempre. É que eu estava lendo... e meditando... Sobre a angústia existencial que caracteriza a sociedade hodierna... Ora, Henrique. Hodierna é hodierna. O quê? Você vem aqui? Agora? Mas... (Aborrecida.) Ora, está bem, Henrique. Até já. Eu também te amo. (Desligando, com um suspiro.)

Talvez...

D. MARINA (entrando): Sílvia, eu queria que você fosse até o... (Percebe.) Ei, o que é isso, Sílvia?

SÍLVIA: Isso o quê, mamãe?

D. MARINA: Você está parecendo um bicho-do-mato, menina! (Decidida.) Olha, antes de mais nada, você vai tomar um banho e se arrumar que nem gente. Depois, quero que você vá ao supermercado para mim.

SÍLVIA (dramática): Oh, mamãe... Não posso!

D. MARINA: Não pode por quê? (Subitamente preocupada.) Será que está faltando água outra vez?

SÍLVIA: Não, é que eu... Eu sinto uma angústia aqui por dentro... Como se fosse... Como se fosse um elefante sentado sobre as minhas entranhas!

D. MARINA (assustadíssima): O quê? Filhinha, desde quando você está sentindo isso? Dói muito? (Vai para o telefone.) Vou já chamar o Doutor Moacir...

SÍLVIA: Não, mamãe! Eu estou me sentindo muito bem! Você não me compreende. Ninguém me compreende.

D. MARINA: Você quer dizer que não está doente?

SÍLVIA (impaciente): É claro que não, mamãe.

D. MARINA: Mas, se você não está doente, então por que você está com cólicas?

SÍLVIA: Eu não estou com cólicas, mamãe.

D. MARINA: Então, o que é?

SÍLVIA (muito dramática): “Ah, que me esmaga a sensação do nada!” (Cita.) Schoppenhauer.

D. MARINA (pensando que entendeu): Ah, então é isso... (Compenetrada.) Minha filha, você já é mocinha. Já é tempo de nós conversarmos uma vez de mulher para mulher. Acho

que está na hora de você enxergar as realidades da vida e...

SÍLVIA: É exatamente o que estou fazendo, mamãe. Estou começando a descobrir o que é a vida. A condição humana é irreversível... E cheia de angústia existencial...

D. MARINA: Minha filha, já é tempo de você saber que nós, mulheres, temos... (Toca a campainha.) Meu Deus, quem será?

SÍLVIA (suspiro de resignação): Deve ser o Henrique, mamãe... Deixa que eu vou abrir... (Levanta-se.)

D. MARINA: Você vai assustar o seu namorado com essa sua aparência, Sílvia.

SÍLVIA: Espero que ele possa entender o que se passa em minha alma jovem. Ele também é jovem e deve sentir, em sua própria pele, a decadência da sociedade hodierna... (Toca a campainha.) Ih, mas que impaciência! (Vai saindo.) Já vou, já vou!

D. MARINA (sozinha): Hodierna?

HENRIQUE (entrando): Oi, Dona Marina!

D. MARINA: Oi, Henrique.

(Sílvia entra logo depois de Henrique e fica ouvindo com cara trágica.)

HENRIQUE: Sabe, Dona Marina, eu tenho uma novidade sensacional!

D. MARINA: É mesmo? E o que é?

HENRIQUE: Depois de mil testes, fui escolhido para fazer o papel principal lá na peça do grêmio! (Faz pose.) Já imaginou o Kiki aqui presente, dando uma de grande ator?

D. MARINA (rindo): Parabéns, Henrique... Mas agora vou deixar vocês a sós. Ainda tenho que cuidar do almoço. (Sai.)

HENRIQUE (para Sílvia): Então, xuxu, o que você acha da... (Percebe que ela está lá, em pé, olhando para ele com cara de "angústia

existencial".) Ei! Qualé?

SÍLVIA (trágica): Qualé o quê, Kiki?

HENRIQUE: Olha só o "layout" da moça. Que barato! Pra que essa produção toda?

SÍLVIA: Henrique... Eu esperava que você fosse capaz de compreender melhor os meus sentimentos de jovem mulher hodierna...

HENRIQUE (arregala os olhos): Pombas! É assim que se chama a gripe que está dando agora?

SÍLVIA: Ora, Henrique, não fala abobrinha. Estou falando da angústia existencial de uma jovem mulher oprimida pela decadência da sociedade hodierna.

HENRIQUE: Num saquei.

SÍLVIA: Não seja vulga, Kiki. Você veio perturbar a melancolia introspectiva do meu pensar.

HENRIQUE: Ah, estou perturbando. Tá legal. A mocinha ficou in... introspectiva, e cheia de pensar, e ho... hodierna. Assim, sem mais. Tá legal.

SÍLVIA: Oh, Henrique... Já percebi que você jamais compreenderá o que se passa em minh'alma de jovem mulher hodierna. Você é... É burguês demais para entender.

HENRIQUE: Ah, sei. Tá legal. Depois você me explica, falou? (Mudando de assunto.) O que eu queria agora era que você me ajudasse a decorar o meu papel na peça do grêmio.

SÍLVIA: Que peça? Que papel?

HENRIQUE (mostra o texto): Taqui. "O juiz de paz na roça". Do Martins Pena. É clássico. É uma comédia legal. Eu faço o juiz.

SÍLVIA: Oh... Martins Pena... Já estudei na escola... Mas que coisa ultrapassada! Hoje em dia, meu caro, devemos apresentar peças que retratem mais a... A angústia existencial da juventude hodierna.

HENRIQUE: Existencial? E ainda hodierna?
Acho que estou ficando velho.
Nunca fui existencial, nem
hodierno. Nunca me deu isso, não.

SÍLVIA: Kiki, Ó Kiki... Há em vossas
palavras uma absoluta falta de
profundidade e compreensão...
Uma jovem mulher como eu,
Henrique, precisa de alguém que a
compreenda, que a apóie e que
compartilhe com ela sua profunda
depressão e angústia existencial...

HENRIQUE: Tá legal, tá legal. Que
existencial é essa?

SÍLVIA: Angústia existencial, Kiki, Angústia.
A Angústia do Nada! O terror do
vazio que nos rodeia! "Ah, que
esmaga a sensação do Nada!"
(Cita.) Schopenhauer. Mas... Não.
Não adianta explicar. Você não se
conscientiza como eu me
conscientizo. A realidade objetiva
do "vamos ver" não está presente
em você. Sabe, Kiki... Eu descobri.
Você... Você não se assume!
(Penalizada.) Kiki... (Agressiva.) Oh,
Kiki! (Dramática.) "Creio que entre
nós não há nada em comum."
(Cita.) Sigmund Freud.

HENRIQUE (indignado): Quê??!!! Nada
em comum? Como não? E todas
as coisinhas que nós já fizemos
juntos? Os acampamentos, os
churrasquinhos, os... os... as... as... as
coisas!!!

SÍLVIA: As coisas... Ora, as coisas... As
coisas, meu filho... São as coisas...
(Mímica de águas passando.)
Passam-se as águas...

HENRIQUE (seriíssimo, arremedando a
mímica): Sei, "passam-se as
águas..."

SÍLVIA:... e as coisas se passam. Hoje,
criança, tornei-me adulta...

HENRIQUE:...Adulta...

SÍLVIA: Pela primeira vez... Conheci a
vida! Graças ao maravilhoso livro
que estou lendo. Esta obra-prima

de Hans Fritz Guttmentsch (Mostra.)
"O ulular das entranhas"!

HENRIQUE: "O Ulular das Entranhas"...
Legal! É sobre distúrbios gastro-
intestinais?

SÍLVIA: Basta, Kiki, basta! É melhor
terminar por aqui! Vai, vai, criança...
Deixai-me a sós com a minha
angústia e meu profundo sofrer... É
melhor que me "esqueçai-deis"...

HENRIQUE: Peraí, Sílvia. Cê não tá
falando sério, tá?

SÍLVIA: Sério... (Sorriso sofredor.) Sim,
criança, é sério... E é terrível...

HENRIQUE: Que foi que eu fiz?

SÍLVIA: Nada, criança, nada... Apenas
não me "compreendeisdes"... O
mundo não me compreende...

HENRIQUE: Silvinha, eu gosto de você! De
verdade!

SÍLVIA: Legal, Kiki. "Te-dar-voç-ei" uma
oportunidade. "Tentende"
compreender-me. "Tentende"
sofrer qual eu, na decadência da
sociedade hodierna. "Tentende"
entender por que ulularão as
entranhas. Se "conseguirtes"...
(Grande gesto.) Cê pode voltar!
(Entrega-lhe o livro.) - Lê. Quem
sabe cê chega lá.

HENRIQUE (olha para o livro
aparvalhado): Essa agora!

DODÔ (entra correndo): Sílvia, mamãe
tá chamando pra... (Vê as caras
dos dois.) Chiiii...

HENRIQUE: É angústia existencial
hodierna, Dodô. Sacou?

DODÔ: Eu não.

SÍLVIA (digna): Com licença, Henrique.
Retirar-me-ei. (Sai, dramática.)

HENRIQUE: Ô, Dodô.

DODÔ: Oi, Henrique.

HENRIQUE: Cê entende mulher?

DODÔ: Eu???!!!!

HENRIQUE: Nem eu.

D. MARINA (entrando): Sílvia, você já
foi... (Percebe que ela não está.)
Henrique, cadê a Sílvia?

HENRIQUE: Retirou-se à sua angústia existencial hodierna. Foi o que ela disse.

D. MARINA: Vocês brigaram?

DODÔ: Deu um troço nela, mãe. Cê não viu?

D. MARINA: É... Ela está meio esquisita hoje. Deve ser falta de banho.

HENRIQUE: É coisa hodierna, dona Marina. E com decadência da humanidade, essas coisas...

DODÔ (mostra o livro): É coisa desse livro, mãe.

D. MARINA (lendo): O Ulular das Entranhas.

HENRIQUE: É isso aí. Ela disse pra eu ir embora, enquanto não aprender a ulular com ela.

D. MARINA (preocupada): Não se preocupe, Henrique. Isso é coisa da idade.

HENRIQUE: Eu não sei nem o que quer dizer ulular, dona Marina. Não estou entendendo.

D. MARINA: É uma fase, Henrique. Isso passa...

HENRIQUE (tem uma idéia de repente): Já sei!!!

DODÔ: Sabe o quê?

HENRIQUE: Eu sei. É... (Pensa melhor.) Nada, não.

D. MARINA: Já sabe o quê, Henrique?

HENRIQUE: Nada, não. Acabei de lembrar de uma coisinha. Tenho que ir andando. Té mais, Dona Marina. Tchau, Dodô.

D. MARINA: O que foi, Henrique?

HENRIQUE: Nada, não... (Vai saindo.)

D. MARINA: Ué... Que idéia será essa?

DODÔ: Sei não, mãe...

D. MARINA: Dodô, vai chamar a Sílvia pra mim.

DODÔ: Não adianta, mãe. Se eu for, ela não vem.

D. MARINA: Então eu mesma vou. Posso aturar tudo, angústia existencial, peso do nada, o que disser. Mas não aquele jeito de bicho-do-mato

dentro de casa. Essa menina vai tomar um banho, ora se vai! (Sai chamando.) Sílvia! Sílvia!

(Música. Em resistência, apaga-se a luz do cenário 1, ao mesmo tempo em que se acende a do cenário 2. Juca, texto na mão, anda de um lado para outro, falando sozinho.)

JUCA (representando): Adeus, minha Aninha! (Balança a cabeça, franzindo o nariz, como quem não gostou. Muda de tom.) Adeus, minha Aninha! (Outra careta.) Adeus, minha Aninha! Não, não está bom. O que será que o José quer dizer com esse "Adeus, minha Aninha?" Será que ele está mesmo se despedindo? Não, não. O sentido é mais profundo, muito mais profundo. Logo depois, a Aninha diz: "Não gosto destes brinquedos." Ah-ah! O macete está nos brinquedos. Regressão à infância, essas coisas. Freud explica, Freud explica. E, em seguida, ela ainda pergunta: "Concluiu a venda do bananal?" Bananal é muito simbólico. Banana, bananal. Muito fálico, muito simbólico. Ainda mais, ela diz que foi o pai que a deixou. Um complexo de Electra ainda por cima. Freud explica, Freud explica... E o José, inconscientemente, percebeu isso tudo. Então, a fala é cheia de implicações, é mais ou menos assim: ("Cheio de inspirações.") Adeus, minha Aninha! (Caretta.) Não, não. Ainda não é isso. Raios, preciso encontrar a intenção correta desta fala!

HENRIQUE (irrompendo pela sala): Juca! Juca!

JUCA (num berro): Silêncio! (Henrique se assusta, Juca ergue os olhos do texto.) Ah, é você, Henrique? Você me interrompeu num momento crítico.

HENRIQUE: Desculpe, Juca, mas é que

eu preciso de um favorzinho seu.

JUCA: Agora?! Mas eu estou fazendo uma análise do texto. Logo mais à noite nós temos ensaio, e este texto tem altíssimas implicações psicológicas. Melanie Klein já dizia...

HENRIQUE: A Melaninha pode esperar um pouco. Eu preciso da sua ajuda agora! (Frisa bem.) Na qualidade de Diretor Artístico da Oficina Experimental de Teatro Alternativo das Escolas Preparatórias Subjetivas dos Cursos Pré-Vestibulares Unificados!

JUCA: Aaaahhhh... (Importante.) Bem, se é isso... Feche a porta, Henrique. Vamos precisar de um pouco de privacidade.

HENRIQUE: Tá legal. (Vai fechar a porta, sem parar de falar.) "Negóciosseguinte". Você me deu o papel principal do "Juiz de Paz na Roça". Acontece que, nesse assunto de teatro, eu estou por fora, sabia? Não saco nada! Então, eu queria que você me ajudasse. Preciso me desinibir.

JUCA (cada vez mais importante): Muito bem, Henrique. Em que eu posso ajudar?

HENRIQUE: Eu acho que ia ser legal se você me desse umas aulinhas de interpretação, sabia? Tipo me ensinar sentimentos... Tipo como... (Finge pensar.) Tipo como "angústia existencial que "cartarequiza" a decadência da sociedade "hodierna"!

JUCA: Caracteriza?

HENRIQUE: É, "cartarequiza" a sociedade "hodierna".

JUCA: Ahn, ahn. Caracteriza. Hodierna.

HENRIQUE: É. Tudo isso aí.

JUCA: Interessante... Muito interessante mesmo. Estou contente de ver como você se esforça e se interessa. Legal, vamos trabalhar. Fica em pé aí no canto. (Henrique

obedece.) Não. Não está legal. Põe a mão no queixo! (Henrique obedece.) Cruza a perna! (Henrique obedece.) Põe a outra mão atrás das costas! (Henrique obedece.) Não. Não está legal. Cruza a outra perna! (Henrique obedece e cai sentado.) Ô, meu! Eu não disse pra sentar!

HENRIQUE (muito humilde, sentado no chão): O que eu tenho que fazer?

JUCA (põe a mão na cabeça, "desesperado"): Tente sentir, Henrique, tente sentir! (Pausa.) Esta sua posição está ridícula. Levante-se!

HENRIQUE (levanta-se): O que eu faço agora?

JUCA: Sinta, Henrique, sinta!

HENRIQUE: Estou sentindo dor no joelho.

JUCA (paciente): Henrique, se você não sentir o que eu estou mandando, você nunca vai ser um grande ator.

HENRIQUE (humilde): Estou tentando...

JUCA: Levante-se!

HENRIQUE (levantando-se): Estou em pé.

JUCA: Agora... Seja homem!

HENRIQUE: Estou tentando...

JUCA: Fique firme. Agüente a dor no joelho.

HENRIQUE: Estou agüentando.

JUCA: Agora diga!

HENRIQUE: Digo o quê?

JUCA: Diga a sua fala!

HENRIQUE: Qual é a minha fala?

JUCA: Pô, meu, você não sabe?

HENRIQUE: Não sei.

JUCA: Não acredito.

HENRIQUE: Acredite.

JUCA (num berro): "Adeus. Ó Aninha"!

HENRIQUE (sofrendo muito): Adeus, Ó Aninha!

JUCA: Não é nada disso.

HENRIQUE: Juca...

JUCA: Não é Juca. É Aninha.

HENRIQUE: Juca...

JUCA (exasperado): Que foi?!

HENRIQUE: Juca, eu só queria uma

aulinha de interpretação...

JUCA: Que interpretação? Interpretação do quê?

HENRIQUE: Como é que eu falo?

JUCA: Fala o quê?

HENRIQUE (num berro): A angústia existencial do Juiz de Paz na Roça!

JUCA (calmo): Ah, é isso?

HENRIQUE (calmo): É isso.

JUCA: Muito interessante, Henrique, muito interessante... Muito interessante mesmo... Qual era mesmo o problema do juiz de Paz na Roça?

HENRIQUE: Angústia existencial.

JUCA: Sei, sei... Porém...

HENRIQUE: Porém o quê?

JUCA: Fique calmo...

HENRIQUE: Estou calmo.

JUCA: Eu acho que o Juiz de Paz do Martins Pena não sentia angústia existencial.

HENRIQUE: Então, ele sentia o quê?

JUCA: Angústia jurídica.

HENRIQUE: E o que quer dizer angústia jurídica?

JUCA: É complicado. Muito complicado.

HENRIQUE: Juca, é o seguinte. Você quer que eu seja um ator, não é?

JUCA: É claro. Mas você pensa que é assim tão simples?

HENRIQUE: Juca. Eu não quero nem saber o que é angústia jurídica. Mas eu quero saber, eu preciso saber o que é angústia existencial que "cartarequiza" a decadência da sociedade "hodierda"! Se eu fizer tudo errado, a culpa vai ser sua!!!

JUCA (convencido): Está bem, Henrique. Angústia existencial, não é? Isso é coisa de Sartre. Sabe quem é?

HENRIQUE: Nem imagino.

JUCA: Jean Paul Sartre. Simone de Beauvoir, essas coisas. Têm a ver. Sabia que eles viviam descasados sem descasar?

HENRIQUE: Dançou o casamento, é?

JUCA: Não, nada disso. Era um casamento perfeito. Cada um na sua, sacou?

HENRIQUE: Não.

JUCA: Tudo bem. Mas tem a ver. Nuvélevague. Bitiniques. Coisa muito antiga, já falavam disso na Primeira Guerra Mundial.

HENRIQUE: Que nem o Barão Vermelho?

JUCA: Mais ou menos. É isso que você quer representar?

HENRIQUE: Acho que é. O Barão Vermelho com angústia existencial.

JUCA: Ótimo. Vamos ver. A gente começa pela aparência. O layout ajuda muito, sabia? Vamos fazer assim... (Vai fazendo.) Põe metade da camisa pra dentro das calças... Isso, metade pra fora... Um pé descalço, outro de sapato... Assim... Falta uma peruca. (Tenta uma peruca.) Não, não, é só meia-peruca. (Põe nele uma longa peruca desgrenhada, de um lado só.) Jóia... Mas falta alguma coisa... (Toma distância.) Ah-ah! A barba!

HENRIQUE: Barba?

JUCA: Claro. A barba é característica da filosofia da época. (Pega uma "barba de profeta" com óbvios ganchos de orelha e pendura em Henrique.) Pronto. Ma-ra-vi-lha! Agora... A expressão!

HENRIQUE: Que expressão?

JUCA: Tente fazer uma expressão trágica, de exagerado, absurdo, intenso sofrimento interior. (Henrique faz uma careta.) Não, não é nada disso. Eu disse que era cara de sofrimento, não cara de panaca. Você não conhece Stanislavsky?

HENRIQUE: Não. Ele freqüenta o Sampa?

JUCA: Ó, santa ignorância! Você ainda tem muito o que aprender. Stanislavsky foi um grande tetrólogo russo, criador do método de representação teatral utilizado

em todo o mundo hodierno.

HENRIQUE: Essa não! Você também?

JUCA: Eu também o quê?

HENRIQUE: Hodierdo! Não vem com essa pra cima de mim!

JUCA: Hodierno, meu caro, é moderno. De nossos dias. Mas vamos em frente. Segundo o método de Stanislawsky, é preciso criar uma vida interior para a personagem. É preciso descobrir por que a personagem age desta maneira neurótica, o que se passa na cabeça dela, e et cetera e tal. "Não há ação sem motivação".

HENRIQUE: Acho que saquei! "Não há ação sem motivação".

JUCA (embalado): Mas, para isso, é preciso fazer uma profunda análise da personagem e aplicar a ela sentimentos que você mesmo já sentiu. Por exemplo, a personagem que você vai representar agora sente...

HENRIQUE: Angústia existencial que "cartarequiza" a ecadência da sociedade hodierna?!"

JUCA (impaciente): Caracteriza! Hodierna! Caracteriza e hodierna, Henrique. É isso aí. Ela sente isso. Mas, além disso, ela sente ódio da humanidade! Você já sentiu ódio da humanidade?

HENRIQUE: Eu????!!!

JUCA: Tá legal. Mas você já sentiu ódio? Por exemplo, quando você está dormindo legal, no melhor dos sonos, vem um mosquito: Bzzzzzzzz! Um pernilongo! Um pernilongo zumbindo no seu ouvido, insitente, monótono, freudiano, jungiano, obsessivo! Você não sente ódio do pernilongo?

HENRIQUE (pensa um pouco): É... Sinto... Bzzzzzzzz!

JUCA: Agora vejamos... Uma boa frase... Uma frase adequada...

HENRIQUE: "Ah, que me esmaga a

sensação do nada!"

JUCA: Grande! Sensacional! É isso mesmo, meu jovem! Agora diga isso pensando no pernilongo.

HENRIQUE (sem convicção): "Ah, que esmaga...", prefiro esmagar o pernilongo.

JUCA (exasperado, arrancando os cabelos): Não! Não, não, não!!! Seu canastrão! É preciso se concentrar! Concentração, entendeu? A concentração é importantíssima! Tente aliar a memória emocional à concentração. Concentre-se, Henrique, concentre-se!

HENRIQUE: Estou me concentrando... (Faz careta e aperta a cabeça.)

JUCA: Pense no pernilongo. Um pernilongo zumbindo no seu ouvido... Um pernilongo psicopata... Tarado! E você sente ódio... Um ódio cada vez maior... Indomável... Incontrolável! Você sente virem à tona todos os instintos primitivos guardados nas mais recônditas profundezas do seu ser. E o pernilongo zumbe... zumbe... Bzzzzzzzz... (Henrique vai fazendo caretas.) Diga agora!!!

HENRIQUE (dramático, atira-se ao chão): "Ah, que me esmaga a sensação do Nada!"

JUCA: Grande, rapaz, sensacional! Agora vamos nos aprofundar um pouco mais. Vamos fazer uma análise profunda da personagem. Descobrir todos os seus complexos e recalques. E lembre-se: os princípios básicos são observação, memória emocional, concentração! Não há ação sem motivação!

HENRIQUE (ainda mais dramático): Não há ação sem motivação!

JUCA (calmíssimo, de repente): Agora, vamos analisar a personagem a partir das origens. A julgar pela sua personalidade psicopática, ela

deve ter sofrido, ainda antes de nascer, um profundo trauma emocional no período intra-uterino...

(Sobe música. A luz do cenário 2 vai se apagando, enquanto se acende a do cenário 1. A sala está vazia. Ouve-se a campainha. Entra Dodô, vai abrir a porta; recua um passo, entra assustado. Entra Henrique, completamente transformado, com cara de "angústia existencial".)

HENRIQUE (entrando, soturno): Boa tarde, meu jovem rapaz. Eu queria falar com a... (Dramático.) Sílvia.

DODÔ (assustado): Quem é o senhor?

HENRIQUE: Ó, humanidade... Como sois cruel... Com que então, ó jovem, não me reconheceis?

DODÔ: Peraí! Cê é o Kiki!

HENRIQUE: Sim, Ó Dodô... Sou Henrique...

DODÔ: Essa não. Tá tudo doido.

HENRIQUE: Eu sofro, meu jovem... Sofro pelos erros da sociedade hodierna... hodierna. Oh, oh, oh, como odeio a humanidade! (Tom normal.) Chama a Sílvia pra mim, Dodô, faz favor.

DODÔ: Iche! Tá legal, eu chamo! (Sai correndo.) Sílvia! Sílvia!

(Henrique senta-se na poltrona com um profundo ar de "angústia existencial". Logo entra Sílvia, também totalmente transformada: toda romântica, com um véu esvoaçante, feito de um mosquiteiro. Traz nas mãos o livro "Eurico, O Presbítero".)

SÍLVIA (pára a uma certa distância): Henrique... Ó, meu Henrique!

HENRIQUE: Sílvia! (Atira-se ao chão.) "Ah, que me esmaga a sensação do Nada!" (Cita.) "Chopinauer".

SÍLVIA (suave): Henrique, meu bem-amado... Eis que te vejo transformado e irreconhecível...

HENRIQUE (fica de joelhos): Ó, como odeio a humanidade!

SÍLVIA: Meu Henrique... Vejo em tua triste

figura as privações e sofrimentos por que "passasteis" para te "encontrar-vos" comigo...

HENRIQUE: Maldita seja a humanidade que me faz sofrer! Oh, esta angústia existencial!! Os erros do mundo me pesam sobre os rins como... como um dinossauro!

SÍLVIA: Meu pobre Kiki... Eis que chega a primavera... "As falenas têm asa de opala..." (Cita.) Castro Alves. "Ao longe, os montes têm neve ao sol..." (Cita.) Fernando Pessoa. "As noites calmas abrem n'alma a flor das almas..." (Cita) Catulo da Paixão Cearense. "Que amor, que sonhos, que flores... Que doce a vida não é!" (Cita) Casimiro de Abreu. E, apesar de ser tão bela a vida, Ó Kiki de minh'alma, tu me "dizeides que odieis" a humanidade...

HENRIQUE (já meio confuso): Mas Silvinha... Eu pensei... eu pensei que você também odiava a humanidade!

SÍLVIA: Oh! Não digais algo semelhante a isso! Como poderia eu odiar a humanidade? Vejais, Henrique... Olheis ao teu redor... Senti o maravilhoso perfume das flores que desabrocham nos campos... Respirai-vos os ares doces da vida que impregnam os hálitos primaverísticos! Quão belas eras, ó vida! A humanidade é boa... Tudo é maravilhoso e as emanações convidam ao sonho e ao devaneio... (Olha bem para ele.) E aos amores...

HENRIQUE (meio perplexo): Ué, Sil... Você piorou ou sarou?

SÍLVIA: Sarou? Que "dizeides", sarou? Meu jovem coração palpita, sedento de romance...

HENRIQUE (alegre): Legal! (Arranca a barba postiça.) Ainda bem que você já ficou boa. Me dá um

beijinho.

SÍLVIA: Beijinho? Mas que vulgaridade! Eis que não é isso o que o meu jovem coração anseia! Eis que procuro um amor verdadeiro, que seja ao mesmo tempo espiritual, intempestivo, impulsivo, indomável... Eis que seja ao mesmo tempo romântico e desenfreado! (Mostra o livro.) Eis que seja qual este livro: "Eurico, o Presbítero"! Oh, eis que quisera eu ser como Hermengarda...

HENRIQUE (consigo mesmo):
Barbaridade.

SÍLVIA: Eis que eram belos os tempos d'outrora... Eis que seria maravilhoso se, qual conto de fadas, eis que me aparecesse um gentil mancebo montado em cavalo branco... E eis que ele me levava em doida cavalgada pelos prados verdejantes...

HENRIQUE: Escuta aqui, ô guria. Esse negócio de gentil mancebo em cavalo branco é coisa do tempo do meu bisavô. Corta essa e vamos pro cinema. Tá passando um "bang-bang" aí que é o maior barato.

SÍLVIA(com desprezo): "Bang-bang"... Que horror! Não, Kiki... Eis que se me parece que você não serve mesmo para mim... Eis que seria atroz o meu sofrimento se eu tivesse que ficar ligada para sempre a um homem vulgar... medíocre... que não é capaz de compreender a beleza das falenas... Falenas são borboletas. Das falenas que esvoaceiam pelos cerúleos céus do nosso Brasil amazônico...

HENRIQUE: Ceroulas de quem?

SÍLVIA: Cerúleos. Vem do latim. Quer dizer da cor do céu.

HENRIQUE (indignado): Sílvia, pela madrugada!

SÍLVIA: Não, Henrique. Ainda não é madrugada... Não insista... Será melhor assim... Separemo-nos para sempre. Não fomos feitos um para o outro. Eis que "enclausurar-se-me-ei" para sempre em minha alcova. Eis que "ficar-me-ei" para sempre à espera do romântico cavaleiro que virá um dia me buscar... (Vai saindo.) Adeus, Ó Kiki!

HENRIQUE: Sílvia, espera, eu... (Ela já saiu.) Droga!!! (Vai sentar-se, amuado.)

D. MARINA (fora): Sílvia! Você já foi tomar banho? (Entra.) Sílvia! (Vê Henrique.) Ah, Henrique, você já voltou?

HENRIQUE (desconsolado): Boa tarde, Dona Marina.

D. MARINA: Boa tarde... Mas o que aconteceu com você, Henrique? Foi atropelado?

HENRIQUE: Não, não fui. É só angústia existencial.

D. MARINA: Você também?

HENRIQUE: Não, só fiz isso para ver se a Sílvia ficava numa boa comigo de novo. Mas não adiantou. Quando eu cheguei, ela já estava noutra. Agora, é gentil mancebo montado em cavalo branco Droga!

D. MARINA: Essa minha filha... Quer saber duma coisa, Henrique? Vá para casa, tome um bom banho, troque de roupa e não pense mais nisso. Quando ela perceber que você está limpinho de novo, vai sair correndo atrás de você.

HENRIQUE: E se não sair, Dona Marina? Eu gosto muito dela. Não quero que ela pense que estou fugindo...

D. MARINA: Ela também gosta de você, Henrique... Tudo isso é bobagem. Muito romance que ela anda lendo. Não se preocupe tanto.

HENRIQUE: Tá legal, Dona Marina... Vou tentar... (Vai saindo.) Até mais, Dona Marina... Obrigado pelo

conselho... Obrigado pelo conselho... (Sai.).

D. MARINA: Não tem de quê... (Consigo mesma) Essa menina... (Chama.) Sílvia! Sílvia!

DODÔ (entrando): Mamãe!

D. MARINA: Onde está a Sílvia, Dodô?

DODÔ: Se trancou no quarto dela. Disse que está enclau... enclau... enclau-qualquer-coisa.

D. MARINA: Enclausurada?

DODÔ: É isso aí. Disse que está inclau..., isso aí, e não quer ser perturbada.

D. MARINA: Ora vejam. (Chama.) Sílvia! Sílvia, venha já para cá!

SÍLVIA (entrando, lânguida): Ó mãe, você me "chamasteis"?

D. MARINA (percebe): Sílvia! O mosqueteiro do nenê! Bem que eu andei procurando! Me dá aqui, já!

SÍLVIA: Mãe, é o meu véu...

D. MARINA: Sílvia Siqueira de Almeida, por mim você pode ter angústia existencial, devaneios românticos, o que quiser. Mas faça o favor de não depredar a casa! Vá imediatamente pôr o mosqueteiro do nenê no lugar!

SÍLVIA (acabrunhada): Está bem, mamãe... Ninguém me compreende... (Sai, cabisbaixa.)

DODÔ: Essa foi legal! O mosqueteiro da nenê virou véu da Her... Hermenegilda!

(Música. Acende-se a luz do cenário 2, enquanto se apaga a do cenário 1. Juca anda de um lado para outro, texto nas mãos.)

JUCA (contando os passos): Um... dois... três... (Anota.) Aninha aproxima-se da mesa... (Anota.) Vira-se para o público... (Anota.) Entra José...

HENRIQUE (entrando): Juca, eu queria...

JUCA: Psssiu! (Conta os passos.) Um... dois... três... quatro... Aninha aproxima-se da mesa... Vira a três-quartos para o público... (Anota.) Certo... Fala, Henrique.

HENRIQUE: Juiz, é o seguinte. Gostei muita da angústia existencial, aprendi, aprendi demais. Mas quero aprender mais ainda. Sinto sede de saber.

JUCA: Ótimo, Henrique. Se continuar assim, você ainda vai ser um grande nome do teatro nacional. O teatro é uma arte que exige muito esforço e dedicação. O que você quer aprender agora?

HENRIQUE: Eu queria que você me ajudasse a criar um tipo diferente, uma outra coisa, sabe?

JUCA: Sei. Qual é o tipo que você quer?

HENRIQUE (finge pensar): Hummmmmmm... Uma coisa assim... Uma figura tipo... gentil mancebo dos tempos d'outrora. Você não acha legal?

JUCA: Linda idéia, meu rapaz. Ah, o romantismo... Algumas das maiores obras-primas do teatro foram escritas nessa época...

HENRIQUE: Então está topado? Vamos largar brasa?

JUCA: Vamos. Mas, antes de mais nada, repita o princípio básico de Stanislawsky.

HENRIQUE (recita): Não há ação sem motivação.

JUCA: Muito bem, isso mesmo. E lembre-se: observação, memória emocional, concentração. É fundamental.

HENRIQUE: Falô.

JUCA: Bem... Vamos pegar como exemplo... Sim, sim. A personagem romântica por excelência. (Suspira.) Romeu! Aliás, eu estava mesmo pensando em montar "Romeu e Julieta" aqui no Grêmio. Vem bem a calhar. Se der certo, você já fica com o papel. Deixa eu achar... (Procura, acha o texto num canto qualquer.) Aqui está. Leia, Henrique, esta fala aqui. (Mostra.)

HENRIQUE (lê mecanicamente): "A noite

para mim sem tua luz é má. O amor vai para o amor alegremente..."

JUCA: Não, não! Assim não dá. Vamos usar o método de Stanislavsky. Tente lembrar-se de uma vez em que você tenha estado numa situação semelhante.

HENRIQUE: Que situação?

JUCA: Você não conhece a história de Romeu e Julieta?

HENRIQUE: Já vi o filme na televisão. Achei meio chatinho.

JUCA (escandalizado): Chatinho?! Como você pode dizer uma coisa dessas? Uma das maiores obras-primas da história da humanidade! Bem, não vamos discutir isso agora. O importante é que você já conhece a história. Tente lembrar-se... Tente lembrar-se de alguma vez em que você tenha estado loucamente apaixonado... Como o Romeu... E sem poder encontrar-se com sua amada por causa de uma rivalidade familiar...

HENRIQUE (sacode a cabeça): Nada feito. Nunca me aconteceu isso.

JUCA(suspira): Está bem. Vamos tentar de outro jeito. Vamos fazer uma análise psicológica da personagem. A julgar pela sua personalidade psicopática, ela deve ter sofrido, ainda antes de nascer, um profundo trauma emocional, no período intra-uterino...

(Música. Apaga-se a luz do cenário 2, enquanto se acende a do cenário 1. Dodô está sentado no chão, virando lentamente a cabeça de um lado para outro, seguindo Sílvia que, usando uns óculos enormes e um avental branco, com um grosso volume nas mãos - "Considerações práticas sobre energia termonuclear" - vai e volta pela sala, lendo em voz alta.)

SÍLVIA (lendo): Se A-8 é igual a Pi dividido pela milionésima potência

de XP-35, é evidente que o resultado da alteração sofrida no núcleo atômico será proporcional à raiz cúbica do já citado fator 8-b-6-d-5. Ora, uma vez que o infinito dimensional tende a zero, a razão indireta das massas e no inverso exponencializado de "X" elevado à potência negativa de menos 04,3333587 ao inverso, fica assim perfeita e claramente estabelecido que a relação geométrica entre a conformação neuro-eletrônica do disco estroboscópico e o triconoma peripatético é relativamente compensada pelos mais diversos eflúvios hidro-lunares. Está então clarissimamente demonstrado que a relatividade da matéria absoluta é subordinada às formas pentacóticas que...

DODÔ: Irmazinha, meu amor, será que você não podia parar de andar de um lado para o outro?

SÍLVIA (berra): Cala a boca!!! (Dodô assusta-se.) Você está interrompendo o fio dos meus pensamentos!

DODÔ: Que pensamentos?

SÍLVIA: Fica quieto. (Continua.) É subordinada às formas pentacóticas que assim se estabelecem. É então que surge o paradoxo complementar que provoca o movimento oscilatório de expansão livre, o qual é facilmente identificável pelo bem conhecido processo de aeropsicofotometria angular. Em assim sendo... (Toca a campainha.) Ora bolas, já não se pode nem estudar em paz! Vai abrir a porta, Dodô.

DODÔ: Tá legal... (Vai abrir, toma um bruto susto: entra Henrique, todo de capa roxa, espada e chapéu de plumas. Ele avança alguns passos na direção de Sílvia, quase tropeça

na espada, cumprimenta-a em grande estilo, arrastando as plumas do chapéu no chão.)

HENRIQUE: Ó, gentil donzela! (Sílvia olha para ele, espantada. Ele declama, canastríssimo.)

“A noite para mim sem tua luz é má!

O amor vai para o amor
alegremente

Como volta da escola a criança
contente.

Mas para o amor a ida é alegre e
a volta é triste!”

(Cita.) William Shakespeare, Romeu e Julieta.

SÍLVIA: Henrique, me diz uma coisa...

HENRIQUE: Sim, ó minha amada!

SÍLVIA: Você ficou maluco?

HENRIQUE: Maluco? Sim, entendo... Estás me perguntando se fiquei doido... E a resposta é sim. Fiquei doido por teus olhos, por teu... por teu espírito! Pois meu amor é espiritual! “Permitide” que vos “beijeis-tes” as mãos, ó gentil donzela!

SÍLVIA: Henrique, corta essa! Você e as suas loucuras! Não está vendo que eu estou ocupada?

HENRIQUE (confuso): Ocupada? Mas você não disse que ia se enclausurar na... na....

SÍLVIA: Henrique, não seja ridículo. Hoje eu descobri o que é realmente importante na vida.... A Ciência! O Saber! Estou estudando os princípios básicos da energia termonuclear. Por favor, não me perturbe.

HENRIQUE (aparvalhado): O saber... Energia ermonuclear...

SÍLVIA: Silêncio! (Lendo.) A aceleração instável dos isótopos se dispersa por atrito teroidal, o qual é introduzido pelos cristais dicróticos na ação triplo-eletrolítica da inversa refração dupla. Consideremos a já bem conhecida fórmula das reações efêmeras: a raiz de 84,12 é

proporcional a XY-7 e se soma à milionésima parte de zero elevado à potência infinita, demonstrando assim que...

HENRIQUE (furioso, atira a capa e o chapéu ao chão): Chega! Chega!!! Bastabastabastabasta!!! Com todos os diabos, com um milhão de atritos teroidais e bombas de hidrogênio, basta!!!

SÍLVIA (espantadíssima): Henrique! Controle seus impulsos!

HENRIQUE: “Controle seus impulsos”, você me diz! Eu já estou cheio, sabia? Cheio!!! E não fique aí me olhando com essa cara!

SÍLVIA: Que cara?

HENRIQUE: Cara de... de... Ora, você sabe muito bem que cara! Sílvia, quando eu lhe conheci, você era diferente. Você era legal. Você gostava das coisas, tá certo. Você gostava de cavalo branco montado no gentil mancebo, você gostava de angústia existencial, de aceleração isotópica teroidal, do carvalho à quarta potência! Mas você gostava de tudo isso na devida medida! Um pouquinho disso, um pouquinho daquilo. mas agora você pirou! E eu não estou aguentando mais! Pra mim chega! Che-ga!!!

SÍLVIA: Mas Kiki...

HENRIQUE: Nem Kiki nem meio Kiki! Quer ver o “bang-bang” ou não quer?

SÍLVIA: Bang-bang?

HENRIQUE: É, bang-bang. (Representa.) Bang! Bang! Bang! Tirou o às da manga! Derrubou a mesa! O cavalo relinchou: Riiiiinch! Riiiiinch! O vilão pulou por cima do balcão do salão! O mocinho atirou nas garrafas de uísque! Bang! Bang! Sacou?

SÍLVIA(começando a conter o riso): Kiki, você é louco.

HENRIQUE: Sou louco! Estou babando!

Bang! Bang! Bang! Quero a minha menina, do jeitinho que era, senão eu mato! Bang! Bang! Bang!

SÍLVIA (rindo): Kiki, seu palhaço. Acho que você está certo. (Séria, de repente.) Só que eu não sei. De repente, comecei a pensar na vida. Já tenho mais de quinze anos, já estou ficando velha e ainda não sei o que quero. Estou chegando à idade da razão. A vida está diante de mim, e eu não sei o que eu acho dela. Me ajuda, Kiki?

HENRIQUE (sério, de repente): Deixa de ser boba, Sílvia. Seja você. (Tem uma idéia brilhante.) É assim, Silvinha. Você já ouviu falar em Stanislavsky?

SÍLVIA: Stani-o-quê?

HENRIQUE: Stanislavsky. Foi um grande teatrólogo russo.

SÍLVIA: Soviético?

HENRIQUE: Russo.

SÍLVIA: Eu acho que deve ser soviético.

HENRIQUE: Então você já conhecia?

SÍLVIA: Não.

HENRIQUE: Então, é russo.

SÍLVIA: Soviético.

HENRIQUE: Tá, depois a gente verifica. De qualquer jeito, foi um grande teatrólogo russo, ou soviético, ou russo-soviético, não faz mal. O que importa é que ele foi o criador do método de representação teatral hodierno. É assim. (Atabalhoado.) O importante é: observação, memória emocional, concentração. Imagine-se quase dormindo, e chega um pernilongo psicopata: Bzzzzzzzz! Você sente despertarem em você todos os instintos primitivos guardados nas mais recônditas profundezas do seu sub-consciente. Concentre-se, Sílvia, concentre-se! E, aí, o pernilongo zumbe: Bzzzzzzzz! E

você sente ódio! Ódio!!! (Contorce-se melodramaticamente, ri e chora ao mesmo tempo.) Ódio! Ódio!! Ódio!!! Bzzzzzzzz! Ódio!!! Oh! Bzzzzzzzzz(Sílvia, no começo espantada, vai começando a sorrir, depois ri às gargalhadas.) Mas é preciso fazer uma análise profunda da personagem... Ela vai para a direita-baixa e três-quartos para o público... A julgar pela sua personalidade psicopática, o mosquito sofreu um grave trauma emocional no período intra-uterino... Bzzzzzzzzz!!!

SÍLVIA (rindo sem parar): Chega, Kiki. Chega! Eu não aguentou mais! O mosquito sofreu... No período... (Ri muito.)

HENRIQUE(dá-se conta, pára): Sílvia, você está rindo! Você sarou!

SÍLVIA: Kiki, seu bobão. Você é legal. Você merece um beijo.(Dá-lhe um beijo estalado.) E... o que você acha de a gente ir agora ver aquele "bang-bang"?

HENRIQUE (se fazendo de difícil): Só se você prometer que depois, vem assistir ao meu ensaio do "Juiz de Paz na Roça".

SÍLVIA: É claro. (Chega bem perto dele e fala em voz de "eu te amo".) Eu adoro teatro, Kiki!

HENRIQUE (num suspiro): E o espetáculo não pode parar!

D. MARINA (que acabou de entrar): Ora! Parece que fizeram as pazes!

DODÔ (que fica observando a cena com um ar superior de molequinho caçoista.): Artes de um tal de Cupido...

SÍLVIA: Cupido? Não... Ele sozinho, não!

SÍLVIA E HENRIQUE (juntos): Cupido e Stanislavsky!

(Black-out)

F I M

15 a 18 anos

(e para amadores adultos)

Arena conta Tiradentes

Augusto Boal e Gianfrancesco Guarnieri

ARENA CONTA TIRADENTES

(em dois tempos)

de **Augusto Boal** e **Gianfrancesco Guarnieri**

PERSONAGENS

CORINGA
TIRADENTES
CORIFEU
DOMINGOS de Abreu Vieira
Padre Oliveira ROLLIM
Tomás Antônio GONZAGA
CLÁUDIO Manoel da Costa
Visconde de BARBACENA
Joaquim SILVÉRIO Dos Reis
FRANCISCO de Paula
José Álvares MACIEL
ALVARENGA Peixoto
MARÍLIA
CONEGO Luiz Vieira
BÁRBARA HELIODORA
Padre CARLOS de Toledo
ESCRIVÃO
José Joaquim da MAYA
JEFFERSON
VENDEDORA
Luiz da Cunha MENEZES
MULHER 1
MULHER 2
CLÉRIGO
MÔNICA
CABO JERÔNIMO
DEOLINDA
MINEIRO
TAVERNEIRO
BÊBADO
HOMEM 1
HOMEM 2
GARIMPEIRO
INÁCIA
FILHA de Inácia
JUIZ

1º TEMPO

DEDICATÓRIA

(No escuro, coro polifônico com tema de seresta. Andamento e tema vão sofrendo modificações, tornando-se mais agressivos.)

CORO

Dez vidas eu tivesse,
Dez vidas eu daria.
Dez vidas prisioneiras
Ansioso eu trocaria
Pelo bem da liberdade,
Nem que fosse por um dia.
Se assim fizessem todos,
Aqui não existiria
Tão negra sujeição
Que dá feição de vida
Ao que é mais feia morte;
Morrer de quem aceita
Viver em escravidão.
Dez vidas eu tivesse,
Dez vidas eu daria.
Mais vale erguer a espada
Desafiando a morte
Do que sofrer a sorte
De sua terra alugada.
De sua terra alugada,
Do que sofrer a sorte,
Mais vale erguer a espada
Desafiando a morte.
Dez vidas eu tivesse,
dez vidas eu daria...
(Esfuma-se.)

(Luzes. Todo o elenco em cena. Coringa dirige-se à platéia e aos colegas.)

CORINGA: "Dez vidas eu tivesse, dez vidas eu daria...", palavras textuais de um condenado à morte.

(Corte de percussão.)

CORIFEU: Sala do Oratório da Cadeia Pública do Rio de Janeiro, abril de 1792.

(Entra Tiradentes encadeado. Tiram-lhe as correntes para que ouça a sentença. Veste-se da maneira tradicional.)

ESCRIVÃO (fala branda e suavemente, com carinho): Portanto, condeno o réu Joaquim José da Silva Xavier, por alcunha, o Tiradentes - alferes, que foi da Tropa Paga da Capitania de Minas a que, com baração e pregação, seja conduzido pelas ruas públicas ao lugar da forca e nela morra morte natural para sempre e que depois de morto lhe seja cortada a cabeça e levada à Vila Rica de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto, onde no lugar mais alto dela será pregada em um poste alto, até que o tempo a consuma; e o seu corpo será dividido em quartos e pregados em postes pelos caminhos das Minas, no sítio da Varginha e das Cebolas, aonde o réu teve suas infames práticas, e os mais nos sítios de maiores povoações, até que o tempo também os consuma. Declaro o réu infame e seus filhos e netos, tendo-os. E os seus bens aplicam para o Fisco e Câmara Real. E a casa em que vivia será arrasada e salgada para que nunca mais no chão se edifique...

CORO

Dez vidas eu tivesse,
Dez vidas eu daria,
Dez vidas prisioneiras
Ansioso eu trocaria
Pelo bem da liberdade...
(Coro estanca na penúltima sílaba da palavra final. Silêncio. Durante a canção voltam a encadear Tiradentes.)

CORINGA (dirigindo-se ao público): Esta foi a sentença. Nós vamos contar a história do crime.

(Enquanto o Coringa prossegue, o coro continua cantando.)

EXPLICAÇÃO 1

CORINGA: Nós, somos o Teatro de Arena. Nossa função é contar

histórias. O teatro conta o homem; às vezes conta uma parte só: o lado de fora, o lado que todo mundo vê mas não entende, a fotografia. Peças em que o ator come macarrão e faz café, e a platéia só aprende a fazer café e comer macarrão, coisas que já sabia. Outras vezes, o teatro explica o lado de dentro, peças de idéia: todo mundo entende mais ninguém vê. Entende a idéia mas não sabe a quem se aplica. O teatro naturalista oferece experiência sem idéia, o de idéia sem experiência. Por isso, queremos contar o homem de maneira diferente. Queremos uma forma que use todas as formas, quando necessário. "Arena conta Tiradentes" - história de um herói da liberdade nacional. Por isso, dedicada a José Joaquim da Maya, que foi o primeiro homem a se preocupar com a liberdade no Brasil. Foi o primeiro e desde então, até hoje, todo mundo continua só pensando nisso.

CORIFEU: José Joaquim da Maya, estudante brasileiro em Montpellier, França, escreve a Thomaz Jefferson, Herói da Independência norte-americana.

(Maya e Jefferson assumem posição de estátuas. Contudo a interpretação deve ser a mais realista possível.)

MAYA: "Je suis brésilien et vous savéz que ma malhereuse patrie gemit dans un affreux esclavage qui deviente chaque jour plus insupportable, (Aqui começa a tradução.) puis que les barbares estrangeres n'épergnente rien pour nous rendre malheureux, de craine que nous suivon vos pas. Et comme nous conoissons que ces usurpateurs contre la loi de la nature et de l'humanité ne songent que a vous accaber, nous sommes decidés a

suivre les frappants exemples que vous venez de nous donner e par consequence a briser notre chaines et à faire revivre notre liberté, que est tout a fait morte...

(Diminui a voz, baixa a BG, extingue-se; os dois continuam a cena muda.)

CORIFEU (traduzindo durante a leitura): Eu sou brasileiro e bem sabeis que minha infeliz Pátria geme sob a escravidão mais afrontosa e que se torna cada dia mais insuportável pois os bárbaros estrangeiros nada poupam a fim de nos tornarem mais infelizes, temerosos de que possamos seguir o exemplo da vossa Independência... (Diminui a voz até extinguir-se.)

CORO

Eu sou brasileiro mas não tenho meu lugar,
Pois lá sou estrangeiro, estrangeiro no meu lar.
A quem nasceu lá fora tudo seu a terra dá:
Essa Pátria não é minha, é de quem não vive lá.
O pássaro na gaiola, já nascido em cativo,
Aprende a cantar e canta se permanece prisioneiro.
Mas se lhe abrem a portinhola, bem capaz é de morrer.
Com seu medo à liberdade, já não sabe nem viver.
Quem aceita a tirania
Bem merece a condição.
Não basta viver somente,
É preciso dizer não!
Não basta viver somente,
É preciso dizer não!

MAYA (Jovem sincero): Estamos dispostos a seguir o vosso exemplo e necessitamos da vossa ajuda. Rompam relações com Portugal! Enviem navios de guerra para

proteger nossas costas! Mandemos técnicos e oficiais. Com vossa ajuda um mundo novo vai nascer!

JEFFERSON (tom de velha e carinhosa mãe gorda): Ideal sagrado a liberdade! O povo brasileiro pode contar com a nossa estima e carinho, mas não com o nosso rompimento de relações comerciais com Portugal. O povo brasileiro pode contar com todo nosso apoio moral, mas não com nossos navios. E quando o povo brasileiro, por si só, já tiver conseguido a libertação, poderá contar com nossos oficiais para adestrar seu exército. Em troca o Brasil deverá tão somente comprar o nosso bacalhau.

MAYA: Se sozinhos nos libertamos, não será necessário maior adestramento militar, muito menos bacalhau!

CORO

Quem aceita a tirania
Bem merece a condição.
Mas José Joaquim da Maya
Soube sempre dizer não!

1º EPISÓDIO

CORINGA: E feita a dedicatória, eis que, enfim, começa a história!
(Orquestra: acordes)

CORIFEU: 1778: Vila Rica de nossa
Senhora do Pilar de Ouro Preto.
Governador: Luiz da Cunha
Menezes. Nas cartas anônimas
conhecido com Fanfarrão Minésio!

CORO

(Enquanto cantam, os atores preparam o cenário.)
Cidade de ouro!
Vila dourada!
O rio é de ouro!
O ar é de ouro!

O verde é dourado!
A fera é de ouro!
A fruta é de ouro!
As almas douradas!
O homem é de ouro.
A virtude é de ouro.
A santidade dourada.
O roubo é de ouro!
A morte é de ouro!
A pena que assina,
A pena de morte,
A pena que mata,
É pena dourada!
O ouro que mata.
O ouro que mata.
O ouro que mata!
Corpo de Jesus,
Meu Salvador
Erguido na Cruz,
Tem sangue dourado!
Tem sangue dourado!
Tem sangue dourado!
O amor que se diz,
O amor que se tem,
O amor que se faz,
O amor é dourado!
Em cama de ouro!
Em cama de ouro!
Em cama de ouro!
A morte é querida,
A morte é dourada,
A morte é assassinada!
Com bala de ouro!
Com bala de ouro!
Com bala de ouro!
(Pregão cantado.)

VENDEDORA: Quem quisé vêêêê, venha vêê! Que é coisa doce de se comê! Olhe que, adoçando os lábio, aumenta o bem querê!

(Bis total.)

(O Coro da Canção do Ouro fica em "BG".)

CORINGA: Luiz da Cunha Menezes construiu casa, rua, palácio. Extraiu minério, ouro, diamantes! Quis esquecer que o Brasil era colônia, mas não esqueceu de tudo;

esqueceu só de mandar ouro para Portugal. Esqueceu no seu bolso. Fez obra monumental! Obra símbolo do Brasil - a Cadeia Pública - símbolo do Brasil Colônia! Era homem honesto. Para sua construção, abriu concorrência pública e honestamente contratou quem honestamente ofereceu melhores condições. Isto é, a mais honesta porcentagem para ele próprio, Governador.

CORO DE OPERÁRIOS

Pega a pá, constrói a prisão!

Pedra em pedra, já começa a construção!

Trabalha depressa, não vale demorar!

Brasileiro vai ter casa pra morar!

(Bis dois últimos versos.)

(Entra Cunha Menezes acompanhado por duas mulheres e um clérigo.)

C. MENEZES: Grandes homens, grandes monumentos! Morram de trabalhar, meus filhos, que a História se lembrará de vocês!

CLÉRIGO (inquieto, solícito, pronto a todas louvações): Bela obra, Excia.! O que pode a mão do homem com a ajuda da mão de Deus!

C. MENEZES: E o ilustre ouvidor Gonzaga, sempre envolvido em filigramas jurídicas, e que melhor pensa e julga quanto mais lhe pagam, vive por aí me acusando de não respeitar a rainha!

MULHER 1 (doce, menina, agarradinha nele): Ah, que insensatez!

C. MENEZES: Safadeza, meu anjo! E me acusa de quê? De comutar a pena de morte, usando os condenados na construção dessa belíssima cadeia! Mas pelo amor de Deus, que mal há nisso!? Trabalhando aqui eles acabam morrendo do mesmo jeito! Não há saúde que agüente!

CLÉRIGO: É! O que pode a mão do

homem com a ajuda da... (Sempre amável, tudo aprova.)

C. MENEZES: Pois é, Florindo, eu sei que Deus pode muito... Mas em quê que eu estou desrespeitando a rainha? É muito mais digno morrer trabalhando do que morrer na forca!

MULHER 2: Mais humano! (Comovida com tanta bondade.)

C. MENEZES: Cala a boca! Florindo, o orgulho pode ser pecado, mas o meu se justifica. Ah! Quem viu Vila Rica antes de Cunha Menezes e quem vê durante!...

CLÉRIGO: Muito justo! O que pode a mão do homem com a ajuda da mão de Deus! (Passa Domingos de Abreu Vieira.)

C. MENEZES: Passando quietinho, seu Domingos! Mas hoje não escapa da descompostura, não! E o ferro, seu Domingos, o ferro! Os muros já estão altos e em lugar de porta e janela só tem buraco! Já viu prisão sem grades, seu Domingos!?

DOMINGOS: Perdoe Vossa Excelência! Com esse ritmo tão acelerado... (O seu "perdoe" é um tique sem ênfase.)

C. MENEZES: Mas pra pegar o dinheiro do governo o senhor foi mais acelerado que o ritmo, não é?

DOMINGOS: Perdoe Vossa Excelência, mas faltam braços!

C. MENEZES: Manda virem escravos e gente de todo o Brasil, homem!

DOMINGOS: Perdoe Vossa Excelência, mas quem tinha pra vir já veio. Pra forja do ferro sobrou pouco.

C. MENEZES: Não tem gente nessa terra?

DOMINGOS: Perdoe Vossa Excelência, a população não cresce...

C. MENEZES: O quê!? Epidemia de impotência, agora!...

DOMINGOS: Perdão, falta gente pra exercitar a potência!

C. MENEZES: Não me diga, mas isso é

CORO DE OPERÁRIOS

Pega a pá, constrói a prisão!
Pedra em pedra, prossegue a
construção!

Menino e menina, não vale demorar:
Vão pra cama operário fabricar!
(Bis dois últimos versos.)

C. MENEZES: É, minhas filhas! E o
Gonzaga sempre me criticando.
Mas fazer o que é útil ele não faz.
Nem um operariozinho foi capaz de
fabricar. E fica aí dois anos
empatando a vida da Dorothéia;
pra mim ele, ó (Faz um gesto
significativo de "é um de nada".)
Veja lá, Florindo, a Rua do Ouvidor,
que diferença! Veja o ar satisfeito e
risonho do meu povo! (Caras
contrastantes.) Obra de quem?
Desse Fanfarrão Minésio aqui! (Bate
no peito.)

CLÉRIGO: O que pode a mão do ho...
Mas veja quem vem aí! (Surgiu
Padre Oliveira Rollim.)

C. MENEZES: Senhor Padre Rollim! É uma
enorme alegria encontrar o senhor
aqui, ao ar livre, na praça!...

ROLLIM: Eu não sou assim tão perigoso,
Excelência!

C. MENEZES: Quando eu não sei onde o
senhor está, ponho meus soldados
de prontidão ao lado do meu
dinheiro!

ROLLIM: Não seja injusto. A única vez
que eu roubei alguma coisa sua,
não era sua. Era a ficha de sua
polícia secreta sobre a minha
pessoa. E não me parece justo que
eu, sendo Ministro apenas da
Rainha...

C. MENEZES: Enquanto o senhor tratar de
coisas divinas, eu não me meto.
Todo o país bem conhece o meu
proverbal desapego às coisas
santas. Mas os documentos
roubados se referiam aos quintos
que o senhor não quer pagar. E
sobre a riqueza da terra tem

grave! O que é que é, timidez?

DOMINGOS: Pelo contrário, Excelência,
me perdoe, mas o que falta é
mulher mesmo!

C. MENEZES (Cunha agarrando com
mais força as duas mulheres faz
muxoxo de dúvida): Tsz! Ah!

DOMINGOS (comovidamente
encantado, com as maravilhas
que narra de sua pátria, a mais
bela de todas as pátrias): Com
perdão de V. Excia., a nossa
depravação é o que há de mais
notável na capitania; e em
quantidade só superada pela
produção do ouro. Para evitar
acidentes, quem pode manda as
filhas para a Corte; quem não
pode, para o convento. E tem de
ser assim, porque a promiscuidade
aqui é tanta que as donzelinhas
púberes permitem aos escravos
todas as liberdades que se
permitem aos animais domésticos.
E não é raro que um desses
animaizinhos domésticos emprenhe
uma dessas donzelinhas púberes.
Que honra de pai resiste?
Atendem ao ditado: "Ponha-se a
tranca antes que arrombem a
porta!" - e mandam as meninas
amar a Deus!

CLÉRIGO (absorto, distraído): O que
pode a mão do homem com a
ajuda da mão de Deus!

C. MENEZES: Eu acho muito justo esse
devotamento. Mas não é
necessário dedicar tempo integral
às orações. Que reze com mais fé
e menos tempo. Assim se mantém
a média. Hoje mesmo faço uma lei
proibindo mulher de se enterrar em
convento. Oh, Florindo, me lembra
de escrever pra Portugal pedindo
pra estimular a exportação de
donzelas não fanáticas e senhoras
independentes! Quero ver se vai ter
braço ou não vai!

jurisdição a Rainha, e não Jesus, viu?! E é por isso que eu resolvi confiscar metade das minas que o senhor tem, e expulsar Vossa Santíssima Paternidade da Capitania onde quem manda sou eu, viu!? (A discussão se encrespa, homem pra homem.)

ROLLIM: Pois eu vou escrever uma carta à Rainha...

C. MENEZES: Pode escrever até pro Papa. Já estou cansado dessa história de padre proprietário!

MULHER 2: Isso, benzinho! Afinal quem é o galo desta Capitania! (Feliz, comovida e nervosa com o poder do seu homem.)

C. MENEZES: O senhor tem vinte e quatro horas pra sumir daqui com todos seus trastes!

ROLLIM: Vossa Excelência pensou bem?

C. MENEZES: Pensei coisa nenhuma. É uma decisão intuitiva!

MULHER 2: Cocorocó! (É quase um cântico de solidariedade.)

ROLLIM: Vossa Excelência vai ser julgado pela História!

C. MENEZES: Eu sou um dos poucos governantes que não fazem questão nenhuma de entrar pra História. A eternidade que se vire e o senhor junto com ela!

CORO DE OPERÁRIOS

Pega a pá, constrói a prisão!

Pedra em pedra, quase pronta a construção!

Decida depressa, não vale demorar:

Menezes tem a força, não adianta reclamar.

Imperando a violência, a lei não tem lugar.

A lei é a verdade da força a governar!

C. MENEZES: Acontece que eu sou bom, Florindo. Deus me deu paciência. Mas esse seu correligionário é um perigo!

(Entra Gonzaga.)

CLÉRIGO: Decisão sábia da mão do homem!

C. MENEZES: Além de tudo isso que eu fiz com minhas mãos, a Colônia me deve esse serviço. Modernizei a lei! Antes se esperavam três meses as sentenças da coroa. Hoje é na hora. Resolvo em cima da perna. Em nome da minha rainha, é claro!

CLÉRIGO: É!... O que pode a mão do homem com a ajuda da mão de Deus!

C. MENEZES (vendo que Gonzaga se aproxima): Chi! Isola!

GONZAGA: Há três meses que busco uma audiência, mas parece que Vossa Mercê não me quer ver em particular!

C. MENEZES: Eu sou um governador democrático. Minhas audiências são todas públicas. No meio da rua. Na praça!

GONZAGA: Nem todas. A construção da Cadeia deve ter sido discutida à meia-luz e meia-voz!

C. MENEZES: Ilustre Ouvidor Gonzaga, se fosse assim tão particular o senhor não ficaria sabendo!

GONZAGA: A mim me parece inútil essa entrevista. Vossa Mercê não pretende modificar nenhum critério.

C. MENEZES: Pelo contrário. Todo dia mudo de opinião. Quando comecei a construir a cadeia, só se trabalhava de dia. Mudei. Trabalha-se agora a toda hora. Ontem pensava inaugurá-la inteira. Hoje comecei a alugar as peças que já estão prontas.

GONZAGA: E quem vai aí morar?

C. MENEZES: Ninguém. Alugo à hora! Uma prisão é um lugar triste. Quero que seja alegre a construção!

GONZAGA: Eu me curvo. Vossa Mercê não aceita nenhuma moral vigente. Faz a sua.

C. MENEZES (tentando uma discussão de

intelectual pra intelectual): Perfeito. Eu sou de opinião que se devem satisfazer os mais baixos instintos do homem a fim de que se possam atingir os mais altos ideais da humanidade. O homem é vil, mas a humanidade é bela! O homem é fornicador, ladrão; mas a humanidade é a obra perfeita da criação! Infelizmente, eu não sou a humanidade. Sou um homem só. Ilustre Senhor Gonzaga, uma nação florente é sempre obra de canalhas satisfeitos!

GONZAGA: Governador, Vossa Mercê me lembra César!

C. MENEZES: Por causa da barriga?

GONZAGA: César, imperador onipotente, certa vez nomeou senador o seu cavalo...

C. MENEZES: Que desgraça para os romanos!

GONZAGA: Ao contrário, Excelência! Se comparados a nós, como estamos, seria ventura nossa se fôssemos governados apenas por cavalos! (Sai radiante.)

C. MENEZES (sinceramente ofendido pela agressão pessoal): Florindo, cuidado com os homens magros: eles não têm senso de humor. Eu os quero longe de mim. Perto, só prostitutas, e, se possível, bem gordas!

CORO DE OPERÁRIOS

Deixa a pá, está pronta a prisão!
Pedra em pedra, terminou-se a construção!

A Cadeia está pronta pra quem quiser morar!

Pra isso é bastante a Menezes insultar!

C. MENEZES (fervor patriótico: sente a mesma alegria do primeiro homem que construiu uma cadeira elétrica): Aí está, emboabas e mazombos, criolos e pardos, brancos e pretos, livres e escravos,

esperando por vós, a mais imponente construção que jamais se viu por esses brasis à fora! E quando se falar nas Gerais, é com admiração que os povos contarão a grandeza da Cadeia Pública de Vila Rica. Vamos lá, Florindo, abençoa aí!

CLÉRIGO: Que Deus abençoe mais esta obra do poder humano. Sempre me admirei do que pode a mão do homem com a ajuda da mão de Deus. Amém!

(O Coro se ajoelha, enquanto o Clérigo benze, e depois canta música que lembra canto gregoriano.)

Deixa a pá, está pronta a prisão.

Pedra em pedra, terminou-se a construção

O padre contente acabou de abençoar Brasileiro já tem casa pra morar. (Volta o ritmo anterior.)

Pega a pá, há mais pra construir!

Pedra em pedra novas obras vão surgir!

As obras crescendo irão enriquecer

Ao Cunha Menezes e a quem souber vender.

O povo também não tem nada pra perder:

Havendo trabalho sempre sobra o que comer!

Pega a pá, trabalha em mutirão;

Pedra em pedra, cresce a nova construção!

CORINGA: Enquanto isso, na Capitania do Rio de Janeiro, Tiradentes, de passagem numa casa de Pilatas, a toda gente espantava. Tiradentes semeava vento.

(Casa de Pilatas. Mônica, sentada de boca aberta. Tiradentes de pé, trata-lhes os dentes. Veste-se de Alferes da Tropa Paga. Uma rapariga costura uma farda de soldado; cena realista.)

TIRADENTES: Todo poder vem do povo e em nome do povo vai ser exercido!

MÔNICA: E o povo lá tem cabeça pra essas coisas?

TIRADENTES: Tudo que é preciso resolver, reúne o povo na praça e pergunta: afinal, o que é que vocês querem? E o povo responde: "Queremos pão! Queremos trabalhar!" E lá vem o pão, lá vem o trabalho! Nesse dia, Moniquinha, você vai ficar de boca mais aberta do que está agora!

MÔNICA (para ela a conversa de Tiradentes é muito engraçada; tem tanta graça como se hoje ele falasse de Reforma Agrária, etc.) (À outra moça.) Ouve só, Deolinda! Quando eu digo que louco se trata a pau, não é à toa! Cadê povo pra essas coisas, seu Alferes! Cada um quer fazer sua fortuninha sozinho. E pra mim tá certo! E a rainha também tá. Pensá nos outros a troco de quê?

TIRADENTES (empunhando ameaçador o ferro de dentista): Eta! Que dá vontade de abrir sua cabeça a ferro pra você entender! Numa República, tudo é de todos. Então, a gente pensa também nos outros porque os outros somos nós.

MÔNICA (empurrando-o): Ai! Também não precisa me cortá a boca!

TIRADENTES: Fica me irritando!

MÔNICA: Como é que vai juntá todo mundo numa praça e perguntá: "o que é que vocês quer"? Cada um vai querer uma coisa, ninguém vai entendê. Só o que pode dá é um pau de acabá com o mundo!

TIRADENTES: É claro que não vai perguntá de um em um. Na praça se escolhe o Governo, que também é povo, e pensa que nem a gente. Aí sim o País fica rico. Mas só é rico quando cada um é também. Não é como agora...

MÔNICA: Vai dizê que essa terra não é rica?

TIRADENTES: Vou sim! Rico é Portugal! O Brasil só vai ficar no dia em que o

dinheiro não sair daqui. O que é nosso, nosso! Trabalho nosso, nosso! De todos, menos deles!

MÔNICA: Quem descobriu isso aqui? Antes era só matagal e os índios com tudo de fora! Foram eles que vieram e ajeitaram!

TIRADENTES (terminando o trabalho): Caramba! Que houvesse mais brasileiros como eu!...

MÔNICA: Seu Alferes, seu Alferes! Deixe como está que é pra não piorar. Isso aqui é Colônia!

TIRADENTES: No mundo inteiro as colônias estão se libertando. Só a gente está indo pra trás...

(Batem à porta.)

MÔNICA: Vai atender, minha filha! (A moça sai.) E me faça o favor, seja quem for, veja se cala a boca e não fica dizendo essas coisas de perigo como é de seu costume. Já faço muito em não denunciar. Se na frente do freguês falar o que não deve, sou testemunha contra.

(Entra o Cabo Jerônimo.)

MÔNICA: Entra, cabo Jerônimo! Como é? Mudou o dia?

CABO JERÔNIMO: Trocaram a folga!

MÔNICA: Dessa vez o que é? Uniforme pra fazer?

CABO JERÔNIMO: Esse ainda tá bom!

MÔNICA: Pois então não perca tempo. Pode escolher. As outras tão lá dentro!

CABO JERÔNIMO (apontando Deolinda): Essa mesmo!

DEOLINDA (meio chateada): Sempre eu!

MÔNICA: Vai lá pra dentro, anda! Deixa que eu faço. (Toma o lugar da moça na costura.)

CABO JERÔNIMO: Com licença. (Sai atrás da moça.)

TIRADENTES: Quando os franceses invadiram isso aqui e puseram todo mundo pra correr, quem foi que comprou a cidade de volta? Portugal mandou pra cá um

miserável de um mil réis? Cada um comprou de volta o que era seu e a França tomou. Teve de comprar casa, rua, navio, até cachorro de estimação. Teve de comprar tudo que já tinha. Se isso aqui era de Portugal, eles perderam na guerra e nós compramos no mercado. Nós compramos o Rio no mercado. Por que deve ser deles outra vez?

MÔNICA: Se era deles e deixou de ser, ficou sendo, agora é!

TIRADENTES: Um dia vou armar uma meada nessa terra que vai levar cem anos pra desatar!

MÔNICA: Vai armar uma meada em volta do pescoço, isso sim!

TIRADENTES: Vou contar uma coisa que não é pra contar! A França foi inimiga, veio aqui, roubou o que pode. Pois bem, a França deixou de ser.

MÔNICA: A França tá tão longe que nem sei onde é que fica...

TIRADENTES: Duas vezes deixou de estar. Pode chegar perto uma terceira. Agora do nosso lado!

MÔNICA (já chateada de tanta coisa engraçada): Olhe, Alferes, comigo não fale mais, se não eu grito. Falar dessas coisas é que nem doença, pega e acaba com a gente! O senhor é soldado, já devia ter aprendido. Soldado obedece, cumpre ordem e cala a boca.

TIRADENTES (quando lembra, vive o momento lembrado e torna a sentir o prazer da tortura. Enquanto fala, arruma sua maleta de instrumentos): Pois é... Quando saí das Gerais, fui caçar garimpeiro. O Governador mandou, obedeci. No mesmo dia peguei um. Se chamava Manuel Pinheiro. Peguei ele pelo pescoço e mandei confessar. Mandei quem comprava o ouro dele, quem tinha mandado, quem eram os outros. Disse que

não dizia. Peguei no chicote e larguei dez vezes, só pra meter medo. Disse que não dizia. E disse mais, disse até o que não devia. Disse que eu podia matar ele, mas que ele tava no seu direito. Era terra do Brasil, e ele era brasileiro, não tava roubando um igual. Peguei num pau de madeira, dez vezes larguei no lombo, dez vezes perguntando quem trabalhava com ele. Disse que não dizia!... Se chamava Manuel Pinheiro... Peguei a pistola da cinta, meti-lhe na boca a dentro, mandei confessar. Disse que não confessava não. Eu obedeci. Levei ele pra cadeia. Cadeia nova. Deve estar ainda lá. Deve apanhar todo dia, mas disse que não dizia. Era homem. Se chamava Manuel Pinheiro!

MÔNICA: Pois aí sim o senhor agiu no certo. Se não pode garimpar, não garimpa. Feito eu. Só faço o que me deixam.

(Reaparecem o Cabo e Deolinda.)

TIRADENTES: Era um homem. Tinha uma coisa que ele queria e brigou. Não conseguiu; mas brigar, brigou. (Para Deolinda.) Você briga!

DEOLINDA: Eu heim! Me deixa trabalhar!

TIRADENTES (para Mônica): Você briga?! (O Cabo pára.)

MÔNICA: Seu Alferes, eu já avisei!...

TIRADENTES (para o Cabo): E você?

CABO JERÔNIMO: Que que é? Brigar com quem? O que é que ele quer?

TIRADENTES: Você briga?

CABO JERÔNIMO: Pra quê? Por quê? Não o quê! Fui bem atendido, não tenho queixa nenhuma... Brigar por quê?

TIRADENTES: Você não briga?

CABO JERÔNIMO: Brigá? Não, brigá eu brigo... Brigo! Mas quem quer brigar? Tem alguém brigando?

TIRADENTES (acesso anarquista. A Tiradentes, nesta fase, tudo lhe

parece merecedor de destruição): Não, não tem ninguém brigando, não. Vai embora! Não tem ninguém brigando. Mas, se tivesse, até você que é um animal ia melhorar. Até as meninas daqui iam ganhar mais! Até o Rio de Janeiro ia ter água do dia, porque eu ia trazer o rio Maracanã pra dentro da cidade...

CABO JERÔNIMO: Aaaaaahn! Agora eu entendi. O senhor é aquele que anda dizendo que o Rio de Janeiro pode ter água todo dia! Mas é claro que eu brigo, meu velho. Brigo sim! Brigo quanto o senhor quiser, viu? Eu vou sair correndo daqui pra ir brigar!... Até logo! Até loguinho! (Sai voando.)

MÔNICA: Viu no que deu! Não faz assim! Sei que o senhor não é maluco, pelo menos não é maluco de todo. Mas as coisas que o senhor vive falando: liberdade, liberdade, liberdade, o tempo todo... Onde já se viu!... Eu sei que o senhor não é maluco... Pelo menos não é caso de hospício... Quer dizer... Se o senhor colaborar, pode até ficar bom como qualquer um de nós... Qualquer um de nós não reclama!... Não dá esse nervoso que o senhor tem... A gente até consegue dormir melhor, se não reclama...

TIRADENTES: Tem brasileiro de todo jeito... Tem brasileiro que nem você... Que nem esse cabo... Tem brasileiro que nem eu... Tem brasileiro chamado Manuel Pinheiro... Desses têm muitos... Mas onde é que eles estão? Estão todos na cadeia... Eu botei eles lá... É preciso soltar... (Vai até a porta.) (As mulheres estão amedrontadas.) É preciso soltar... (Sai.)

(Acordes. Entra o Coro, de corte, para outra seqüência.)

CORO

Tiradentes semeava vento,
Ninguém ouvia ou queria saber
Se certo e justo o que dizia,
E, se o fosse, o que fazer?
Foi quando então que um recém-
chegado

De terras d'Europa aqui aportou.
José Álvares Maciel
que com novas idéias chegou.

CORIFEU: Taverna do Tartugo - Rio de Janeiro - 1788.

(Presentes: o taverneiro, um mineiro, um bêbado e dois homens. Maciel senta-se mais afastado, acompanhando a cena.)

MINEIRO (bêbado bate na mesa): Meu vinho!... Cadê meu vinho!... Ó, português, traz meu vinho!

TAVERNEIRO: Só sirvo o que se paga!

BÊBADO: O que falta ao Brasil é vergonha na cara!

MINEIRO: Já paguei. Já dei todo o ouro que eu tinha!

TAVERNEIRO: Que era pouco e se acabou.

MINEIRO: Não faz nem dois meses, eu tinha tanto que era capaz de comprar vocês todos com meu ouro. Até você que é português e portanto é mais caro!... Eu sou homem de Manuel Pinheiro!...

BÊBADO: O que é preciso é mudar as conseqüências!... Toda a mudança começa aqui! (Aponta a cabeça.)

MINEIRO: E agora?... Vim corrido lá das Gerais, senão eles ó... (Imitando o tiro com a boca e arcabuz com os braços.) Tibunfo! Me dá mais vinho!

TAVERNEIRO: É por isso que isso aqui não vai pra diante!

MINEIRO: O que foi, português? O que é que é? Não vai pra diante porque aqui só tem governo ladrão! Não vai pra diante porque vocês vivem sugando a gente! Nem mais tirá diamante se pode... Tudo pra dona lá... Majestosa! Eu sou homem de Manuel Pinheiro!

HOMEM 1: Cala a boca, que vem fardado aí!

(Entra Tiradentes.)

BÊBADO: Deus salve a Rainha!

MINEIRO: Chegou a autoridade... Isso... Prende, prende, me prende... Pode atirar, meu filho... Vocês sempre têm razão... Atira primeiro, depois você pergunta o que foi que eu disse... Atira, Alferezinho de bosta...

TIRADENTES: Vai embora. (Mineiro sai.)

TAVERNEIRO: Está vendo o senhor como são as coisas? Por isso que esses desgraçados acabam na forca... Sorte dele o senhor não levar a mal.

HOMEM 2: Absurdo. Se dependesse de mim, eu pegava cada um desses e quebrava os ossos à maça antes de enforcar...

HOMEM 1: Como Pombal fez com os Távoras...

BÊBADO: A lei tem de ser severa. Se não, não é lei.

TIRADENTES: O senhor é a favor da forca?

HOMEM 2: Claro, pra que meias medidas? Forca e esquartejamento!

TIRADENTES: Será que adianta?

HOMEM 1: Adiantar, sempre adianta, que serve de exemplo. O que eu sou contra é quebrar os ossos à maça antes de enforcar.

TIRADENTES: E qual a diferença?

HOMEM 1 (com volúpia): A diferença é que quebrar os ossos ninguém vê. A gente acorda bem cedinho, vai lá na praça, mas nunca adianta: a primeira fila está sempre tomada. Ninguém vê direito. Só vê quem tá na frente. Que exemplo é esse? Sofrimento jogado fora. Já o esquartejamento não. A gente vê até da janela de casa. Penduram os quartos nos postes, o sangue escorre, todo mundo vê, sente o cheiro. Isso, sim, mete medo.

TIRADENTES: Mete medo em quem?

HOMEM 1: No povaréu.

TIRADENTES: Pra quê?

HOMEM 1: Uai, pra ter ordem.

TIRADENTES: Pra quê?

HOMEM 1: Como pra quê? Eu estou defedendo o senhor, e o senhor fica aí pra quê, pra quê?

TIRADENTES: Não preciso que ninguém me defenda.

HOMEM 1: Não, mas eu faço questão de defender o senhor. O senhor é autoridade. O senhor é a ordem.

TIRADENTES: E se eu disser que vou enforcar o senhor, o senhor me defende?

HOMEM 1: Eu não fiz nada pra ser enforcado. Tudo que eu devo à Rainha eu paguei...

TIRADENTES: E se eu disser que todos nós juntos devemos enforcar a Rainha, o senhor me defende?...

HOMEM 1: O senhor não vai dizer uma coisa dessas!!!

BÊBADO: Oferece alegremente teus díizimos à Rainha.

TIRADENTES: E se eu disser que os cariocas são vis e covardes, o senhor me defende?

HOMEM 1: Podemos discutir...

HOMEM 2: Cala a boca, que esse é o Tiradentes. (Apavorado.)

HOMEM 1: Esse é doido varrido, sô.

HOMEM 2: Doido não, é perigoso. Vamos andando que eu não quero ser visto com ele. (Alto a Tiradentes.) Alferes: sou um homem de coragem, mas respeito a autoridade. O amigo tome tento. (Fala agressivo.) (Tiradentes faz menção de atacá-lo, e os dois fogem correndo.)

TIRADENTES: Belos homens de coragem.

BÊBADO: O peixe morre pela boca. (Maciel, que tudo ouviu sentado a um canto, aproxima-se de Tiradentes, sentando-se à sua mesa.)

MACIEL: Meu nome é Maciel. Com

licença. (Senta-se.) Compreendo que o senhor esteja descontente com o governo, mas já nomearam um novo governador para as Minas... É o Visconde de Barbacena, por coincidência meu amigo.

TIRADENTES: Não lhe invejo a amizade.

MACIEL: É um homem bom e honesto.

TIRADENTES: Antes fosse o diabo, que mais depressa se levantavam os povos do Brasil.

MACIEL: O senhor acha que sofrer levanta o povo?

TIRADENTES: Acho.

MACIEL: Os escravos sempre se habituam.

TIRADENTES: Então, pro senhor não há saída, se por acaso o senhor estiver à procura de uma?

MACIEL: Há.

TIRADENTES: Qual?

MACIEL: Se existissem mais brasileiros como o senhor.

TIRADENTES: Pelo menos mais um, sei agora que há.

MACIEL: Mas é pouco. Na Europa todos se admiram por que o Brasil ainda não seguiu o exemplo do Norte. Por que o povo ainda não se libertou.

TIRADENTES: Aqui, quando alguém fala, todos fogem espantados. Todos preferem seguir em paz o caminho pro matadouro. Aqui, liberdade só vem se alguém de fora ajudar.

MACIEL: É uma questão de lucro. Brasil livre é comércio aberto. Todos de fora vão querer ajudar.

TIRADENTES: E por que até agora não ajudaram?

MACIEL: Nós temos que começar.

TIRADENTES: Nós dois?

MACIEL: Gente não falta. Falta descobrir os homens certos. Gente que possa mobilizar soldado, dinheiro e armas.

TIRADENTES: Ah, os grão-senhores. (Irônico.) O ouvidor Gonzaga, por

exemplo?

MACIEL: Seja quem for que possa lutar. Francisco de Paula é meu cunhado e comandante da Tropa Paga. Gonzaga e Cláudio Manuel são meus amigos e homens de lei. O Padre Carlos Rollim o Coronel Alvarenga são gente séria que levanta gente. Pólvora se consegue. Uma ponta de lança no Rio, outra na Bahia, e Minas se levanta. Se tudo isso se faz, vai haver muito mais gente como nós.

TIRADENTES: Com toda a raiva que eles tinham do Cunha Menezes, não ia ser difícil conseguir a adesão de todos.

MACIEL: Pena que o Visconde seja um homem digno...

TIRADENTES: Não tem importância. No princípio, todos os governos são bons. Depois, se ensopam de riquezas e deixam o povo na miséria.

MACIEL: Culpado é quem nos humilha.

TIRADENTES: Culpado é quem suporta humilhação sem se revoltar...

CANÇÃO CORO

E assim foi este encontro
pela história bem marcado.
Tiradentes decidido.
Maciel inconformado.
E assim juntou-se a fome
com a vontade de comer.
Mãos à obra, minha gente,
A conjura é pra valer.

FANFARRAS

CORIFEU: Vila Rica, Palácio do Governo,
1788. Sai Cunha Menezes,
Barbacena toma posse! Todo
mundo alegre! Alegria dura pouco.

GONZAGA: Nós e o povo já dávamos
sinais de grande inquietação! Nós e
o povo estamos felizes com a
nomeação de V. Excia.! Vossa

vinda traz de volta a paz e o retorno!

BARBACENA: Mais que retorno, mais que a paz, trago alegria, apesar de tudo. Trago esta carta da Rainha que me ordena lançar a derrama. Que todos sejam felizes, apesar de tudo. O Brasil finalmente honrará suas dívidas a Portugal! A derrama será lançada!

(Pânico. Espanto profundo. Música de Percussão.)

GONZAGA: Mas, Excia.! São nove milhões de cruzados. Nem a Capitania inteira possui essa fortuna disponível!

DOMINGOS: Nem que eu venda todas minhas fábricas!

SILVÉRIO: Nem que eu venda meus escravos! Nem que eu me venda a mim!

FRANCISCO: Nem que eu venda meu exército com todas suas armas, uniformes e disciplina!

GONZAGA: A mim me parece estranho que a Capitania tenha contraído uma dívida superior aos bens de que dispõe!

BARBACENA (como bom pastor de más ovelhas, emociona-se sinceramente, feliz por trazer tanta alegria ao seu povo: fome, desemprego, miséria. Sua alegria é tanta que termina em lágrimas.): No entanto, assim é. O Governo anterior levou a este paradoxo. Aqui, fizeram-se fortunas individuais, e o povo encontrou trabalho. Mas tudo isso a custa de quê? A custa do nosso bom nome no exterior, do nosso crédito, da nossa honra colonial. A Coroa nada lucrou com esse desenvolvimento. E o Brasil é como um comboio atrasado, um comboio abarrotado de riquezas que, todavia, caminha com extrema lentidão. Não deve ser assim. O comboio deve andar mais

depressa, e seu movimento será fornecido por trabalho, trabalho, trabalho! E o seu destino será a Coroa, Coroa, Coroa, Coroa! Fala-se mal da Coroa, porém nós sabemos que todos nossos males têm uma só origem e esta como todos sabem se constitui apenas de uma série de contingências. Digo mais: diversas contingências, a maioria das quais originadas no governo passado. Mas nós venceremos, venceremos na medida em que cada um criticar menos e trabalhar mais. Pelo trabalho superaremos ressentimentos e venceremos ódios - ódios tão pouco inerentes à nossa índole generosa! Só vos peço isto: digam comigo - Confiamos no Brasil! Apostamos no Brasil! Critique menos e trabalhe mais!

TODOS EM CORO

Confiamos no Brasil!
Apostamos no Brasil!
Critique menos e trabalhe mais!

CORO

(Marcha Rancho)
Calado, trabalhe mais!
Se o governo é bom ou mal,
Vamos todos melhorar:
Dê seu ouro a Portugal.
Existem muitas colônias,
Que se tornam mais florentes,
Quando pagam suas dívidas
E à Coroa são tementes.
Trabalhe sem entender,
Dê dinheiro e seja ousado.
Pagando somos felizes,
Num País escravizado.
Num País escravizado.
Num País escravizado.

EXPLICAÇÃO 2

CORINGA (em todas as "Explicações" o

Coringa é o ator que o interpreta e não um personagem): Vocês devem estar estranhando quatro coisas. Espero que sejam só quatro porque essas eu posso explicar. Primeiro, as Pilatas. Aposto que vocês ficaram todos na dúvida se elas eram só costureiras ou só prostitutas. Não eram nem só uma coisa nem só outra. Eram as duas coisas ao mesmo tempo. Naquela época não havia especialização. Segundo, a história de desviar o Rio. Tiradentes tinha o projeto de canalizar os rios Andaraí e Maracanã, coisa que na época todos achavam ficção científica. Ele chegou a ser vaiado um dia na ópera por causa disso. Mas veio D. João VI e esse projeto foi executado e até hoje é conhecido como o "Canal do Mangue". As fiéis Pilatas continuam lá, mas agora totalmente especializadas. Terceiro, por que a troca de Cunha Menezes por Barbacena? Porque à Rainha só interessava um governador das Minas Gerais que fosse fiel, honesto e austero, porque só assim podia ter certeza de que o nosso ouro seria fiel, honesta e austeramente embarcado para Portugal. Quarto, a derrama! Como bom país colonizador, Portugal cobrava imposto sobre tudo. Importação, exportação, escravo, boi, vaca, terra, casa, cabeça... Nasceu príncipe, a colônia paga imposto. Morreu, paga! Batizou, crismou, fez primeira comunhão, casou, separou, recasou - paga! O príncipe sorriu, paga imposto! Mas mesmo somando tudo isso, D. Maria ainda achava pouco, e lá vinha a Derrama, com soldado na porta, pra cobrir a diferença. Não

escapava ninguém, fosse mineiro ou não! O Governo decidia quanto é que cada um tinha de dar e podia reduzir à pobreza quem horas antes fora um potentado. Era o Terror. A revolta era a única solução.

(Mudança brusca de luz. Coringa converte-se em juiz. Tiradentes é o réu. Vestido da forma tradicional.)

CORINGA (como juiz): Alferes Joaquim José da Silva Xavier! A que veio a esta cidade?

TIRADENTES: Vim ao Rio em virtude da informação de que haviam chegado três requerimentos meus. Um a respeito de umas águas, outro de um trapiche e um terceiro sobre embarque e desembarque de gado.

CORINGA: E quais as pessoas de sua amizade?

TIRADENTES: Não tenho pessoas de particular amizade. Eis porque estou morando em casa alugada.

CORINGA: Nega o respondente que concitava os povos à revolta? Não foram estas sua palavras: "Se existissem mais brasileiros como eu o Brasil seria uma República Independente"?

TIRADENTES: Não sou nem louco nem bêbado para dizer semelhantes expressões a quem não tem valimento para entender o sentido delas. Disse, é certo, duras palavras contra os cariocas. Não para ofendê-los, mas para despertá-los. O povo é grande, eu não estaria em condições de riqueza e poder para arrastá-lo, presentemente, a uma quimera.

CORINGA: Mesmo assim poderia seguir o partido de alguns cabeças...

TIRADENTES: Não há cabeças, nem partido.

(Durante a cena, tema de "dez vidas eu tivesse...")

2º EPISÓDIO

CORIFEU: 1788. O Governador Visconde de Barbacena convoca o Tenente-Coronel Franci amanhã. Mas vivemos sempre o hoje. O amanhã só faz tardar. O povo já não aceita promessas de futuro.

BARBACENA: Não é vosso dever, coronel, pensar em função do povo!

FRANCISCO: A Derrama fará com que o povo se levante. Minas será livre!

BARBACENA: O povo não se levanta nunca, nem que o açoitem - se é forte a mão que açoita. A Derrama será o açoite do povo.

FRANCISCO: Perdoe, Excelência. A Derrama é cobrança de dívida. Não deve ser castigo!

BARBACENA: A Coroa vê mais longe! O Brasil já se começa a pensar como País. Não só os mazombos que aqui nasceram, mas os reinos que aqui ficaram, todos começaram a pensar nas vantagens de cortar os laços com a Mãe Pátria. É perigoso deixar o o povo pensar sozinho. Mesmo que a Derrama não trouxesse nenhum lucro, devia ser exigida. Só usando a força o povo sentirá a presença divina da Coroa.

FRANCISCO: Razões de força prevalecem quando força existe. Nossos soldados são todos brasileiros e mesmo assim não são muitos.

BARBACENA: Pois então que venham mineiros da lavra e vistam farda. A tropa que passeie pela rua. A força que se exhibe vale mais do que realmente se tem. Vossa Mercê organize paradas e aparato. (Entram num rompante: Domingos de Abreu Vieira, Tomás Antônio Gonzaga, Cláudio Manuel da Costa e Joaquim Silvério dos Reis.)

DOMINGOS: Excelência! Venho reclamar, e meus amigos me apóiam! Minhas

fábricas amanheceram fechadas e com soldados na porta! Quero que me explique o equívoco!

BARBACENA (de Barbacena dizia-se que ensaiava para Diplomata, com todos os prós e contras da profissão.): Coronel Domingos de Abreu Vieira: não escapa à nossa Soberana o quanto Vossa Mercê tem feito pelo engrandecimento da Colônia. Não lhe escapa também quantas fábricas Vossa Mercê construiu e muito menos lhe escapa que isso desenvolve um mercado interno que nada rende à Metrópole. Está explicado o equívoco. Nada mais fiz do que cumprir a lei.

DOMINGOS: Desconheço essa lei!

BARBACENA: Sempre há tempo. Aqui está o alvará. "Eu, a Rainha, decido..." Está decidido!

DOMINGOS (está sempre pronto a conciliar e a achar uma saída honrosa): Mas agora o que é que eu faço com meus duzentos escravos que ficaram sem serventia?

SILVÉRIO: Um amigo se conhece nessas horas. Dependendo do preço e do prazo, fico com todos. Cumprindo a vontade de nossa Soberana, tenho alargado minhas terras em extensão e cultura.

BARBACENA (interrompendo-o): Outra lei, esquecida, refere-se justamente às terras que se têm alargado em extensão e cultura com uma rapidez que só é possível a quem deixa de pagar os sagrados direitos de Sua Majestade! Aproveito a oportunidade para oferecer ao Coronel Joaquim Silvério a grande alegria, apesar de tudo, de saldar suas dívidas!

SILVÉRIO: Como não! Como não! Noites e noites que eu não durmo só pensando nisso. Imagine meu

contentamento agora que acabei de comprar duzentos escravos do Coronel Domingos. Vossa Excelência me fará o favor de aceitar algumas dúzias como entrada. E o resto, o Dr. Cláudio Manuel me emprestará a juros como é de seu hábito e quase profissão.

BARBACENA (com inatacável bondade e compreensão da índole popular): Senhores, o povo já está descontente, e não quero que no futuro venha a sofrer novos descontentamentos. Portanto é melhor reunir todos os descontentamentos num grande descontentamento só. Uma nova lei, apesar de tudo, elimina a usura e extingue o crédito.

CLÁUDIO: Sem crédito nenhum país sobrevive!

BARBACENA: País não. Mas nós somos Colônia!

GONZAGA: E sobre todas essas medidas Vossa Excelência ainda pretende lançar a Derrama?

BARBACENA: Estudo apenas a data.

GONZAGA: Saiba que os povos das Minas se levantarão!

BARBACENA: Meu dispositivo militar me garante a obediência e o apoio do povo. (A Francisco de Paula.) Não é verdade?

FRANCISCO: Meu regimento está preparado para tranqüilizar a população em vinte e quatro horas.

SILVÉRIO: Comigo não tem problema, porque eu sou bom vassalo e fiel; mas com essas medidas os donos de fábricas ficarão a pé, com a Derrama ficarão de rastros.

DOMINGOS: Comigo não tem problema, que eu sou dono de fábrica, mas escravo fiel de S. M. Mas os que vivem de emprestar dinheiro, talvez não sejam tão bons vassalos como

o Dr. Cláudio Manuel.

CLÁUDIO: De minha parte eu me preocupo mais com as leis e as letras do que com os negócios. Mas gente existe que terá de escolher entre a morte e a revolta. Seria preciso saber se todos os comandantes são tão fiéis vassalos como o nosso Tenente-Coronel.

FRANCISCO: Soldado cumpre ordens.

BARBACENA: E Vossa Mercê, ouvidor Gonzaga? Embora vossa fidelidade não tenha sido agora proclamada, é por todos bem conhecida! Vossa Mercê que tão bem sabe da índole do povo, Vossa Mercê, que pensa?

GONZAGA: Não é necessário saber a índole, basta conhecer as matemáticas. Se as fábricas estão fechadas, se a extração de diamantes, só a faz a Coroa, se o crédito é extinto, a Derrama terá apenas um sentido simbólico, pois o ouro já terá sido todo embarcado.

BARBACENA: Porém a Derrama é ordem expressa!

GONZAGA: Vamos examinar. A Coroa quer mais dinheiro. O País não tem. Portanto, existe a hipótese de não lançar a Derrama.

BARBACENA: É este o vosso conselho?

GONZAGA: Só estamos conversando por hipóteses. Se não se lançar a Derrama, existem duas hipóteses: a Rainha tanto pode concordar, como pode nomear outro Governador em seu lugar.

BARBACENA: Então, a Derrama é inevitável.

GONZAGA: Neste caso também existem duas hipóteses: lançá-la por todos os atrasados ou só pelo último ano. Como o primeiro caso é totalmente inexequível, ainda resta a segunda hipótese.

BARBACENA: Talvez seja a solução.

GONZAGA: Mas neste caso o povo entenderá que se trata de uma

primeira medida e que logo a Coroa exigirá o pagamento integral. Portanto, lançar a Derrama por um ano só, ou por todos os anos, vem a ser a mesma hipótese.

BARBACENA (diplomaticamente irritado): Senhor Gonzaga, afinal qual a vossa opinião? Vossa Mercê é a favor da hipótese de não lançar?

GONZAGA: Eu vou confessar com toda a sinceridade: eu sou a favor da hipótese!

BARBACENA: Senhores, cheguei a uma conclusão que, apesar de tudo, também tem seus aspectos hipotéticos. De minha parte, necessito da colaboração de todos. De vossa parte, a minha colaboração é indispensável. Por isso, eu estou disposto a escrever imediatamente à Rainha propondo o adiamento da Derrama "sine die", desde que os senhores se comprometam a não só obedecer às leis agora impostas, mas sobretudo divulgá-las, defendê-las e justificá-las! De acordo!

SILVÉRIO: Se é essa a vossa vontade, seja feita.

DOMINGOS: Que jeito?!
(Saem todos. Barbacena é interceptado pelo Coringa; a cena é feita como entrevista em campo de futebol.)

CORINGA: Visconde! Uma perguntinha. Por que essa reviravolta a respeito da Derrama? O senhor não tinha dito que mais importante que o lucro era a humilhação?

BARBACENA: Em política, meu amigo, é necessário antes de mais nada saber conciliar. Percebi que essas novas leis são tão violentas, que se eu me decidisse a aplicá-las todas de uma só vez, eu ia acabar perdendo.

CORINGA: O senhor acha que alcançou um resultado positivo?

BARBACENA: Sem dúvida. Eu consegui, apesar de tudo, a certeza da aplicação das leis principais em troca de um hipotético adiamento da Derrama. Até lá eu preparo meu exército, e até lá muita coisa pode acontecer.

CORINGA: Governador, o senhor se acha um canalha?

BARBACENA: Absolutamente. Sou um fiel servidor de Sua Majestade. Se tudo que eu faço fizesse por minha livre e espontânea vontade, então sim poderia ser classificado como canalha. Mas eu apenas cumpro com o dever que me é imposto.

CORINGA: O senhor acha que o Brasil tem chance de se libertar?

BARBACENA: Jovem: a independência política não está muito distante. O resto depende de vocês...

CORINGA: Então por que o senhor não apóia a causa dos patriotas?

BARBACENA: Não é da competência do crocodilo dizer: "Cuidado com o crocodilo!"

CORINGA: Muito obrigado, Visconde de Barbacena. Boa sorte para o senhor!

BARBACENA: Boa tarde, meu amigo.
(Sai.)

CORINGA (dirigindo-se a Gonzaga): Senhor...

GONZAGA (cortando): Não tenho nenhuma declaração a fazer!

CORINGA: Obrigado. Coronel Joaquim Silvério!...

SILVÉRIO: Lei é lei... Mas a gente sempre dá um jeitinho!

CORINGA: E o senhor, Padre Rollim, que não participou desta reunião de alto nível, diga-me cá: o clero tem algum interesse na Independência do Brasil?

ROLLIM: Sem dúvida. Em primeiro lugar tem o interesse humanitário e cristão. Em segundo, a Independência pode trazer a nossa

autonomia. Os dízimos não seriam mais pagos à Coroa. Mas sim diretamente aos cônegos.

CORINGA: Quer dizer que o senhor apóia?

ROLLIM: Se eu não fosse tão vassalo, certamente apoiaria... (Sai.)

(Acorde.)

CORINGA (puxando o Coro): Ser bom vassalo o que é?

Me responde quem souber.

CORO

(Os atores se agrupam na clássica disposição de Coral.)

Ser bom vassalo é esquecer aquilo que a gente quer.

Ser bom vassalo é morrer.

Ser bom vassalo quem quer,

Me responda que quiser.

CORINGA: Só quer ser um bom vassalo, quem vive seu bom viver, quem explora e não é explorado, quem tem tudo pra perder!
E o Tiradentes onde está? Me responda quem souber!

CORO

Na casa do Coronel,
Aposto com quem quiser!

(Tiradentes, Francisco de Paula e Maciel em casa de Francisco, acamado com um pé doente.)

FRANCISCO: Diga de uma vez, Alferes. Afinal o que deseja: receber o soldo retido ou tem lá outras idéias?

TIRADENTES: Vim falar de tudo, meu coronel. Do dinheiro que é importante e que eu preciso e não sei por que o senhor não dá. De sua saúde que eu prezo e das coisas que por aí vão e que eu ouço pelos caminhos.

FRANCISCO: O povo fala o que não sabe e vê o que não existe!

TIRADENTES: É certo quando é gente pouca. Mas quando é todo mundo a falar...

FRANCISCO: Fale de uma vez! Mas não esqueça que eu sou o comandante.

TIRADENTES: É justamente por isso que falo. Sei que eu vou me arriscar, coronel. O senhor pode me prender, e eu sei que a pena é a morte.

FRANCISCO: Então, guarde para si. Eu não faço as coisas que desejo. Um soldado cumpre ordens.

TIRADENTES: E pode continuar cumprindo, meu coronel, aliando dever e desejo, trocando quem dita as ordens. Servindo os que aqui estão e não os ausentes!

FRANCISCO: Calado! Não é a primeira vez que me falam nisso e não quero ouvir uma terceira!

MACIEL: Calma, cunhado! Conheço o Alferes. O que ele fala não há mal em ouvir. É claro, a troca de obediência tem suas vantagens, mas no momento não é possível. Só se obedece à força, e a força nos vem de fora.

TIRADENTES: A vontade do povo também é força. Sem ordem e sem rumo, é força sem vassalos. Com a obediência de V. M., o rumo certo se encontra!

FRANCISCO: Chega, já disse! Por muito menos a outro eu já teria prendido. Uma obediência que troca de senhor é sempre traição!

TIRADENTES: Maior traição é não trair quem trai o povo.

FRANCISCO: É, Maciel! Bem que você me avisou que eu havia de tratar com um doido!

TIRADENTES: Doidos como eu, coronel, já agora não são poucos. Desde os lutadores do garimpo, até o ouvidor Gonzaga! Desde mim até Vossa Mercê! (Os dois se olham -

Tiradentes estende a mão; sem apertá-la, Francisco, sorrindo, bate-lhe no ombro.)

CORINGA (cantando): E Gonzaga onde está?

Responda quem souber!

CORO 1 (cantando): Fazendo revolução?

CORO 2: Será?

CORO 1: Conclamando a multidão!

CORO 2: Será?

CORINGA (cantando): É uma hipótese muito possível, mas quem quiser ao certo encontrar junto a Marília vá procurar.

CORO 1 E 2 (cantando) Junto a Marília vá procurar!

(Casa de Marília.)

GONZAGA: É, meu bem... Eu sei que para você é difícil entender o pensamento poético...

MARÍLIA: Cada idade entende as coisas da sua idade. Quando eu for tão velha quanto o senhor, vou entender muito mais!

Por enquanto, entendo o que é preciso, na minha idade.

GONZAGA: Primeiro engano! Ser jovem é perigoso. Você disse o que você pensa. E como a idade é pouca, pensa pouco! Mas às vezes, quando têm a sua idade, as pessoas precisam tomar decisões que só vão ser importantes quando venha a ter a minha! O casamento, por exemplo, é uma decisão que você tem de tomar na sua idade e não na minha.

MARÍLIA: Então, por que o senhor, na sua idade, me fala em casamento?

GONZAGA: Mas eu sou homem, e homem não tem idade!

MARÍLIA: Eu conheço muita gente que pensa assim. Especialmente os amigos do vovô.

GONZAGA: Vou fazer uma pergunta. O que é mais importante para uma

mulher jovem: ser bela, ou ser amada por um poeta?

MARÍLIA: Sem querer ofender a sua poesia, eu prefiro ser bela!

GONZAGA: Segundo engano! A beleza morre... Só pode ser usada enquanto dura e dura pouco. A cada ano que passa existe menos. Já a mulher casada com um poeta, vai-se embelezando nos seus versos. E quanto mais velho o poeta, melhor o estilo, maior a beleza daquela que, embora feia, é casada com o poeta.

MARÍLIA: Perfeito, mas a beleza da mulher jovem é gozada pela mulher jovem. A beleza da feia casada é gozada pelos leitores.

GONZAGA: Terceiro engano! O gozo é sempre também de outro. Quando a jovem um jovem ama, o jovem - quando é jovem - não dispõe do que tem, se seu pai tem. O velho, ou mais maduro, de seu tem o que tem. E sendo eu quem sou, Marília, só comigo você pode se casar. (Cantando.) Ornemos nossas testas com as flores;

E façamos de feno um brando leiteo;

Prendamo-nos Marília em laço estreito.

Gozemos do prazer de sãos amores.

Sobre nossas cabeças sem que o possar deter, o tempo corre;

e para nós o tempo que se passa também, Marília, morre.

Com os anos, Marília, o gosto falta e se entorpece o corpo já cansado: Triste, o velho cordeiro está deitado.

E o leve filho, sempre alegre, salta.

Ah, não minha Marília, aproveite-se o tempo, antes que faça

o estrago de roubar ao corpo as

forças

e ao semblante a graça.

MARÍLIA: Belos dotes tens, meu pastorzinho. Mas por pouca idade, não tenho pressa. Espera ainda, quem sabe um dia serei senhora! (Sai saltitante.)

CORINGA: Mas se aqui vai tudo bem, pros outros como andarás? A quem souber de Silvério, peço logo pra contar!

CORO

Sai daí, Joaquim Silvério, deixa logo de esconder, de uma vez abra seu jogo, que é pra gente entender!

(Cada ator avança como solista de um Coral; ao terminar o solo, reintegra-se.)

SILVÉRIO: As leis que foram impostas não atingem o meu quintal; enquanto se fecham fábricas, cresce meu canavial!

Mas em épocas de crise não se pode confiar; quando trocam uma lei, muitas mais podem trocar!

E o espectro da derrama não me deixa mais dormir. Se se cobram os atrasados, vou lutar ou... fugir!

CORINGA: E o poeta Cláudio Manoel nesse instante o que fará? Quem possa saber que venha contar!

CORO

O poeta Manoel já não pode mais rimar. O valor de suas liras uma lei veio tirar!

CLÁUDIO: Triste terra, triste vida, desta terra abandonada. Vila Rica empobrecida, pobre vila mal usada. Esta gente tão sofrida, já não geme, conformada. Esta gente tão ferida

pela sina malsinada.

CLÁUDIO: Que não pensem os senhores que a obediência é ilimitada. Se lançarem a derrama, rebelião será lançada.

CORINGA: E o Domingos de Abreu, onde pode estar? Quem dele souber que venha falar!

CORO

Domingos está triste nem pode chorar. Se um dia foi rico, não vai continuar!

DOMINGOS: Tanto bem que eu produzi quanta gente eu já vesti, quanto ferro por aí, pus na forja pra servir!

Se um governo roubava, esse outro é pior.

O primeiro só tirava, o que está não é melhor!

Só se tira do que existe, só se rouba de quem tem. O de agora só não rouba, porque já não tem a quem.

Pois todo nosso povo foi ficando sem vintém!

E o espectro da Derrama, não me deixa mais dormir.

Não fosse eu bom vassalo, minha raiva iam sentir!

CORINGA: Tá ficando bom?

CORO

Tá?

CORINGA: Tá ficando bom?

CORO

Tá!

O pessoal tá começando a engrossar! O pessoal tá começando a engrossar!

CORINGA: Responda, minha gente, e o povo onde é que está?

CORO 1

Está sofrendo calado, sofrendo a trabalhar.

Extraindo tesouro
pras burras entulhar

CORO 2

Da Rainha Maria
Que quer se fartar.

CORINGA (modulando): E diga, minha
gente,
ninguém quer protestar?

CORO 1

O protesto é valente
pra quem quiser escutar!

CORO 2

Trabalho só pára
Quando é pra lutá!
Soldado que chega
e quer nos roubá!
Fizemos garimpo
pro ouro extrair,
o ouro que fique
aqui sem sair!

CORO 1

Garimpeiro é?

CORO 2

Operário lutador!

CORO 1

Garimpeiro é?

CORO 2

Mineiro lutador!

CORO 1 e 2

Quem quiser Independência
o garimpo vá chamar,
pois são mil bocas douradas
que num grito vão apoiar!
(Coringa interroga o garimpeiro, o
negociante, um mineiro e o escravo;
Coringa interpreta os dois papéis.)

CORINGA: Mas digam lá, companheiros
dessas Minas. Que é que há com o
povo que não se manifesta?

GARIMPEIRO: E eu sei lá? Quem
entende? O pessoal só fica aí
reclamando, falando. Na hora do
pra valê, cadê?! Ninguém faz nada!
Isso é que falta, ó... (Bate com a
mão na testa.) Tutano! Tutano é o
que não tem!

CORINGA: Mas, se vier a Derrama,

mesmo assim ninguém faz nada?

GARIMPEIRO: Arma tem aos monte! Essas
picareta aí, ó! Vou te contá! Pega
um Joaquim desses com uma
picareta, eu não quero nem vê!
Mas é que o pessoal não sabe, fica
tudo pelos canto, procurando lei a
favor...

CORINGA: Mas, se alguém organizasse a
resistência, o povo ia junto?

GARIMPEIRO: Ah, isso é mais que mais
que certo. Estourou o fuzelê, nós tá.
O difícil é estourá.

CORINGA: É, mas agora, parece que
vai!

MINEIRO: É, eu também ouvi dizendo por
aí. Diz que tem uns padre meio
agoniado, uns doutores... Diz que
tem uns fardadão também aí que
ó... (Fecha a boca com zip.)

CORO 1

Garimpeiro é?

CORO 2

Operário lutador!

CORO 1

Garimpeiro é?

CORO 2

Mineiro brigador!

CORO 1 E 2

Quem quiser independência
o garimpo vá chamar,
pois são mil bocas douradas
que um grito vão apoiar!

CORINGA: Mas ninguém foi já chamar!!
(Num corte brusco, luz sobre Barbacena;
comporta-se como se estivesse falando
a telespectadores.)

BARBACENA: Compete ao Governo
manifestar sua alegria: todos os
senhores, apesar de tudo,
cumpriram a promessa feita.
Orgulhosamente, devo dizer que de
minha parte cumpri também.
Escrevi à Rainha implorando o
adiamento da Derrama. E nossa
Soberana, D. Maria, a Piedosa,
pesando as circunstâncias, houve
por bem recusar a graça pedida.

Assim sendo, cumprido o nosso acordo. A Derrama será lançada. Boa noite, senhores!

CORO

Triste terra, triste sina
dessa terra abandonada.
Vila Rica empobrecida
Pobre Vila malsinada!
Esta gente tão sofrida
já não geme, conformada,
Vila Rica empobrecida
Pobre Vila mal usada!
(Sobre a segunda estrofe entra o Coringa.)

EXPLICAÇÃO 3

CORINGA: No fim deste segundo episódio, eu devia explicar alguma coisa. Mas parece que tudo ficou claro. Por exemplo: quando Marília pensou em pensar na proposta de Gonzaga, queria pensar mesmo porque não estava tão animada assim, não! E quando o homem do povo fez: (Gesto de zip na boca.), ele quis dizer exatamente (Repete o gesto.) Daí por diante é que a conjuração tomou força!

(Corte brusco de luz. Coringa converte-se em juiz. Tiradentes é o réu.)

CORINGA: Confirma o respondente ter dito a quem quisesse ouvir que a sedição e motim era imitente?

TIRADENTES: Devo ter dito, se testemunhas há que dizem ter ouvido. Mas nunca o disse com ânimo de ofensa, nem veneno.

CORINGA: O respondente tem faltado à verdade em todo o sentido! Era o respondente que convidava a todos quanto podia e tão alucinadamente que nem escolhia pessoa nem ocasião!

TIRADENTES: Sem ânimo de ofensa nem veneno, afirmei que os povos das Minas estavam desesperados...

CORINGA: Fazendo assim reparos à política real!

TIRADENTES: É muito má política vexar os povos, porque eles poderão fazer como já fez a América Inglesa, muito principalmente se se chegarem a unir outras capitânias e se existirem pessoas de ânimo e coragem, pois que se poderá até mesmo atacar o ilustríssimo Vice-Rei em seu palácio! Mas ao dizê-lo não convidei ninguém a que o fizesse, nem dei mostras de querer fazê-lo. Foi apenas matéria de conversação, considerando o perigo e as conseqüências que se seguem quando os governantes não se preocupam em contentar o povo.

3º EPISÓDIO

CORIFEU 1: Vila Rica - 1789. Casa do Tenente-Coronel Francisco de Paula!

CORIFEU 2: Vila Rica - 1789. Casa de Tomás Antônio Gonzaga!
(Na casa de Francisco de Paula estão presentes: Francisco de Paula, Tiradentes, Maciel, Domingos Abreu Vieira, Carlos de Toledo, Joaquim Silvério dos Reis e, às vezes, Alvarenga. Na casa de Tomás Antônio Gonzaga estão presentes: Gonzaga, Cláudio Manoel da Costa, Bárbara Heliodora e, às vezes, Alvarenga e Cônego Luiz Vieira.)
(Casa de Francisco - escritório de armas e munições.)

DOMINGOS: É uma calamidade! É uma calamidade! É certo que temos de ser bons vassallos! Mas têm muitos por aí que não são e mesmo assim não fazem nada. Ah! Se nós não fôssemos tão bons vassallos, ia ser diferente!...

P. CARLOS: Ia ser igual. O que conta é a força. Eles a têm e nós não. É por isso que temos de continuar a ser bons vassallos.

TIRADENTES: Bem, se o que está em discussão é a vassalagem, então é melhor continuar tudo como está. Mas, se o que se discute é a força, aí não!

DOMINGOS: Barbacena tem um exército bem armado!

TIRADENTES: Cujo comandante está aqui presente, conversando conosco!

FRANCISCO: Conversando não! Ouvindo.

TIRADENTES: E é a vossa atenção que nos anima, coronel!

ALVARENGA: Essa questão de força não se discute. Quem duvida que a força somos nós?

DOMINGOS: Se a temos, onde está, Coronel Alvarenga?

ALVARENGA: Respeitando as reservas do nosso comandante, que é a força decisiva, eu, de minha parte, em Rio Verde, consigo levantar trezentos homens. Sei que é pouco, mas "são" trezentos homens armados!

DOMINGOS: Não chega nem para uma guarda pessoal!

TIRADENTES (rindo irônico): Sim, de quem tem muito medo!

P. CARLOS: Homem por homem, eu cá do meu canto bem que posso ajuntar mais alguns. Digamos, talvez quinhentos!
(Hesita.) Bem, mas o problema não é esse, o problema é a vassalagem!

TIRADENTES: Certo, certo! Mas, por hipótese, como diria o ouvidor Gonzaga, somando já são oitocentos!

DOMINGOS: Bom, hipótese eu sei que o Padre Rollim lá no Serro Frio completa os mil!

ALVARENGA: Uma salva de palmas para o Padre Rollim.
(Brincando, todos aplaudem.)

TIRADENTES (topando a brincadeira e aplaudindo): Pra dar tiro não falta quem, fala com quê!

DOMINGOS: Nisso, eu já não fico de fora. Está todo mundo oferecendo soldados, coisa de que eu careço, mas no Rio de Janeiro eu tenho oitocentos mil réis de pólvora!

TIRADENTES: E não temos de contar só com a que já existe. Podemos fabricar.

DOMINGOS: Como?

TIRADENTES: Descobri salitre.

ALVARENGA: O Maciel já te disse que aquilo não é salitre; é sal catártico...

TIRADENTES: E daí? É uma espécie de salitre: dá para fazer pólvora do mesmo jeito!

ALVARENGA: Sim, dá para fazer uma espécie de pólvora. Só que não explode!

TIRADENTES: Depois a gente discute.

P. CARLOS: Apesar das controvérsias sobre o salitre, homens e pólvora temos bastante.

FRANCISCO: Mas esse não é o problema. O problema é que todos os senhores são bons vassalos.

ALVARENGA: Nós somos bons vassalos? E o senhor, o que é?

FRANCISCO: Eu não estou conversando. Estou só ouvindo!

TIRADENTES: Ah!...
(Corte.)
(Casa de Gonzaga - cena bucólica; bancos de jardim e trepadeiras verdes.)

CLÁUDIO: E tu, que pretende fazer, Gonzaga?

GONZAGA: Bem, se realmente se fizer a sedição, já não sei se deva ir para a Bahia. Por um lado não se pode desprezar um posto desses. Mas, por outro, creio que o novo Governo deve necessitar da minha colaboração... E da tua, principalmente.

CLÁUDIO: Juntos bem podíamos elaborar bonitas leis...

GONZAGA: Hum, hum! Tempo agora não nos falta. Mas, com o meu

casamento, Cláudio, as coisas vão se complicar. Sabes, pretendo me dedicar exclusivamente à minha Dorotéia, fazer do lar minha única preocupação. Não sei, talvez seja melhor ir para a Bahia mesmo!...

CLÁUDIO: Claro que sim. Esperaste tanto tempo, que bem merece agora um pouco de repouso. Lá terás uma ótima colocação, escravos, servidores! Eu invejo tua felicidade.

GONZAGA: Na Bahia, talvez eu possa mesmo ser muito feliz. Porém, há o problema do clima. O calor é insuportável. Temo pela saúde de Dorotéia e das crianças que virão! Quem sabe seja melhor ficar por aqui mesmo e servir à Pátria. O clima aqui é mais ameno.

CLÁUDIO: É!... O clima! Além do mais, lá sentirias saudades dos amigos!

GONZAGA: E quantal!...

CLÁUDIO: Os amigos... e o clima...

GONZAGA: O amor...

CLÁUDIO: O dever...

GONZAGA: O surgir de uma nação...

CLÁUDIO: O recair da noite...

GONZAGA: A luminosidade dos campos...

CLÁUDIO: "Dizei, pastorinhas, dizei: qual de vós é meu pecado"...

GONZAGA: Alceste!

CLÁUDIO: Fenício!...

GONZAGA: Sobretudo, o clima...

(Corte.)

(Casa de Francisco.)

FRANCISCO: Eu não estou entrando na conversação. Mas, a meu ver, se querem uma opinião técnica, mil homens não bastam! Mil homens bastariam se todo o povo apoiasse.

TIRADENTES: Então, mil homens bastarão! Só nos falta quem comece.

DOMINGOS: É melhor ter cuidado! Precisamos ter a força de conduzir o povo antes que ele nos conduza. De que vale lutar contra a

opressão e cair na anarquia!?

TIRADENTES: Por que anarquia? A tropa do exército também é povo. Se se teme o povo em armas desorganizado, que se organize o povo armado!

DOMINGOS: Mas pode ser que nem sempre o povo armado obedeça à vontade do seu chefe!

TIRADENTES: Enquanto a vontade do chefe for a vontade de todos, Vossa Mercê não terá o que temer. E nós aqui estamos falando em nome do povo.

DOMINGOS: Não sei, não!

TIRADENTES: Como, não sei não?

SILVÉRIO (pensando na hora e contente com o luzir do próprio pensamento): O senhor Domingos tem razão. Porque, em relação ao povo, ninguém pode ser totalmente a favor, nem totalmente contra. O povo, como aliás muitas outras coisas, tem o seu lado bom e o seu lado mau. Ao mesmo tempo é útil e perigoso.

ALVARENGA: Eu tenho uma solução! O número de escravos é maior do que o de homem livres. Se nós garantirmos a liberdade a todos os escravos, teremos batalhões ao nosso lado! Bem organizados, eles serão uma espécie de povo que não é povo, na acepção mais perigosa do termo.

DOMINGOS: Isso é bom! Serão batalhões de gente agradecida e obrigada.

SILVÉRIO: Mas o que é isso! O que é isso! Não é hora para brincadeiras! Então, se decreta assim, sem mais nem mesmo, a libertação dos escravos?!

TIRADENTES: Por que está tão abespinhado, Coronel Silvério?

SILVÉRIO: E não é pra estar? Os escravos do senhor Domingos, quem foi que comprou? Os escravos de todo mundo aí que teve fábrica

fechada, quem foi que comprou?
Cabeça fria, senhores! Quem é que
vai mineirar, quem é que vai
trabalhar na lavoura? Essa
revolução é nossa, ou é dos
escravos!?

DOMINGOS: Isso é verdade. Se estamos
juntos, ninguém deve ser
prejudicado.

ALVARENGA: Não seja por isso! Eu
modifico minha proposta. Que
sejam libertados somente os
mulatos.

P. CARLOS: Eu apóio. Será um ato
profundamente humanitário, já que
a maioria dos mulatos é
descendente de amigos muito
chegados.

SILVÉRIO: Embora voto vencido, continuo
discordando. Isso assim não pára
mais! Todo mundo pensa que é
branco, todo preto pensa que é
mulato!

TIRADENTES: Perdão, senhores, mas nós
estamos pensando apenas em
Minas Gerais, enquanto que a
libertação deve ser a do País
inteiro. Quando estive no Rio, falei
com todos os Comandantes de
Regimentos, com todas as
guarnições, e a verdade é que
todos, sem exceção, esperam
apenas a palavra do nosso
Tenente-Coronel. O Rio de Janeiro
espera vossa decisão!

ALVARENGA: Aliás, não é só o Rio. Nós
também que estamos aqui nas
Minas não fazemos outra coisa que
esperar o vosso pronunciamento!

FRANCISCO: Bem, tudo que eu posso
dizer é que eu estou começando a
me interessar pela conversa!

(Corte.)

(Casa de Gonzaga.)

GONZAGA: Entre meu caro e prezado
cônego Luiz Vieira. Dê cá um
abraço!

CLÁUDIO: Chegou na hora exata,

cônego. Estávamos em meio à
maior disputa!

CÔNEGO: Qual é a rima que está em
discussão!?

GONZAGA: Coisa bem mais importante
que rima. Discuíamos a mudança
da Capital!

CÔNEGO: Que Capital?

GONZAGA: Da nossa. Porque, se aqui vai
haver uma Universidade, não será
justo só para Vila Rica um duplo
privilégio!

CÔNEGO: Perdoe, mas eu não entendo.
Que Universidade?

CLÁUDIO: A nossa, cônego. Discuíamos
a libertação!

CÔNEGO: Perigosas falas!

CLÁUDIO: Mas muito faladas; segundo
Alvarenga, a coisa está por dias!

CÔNEGO: É preciso ter cautela!

GONZAGA: Mas se houver de fato uma
revolução, os brasileiros já não irão
mais estudar em Portugal.

CLÁUDIO: Por isso precisamos criar a
nossa própria Universidade!

CÔNEGO: E nos sobriariam os meios.
Nosso ouro pode atrair mestres de
todo mundo.

CLÁUDIO: Podia ser tão boa como a de
Coimbra. E ensinar exatamente as
mesmas coisas.

CÔNEGO: Belos projetos, mas, por ora,
distantes.

GONZAGA: Se é como nos contam, em
três anos teremos a Universidade
em Vila Rica e a Capital em São
João Del-Rei!

CLÁUDIO: E eis que insiste! Pois não vê
que não há lógica em se trocar de
Capital só porque se funda uma
Universidade!

GONZAGA: Meu caro, é a marcha para
o centro-oeste! Lá fica o poder
mais garantido, amplia-se o
domínio!

ALVARENGA (entrando): De que domínio
se trata?

GONZAGA: Salve, meu caro! Dormiste

bem?

ALVARENGA: E quem ainda consegue dormir nesta cidade!

CÔNEGO: E a nossa "Princesinha do Brasil", como está?

ALVARENGA: Mais linda que nunca!
Dorme agora com as mãoszinhas entrecruzadas sob o queixo! Assim... (Imita a postura.) Um verdadeiro anjo!...

GONZAGA: Família feliz!

ALVARENGA: Então? Já decidiram onde vamos a Capital?

CLÁUDIO: Não. Gonzaga continua insistindo.

ALVARENGA: Mas isso é a coisa para o futuro. Os exércitos estão a postos, e ainda não temos uma bandeira!

CLÁUDIO: Ainda não temos as cores, mas para o dístico já pensei numa sugestão.

GONZAGA: Diga lá, mestre!

CLÁUDIO: "Aut libertas, aut nihil!"

ALVARENGA (após um instante de meditação): Um belo propósito, sem dúvida. Do ponto de vista literário, é uma frase perfeita! No entanto, não me agrada esta identidade dos termos. Liberdade ou nada... Não sei. Visto assim na bandeira pode dar a impressão de que tanto faz... Entende?... Liberdade ou nada... Não sei se me compreende...

GONZAGA: Dá mais idéia de desespero do que de vitória. Talvez esta: "Libertas aequo spiritus!"

CLÁUDIO: Também não me parece nada feliz. É um contra-senso falar no espírito, enquanto os canhões conquistam o poder.

ALVARENGA: Senhores, Virgílio mais uma vez em nosso auxílio! Eis aqui: "Libertas quae sera tamen".

CLÁUDIO: Liberdade ainda que tardia!
Perfeita!

GONZAGA: Sonora!

CÔNEGO: Exata. Porque pode tardar

séculos, mas um dia o Brasil será livre.

BÁRBARA (entrando com uma bandeja de café): Senhores, café!

ALVARENGA: Bárbara bela! Este café chega num momento histórico. Acabamos de encontrar o dístico para a bandeira da liberdade. "Libertas quae sera tamen"! Que tal?

BÁRBARA: Bonito. Vocês gastaram tanto tempo fazendo o dístico que agora só ficou faltando fazer a independência. Se tivessem gasto o mesmo tempo fazendo a Independência, agora só faltaria o dístico.

CÔNEGO: Heliodora, a Bárbara!

ALVARENGA: Não te preocupes, meu anjo. A coisa já está adiantada. As revoluções começam sempre pela cabeça. Depois é que os braços se movem!

BÁRBARA: Se não se perde a cabeça antes!

GONZAGA: Hellás, D. Bárbara está sinistra!

BÁRBARA: Eu só espero que da mesma maneira com que vocês concluíram tão bem a etapa intelectual da sedição, tenha a braçal o mesmo êxito!

GONZAGA: Esta não depende de nós!

BÁRBARA: Enquanto ficarem aí sentados, claro que não!

CÔNEGO: Eu me levanto assim que termine este delicioso café. Ah! Que mãos privilegiadas! Quem mais poderia fazer um café tão perfumado? Essas lindas mãos nos presenteiam aromas de café e poesia!

(Corte.)

(Casa de Francisco.)

FRANCISCO: Bem, agora eu vou entrar na conversa. Pelo que vejo, todos precisam de mim. Sou a segunda pessoa em importância em toda a

Capitania. A primeira é o governador, que foi nomeado pela vontade da Rainha. A segunda: eu, que com minha tropa sustento essa vontade. Portanto, se é verdade que as tropas do Rio estão dispostas a marchar sobre Minas; se é verdade que os homens do Padre Carlos de Toledo são capazes de convencer ou dominar as tropas de São João Del-Rei; e se é verdade que em toda a volta de Vila Rica - em Serro Frio, Tijuco e Rio verde - podem-se levantar homens que cerquem a cidade e se disponham a obedecer ao meu comando; se é verdade que os padres são capazes de exortarem seus fiéis a seguirem minha palavra; se é verdade que Barbacena pode ser preso sem que eu o faça; se isto tudo é verdade e se isto tudo for feito, então eu serei um homem entre vós!

DOMINGOS: Bravo, Tenente-Coronel!

ALVARENGA: Sabíamos que o nosso comandante não nos faltaria!

CARLOS DE T.: Essas palavras acabam de proclamar a República no Brasil!

ALVARENGA: Salve nosso Comandante Francisco de Paula!

TODOS: Salve!

TIRADENTES: Um momento, senhores! Se tudo isto for verdade, se tudo isso for feito e se tudo isso for necessário para a adesão do nosso querido Tenente-Coronel, não será necessária a adesão do nosso querido Tenente-Coronel!

FRANCISCO: Isso vem provar que muito do que foi dito, não é verdade!

TIRADENTES: O que eu disse, reafirmo. O Rio se levanta, mas não antes que o senhor o faça! E mesmo que se levantasse primeiro, Barbacena ordenaria imediatamente que o senhor marchasse contra eles. E o senhor teria de obedecer antes de

poder decidir. E mesmo que desobedecesse, seria o segundo, pois as tropas do Rio já teriam chefe. Nós queremos que o nosso Chefe seja o primeiro! E os dois grandes heróis da Independência de nossa Pátria serão o Tenente-Coronel Francisco de Paula, Comandante Supremo das Forças Regulares, e o Coronel Alvarenga, que comandará o povo rebelado!

ALVARENGA: Há um terceiro: Tiradentes, que com seu ardor nos mantém animados! E que terá a tarefa principal de esclarecer o povo para que ele nos apóie!

TIRADENTES: Para mim, senhores, só exijo que me seja dada a missão de maior perigo e risco!

FRANCISCO: Então, dos três, um terá de ser o chefe Supremo, pois não há revolução sem cabeça!

ALVARENGA: Eu discordo! Este é um movimento de gente valorosa em que todos são iguais. Não se pode entender a subordinação de iguais a seus iguais. Devemos todos ser cabeças. Muitas cabeças num corpo só.

CARLOS DE T.: Muito bem dito!
(Corte.)

(Casa de Gonzaga.)

BÁRBARA: Não há de tardar o dia em que os melhores homens desse País, unidos, assumirão o Governo!

(Corte.)

(Casa de Francisco.)

DOMINGOS: Senhores, agora só nos falta um plano.

(Corte.)

(Casa de Gonzaga.)

CLÁUDIO: Que alegria para os pais que já não mais sofrerão vendo os filhos desterrados em Coimbra!

(Corte.)

(Casa de Francisco.)

TIRADENTES: Plano já temos. O do Tenente-Coronel é perfeito desde

que o levante comece em Minas!
(Corte.)

(Casa de Gonzaga.)

CÔNEGO: Toda a gente na rua espera
uma decisão nossa!

(Corte.)

(Casa de Francisco.)

TIRADENTES: Porque somos mazombos e
sabemos governar!

(Corte.)

(Casa de Gonzaga.)

GONZAGA: Será tão radiosa assim a
liberdade? (Unem-se os dois planos.
Agora todos estão juntos, menos
Gonzaga, que não se move.)

ALVARENGA: Com pólvora, chumbo e sal
lutaremos dois anos contra
qualquer força que tente subir a
serra!

FRANCISCO: O plano existe, mas precisa
ser articulado. O menor engano
será fatal. Todos estão de acordo:
o dia em que se lançar a Derrama
será o dia do levante.

DOMINGOS: Precisamos encontrar um
jeito para que todos saibam ao
mesmo tempo e comecem juntos!

CARLOS: Precisamos de uma senha!

FRANCISCO: Amanhã será o batizado!

DOMINGOS: Que batizado?

FRANCISCO: É a senha. Tal dia será meu
batizado!

DOMINGOS: E quando eu souber qual é
o dia do seu batizado, o que é que
eu faço?

FRANCISCO: Está vendo? É por isso que
precisamos fazer um ensaio. Que
cada um dos senhores pense bem
no que tem a fazer. Eu grito a
senha e começamos já.

ALVARENGA: Boa idéia.

TIRADENTES: Ninguém precisa me dizer
nada que eu sei o que eu faço.

FRANCISCO: Então vamos? Atenção!...
Hoje é o dia do meu batizado!

(Momentos de confusão. Risadas.
Começo sem começo. Finalmente
disparam.)

P. CARLOS: Porque lá no Serro Frio...

SILVÉRIO: Duzentos escravos eu posso
dar... mesmo que morram...

P. CARLOS: E o Domingos, onde vai
estar?

DOMINGOS: Eu estou por aí... nessa
hora...

ALVARENGA (toma a iniciativa e
deslança): Eu, Coronel Alvarenga
avanço com meus duzentos pés
rapados pelo fundo da Campanha,
onde me encontro com os 200
escravos que o Joaquim Silvério
acabou de oferecer.

P. CARLOS: Eu, Padre Carlos, divido
minha tropa. Metade fica a postos
pra dar combate a quem vier do
Rio, a outra subleva São José e vem
para Vila Rica acelerada.

TIRADENTES: Eu, Tiradentes, depois de
convencer a tropa, junto com
gente escolhida vou ao palácio da
Cachoeira, e corto a cabeça do
Governador, e ponho a cabeça do
Governador dentro de um saco, e
corto a cabeça daquele
desgraçado daquele Ajudante de
Ordens daquele miserável Antônio
da Anunciação, que já está metido
em mais de 700 negócios depois de
dois meses que chegou de Portugal
- canalha - miserável, pústula -
volto a cavalo pra praça e atiro a
cabeça do Governador aos pés do
povo amotinado gritando: "Aqui já
não manda Portugal! O Brasil é livre
de senhores!" "O Brasil"...

FRANCISCO: Pára! Pára! Calma, calma.
Vamos discutir primeiro o que
vamos fazer com o Visconde.

ALVARENGA: Não tem outra saída:
cortamos a cabeça. Não há boa
revolução sem cabecinha fora!

SILVÉRIO: De fato, as revoluções
cruentas são as mais duradouras.

P. CARLOS: Eu creio que não deve haver
sangue no berço da República. Ela
ficaria manchada com a vuvez da

Viscondessa e a orfandade de crianças inocentes.

FRANCISCO: Exato. Basta que ele seja preso e que volte para Portugal com o recado de que já não carecemos de governadores.

(Todos aplaudem.)

TIRADENTES: Muito bem, de acordo. Que se poupe o Governador. Mas esse Ajudante de Ordens não me escapa.

P. CARLOS: Filho, qualquer sangue manchará o berço da República.

TIRADENTES: Não vamos perder tempo, vamos em frente.

FRANCISCO: Atenção, vamos começar outra vez. Atentos todos. Hoje é o dia do meu batizado!

(Na repetição, os atores fazem em mímica a cena da Tomada do poder - como se fosse fato presente.)

TIRADENTES: Eu, Tiradentes, depois de instruir a tropa, vou com meus homens para Cachoeira - não corto a cabeça do governador, ponho a ferros aquele maldito animal do Ajudante de ordens, prendo o Barbacena, conduzo-o até a praça diante do povo amotinado.

DOMINGOS: Enquanto isso, eu com minha gente já teremos trazido os seiscentos barris de pólvora e distribuído por todas as guarnições rebeldes.

P. CARLOS: Nessa altura, metade da minha tropa já estará a caminho de Vila Rica.

BÁRBARA: As mulheres garantem a alimentação das tropas e, se for preciso, estarão todas armadas na praça.

ALVARENGA: Os soldados de Rio Verde já estarão acampados cercado a cidade, prontos para invadir em caso de qualquer reação. (Há um silêncio.)

TIRADENTES: Eu tenho a impressão de

que está faltando alguma coisa. As mulheres já fizeram o almoço, a cidade já está cercada, os reforços estão a caminho de Vila Rica, tropas interceptam a estrada do Rio, o Governador preso na praça esperando... E o povo amotinado... E agora, quem faz o quê?

FRANCISCO: Bem... Aí entro eu... (Todos aplaudem.) Saio do meu quartel, a cavalo diante do meu Regimento, chego à praça e, vendo o povo amotinado, pergunto: " Que é isso, camaradas? Quem nos governa? Não é este prisioneiro o Visconde General?"

TIRADENTES: Não, Excelência! Somos mazombos e sabemos governar!

FRANCISCO: "Que querei então? Liberdade ou tirania?" E o povo, já instruído por Tiradentes, responderá: "Liberdade... Liberdade!..."

CLÁUDIO (baixinho): Universidade...

DOMINGOS (baixinho): Independência...

ALVARENGA (baixinho): República...

DOMINGOS (baixinho): Fábricas...
Comércio...

P. CARLOS (baixinho): Justiça...
(Cada vez falando mais alto.)
Liberdade...

TODOS (alterando-se, cada vez mais alto.)

Liberdade... liberdade...liberdade... (Entra a orquestra, e tem início a canção final do primeiro tempo.)

TIRADENTES: É hoje o dia do meu batizado!

CORO

Já estou preparado,
Sei bem que fazer:
o povo está armado,
liberdade ou morrer.

ALVARENGA: Meus duzentos pés rapados
irão logo se juntar
aos escravos de Silvério
já armados pra lutar.

CORO

Já armados pra lutar.

P. CARLOS: Meus homens então divido
em duas partes iguais:
metade luta no Rio,
metade aqui nas Gerais.

CORO

Metade aqui nas Gerais.

TIRADENTES: Já com homens bem
treinados
ao Palácio vou chegando
dando fim ao cativoiro:
vida nova ou levando.

CORO

Vida nova vou levando.

FRANCISCO: Vendo o povo amotinado
venho a cavalo exclamando:
"Liberdade ou Tirania: diga o povo
qual seu mando!"

CORO

O povo aqui nesta praça
com vontade decidida,
resolve ter liberdade
e por ela dá sua vida.
(Todos voltam a cantar ao mesmo
tempo cada uma estrofe e depois
prosseguem juntos):

CORO

O povo aqui nesta praça
o poder vai destroçando,
dando fim ao cativoiro,
vida nova vai criando.
Vida nova vai criando
o povo aqui nesta praça,
dando fim ao cativoiro
o poder vai destroçando.
O poder vai destroçando
dando fim ao cativoiro
vida nova vai criando.

FIM DO 1º TEMPO

2º TEMPO

INTRODUÇÃO

(Ainda no escuro, o Coro polifônico
canta:)

CORO

Liberdade é uma moça
que tem muito de faceira,
quem a quer que vá pro ataque,
que a conquiste à sua maneira.
Liberdade é namorada
que precisa de bom trato:
não a deixe abandonada,
não confie em seu recato.
Só tem quem sabe certo,
que a quer mais do que à vida;
Liberdade é bem sem dono,
flor que morre se traída.
(Acendem-se as luzes. A cena deve ser
representada à maneira de teatro
infantil: já presente uma visão edêrcica
de mundo republicano.)
E lá vai Joaquim José,
vai pro Rio de Janeiro
no seu machinho rosilho
galopando prazenteiro.
(Galope de cavalo.)
Em cada canto que passa
vai dizendo sem temor:
chegará o fim da desgraça,
não teremos mais senhor.
(Galope de cavalo.)
Ao ouvi-lo, os rostos se espantam,
quem não escuta não quer crer,
mas seu tom é decidido,
se ele fala é por saber.
(Galope de cavalo.)

2º TEMPO

(Mímica de Coringa, vestido de
Tiradentes.)

TIRADENTES (Coringa): Ei, mano, arranca
o ouro da terra que, se hoje ele é
roubado, amanhã é diferente.
(Segue no seu cavalo mágico.)

CORO

(cantando):

Galopando na certeza
de pisar em terra nova,
se liberdade é beleza
brasileiro quer a prova.

TIRADENTES: Ei, tropeiro! Que vai
levando?

TROPEIRO: Sal, só sal... sempre sal...

TIRADENTES: É bom. Vão subindo, vão
subindo, que muito sal iremos
precisar nessas Minas...

CORO

(cantando):

Cuidado, meu bom Alferes, o próximo
encontro é sério:
eis que cruza teu caminho
um certo Joaquim Silvério.

TIRADENTES: Salve, meu coronel, aonde
vai ainda tão cedo?

SILVÉRIO: Pros lados de São José. E o
Alferes, por que madruga?

TIRADENTES: Vou pro Rio de Janeiro.

SILVÉRIO: Mais negócios?

TIRADENTES: Trabalhar por todos nós.

SILVÉRIO: Que a Virgem o acompanhe...

CORO

(cantando):

E é aí que começa
a teia da traição;

Tiradentes vai sem medo
mas cruzou com a declaração.

(Coringa tira o chapéu e volta a ser
Coringa. Entrevista pinga-fogo.)

CORINGA: Ei, Joaquim Silvério, o que é
que você tem aí no bolso?

SILVÉRIO: Não importa.

CORINGA: Todo mundo já sabe.

SILVÉRIO: Se sabe, por que pergunta?

CORINGA: Quero ouvir da sua boca.

SILVÉRIO: Se quer me ouvir, que me
escute: é uma carta de delação.
Vou agorinha mesmo entregar ao
Visconde General.

CORINGA: Por quê?

SILVÉRIO: Porque não sou trouxa... Já
ouviu o jeito desse Tiradentes falar?

O Visconde já foi muito bom de ter
deixado esse homem solto até
agora. Mas se deixou, ele que é
muito esperto, deve ter algum
plano. Não! Cá por mim já tomei
minha decisão e resolvi que meu
batizado particular vai ser hoje
mesmo escondido. Essa
Inconfidência não vai dar em nada
mesmo, quero ser o primeiro a
delatar... E estou dentro do prazo.

CORINGA (com meia ironia): Você sabe
que a sua memória vai ficar
manchada pra sempre?

SILVÉRIO: Sei. Vão me chamar de Judas,
as criancinhas na Escola desde
pequeninhas vão aprender a me
odiar. Mas, e daí? Antes um traidor
vivo e rico que um herói morto sem
vintém. A lei portuguesa não é
sopa, meu amigo...

CORINGA: Quer dizer que, pra você, trair
ou não tanto faz?

SILVÉRIO: Vamos conversar a sério?

Traição aqui entre nós está
institucionalizada. É legal e até dá
lucro. A Coroa não quer gastar
dinheiro aqui pra manter uma
polícia secreta. Qual a solução?
Transformou cada cidadão num
alcagüete em potencial. Muito
justo. Quem denunciar
contrabando fica com a metade
dos bens seqüestrados. Metade pra
ele, metade prá Coroa... Bom
negócio...

CORINGA: Ao que leva o medo, hein,
Silvério?

SILVÉRIO: Medo coisa nenhuma. Se
valesse o risco, até que o medo a
gente enruste. Mas vamos falar
com franqueza: já pensou direito
em quem está metido nessa
rebelião? Um bandinho de
intelectuais que só sabe falar.
Porque a liberdade... a cultura... a
coisa pública... o exemplo do
Norte... Na hora do arroxó quero

ver. O outro lá comandante das tropas, o que quer mesmo é posição, seja na República, na Monarquia, no comunismo primitivo; o que ele quer é estar por cima. Olha, velho, dessa gente, a maioria está trepada no muro: conforme o balanço, eles pulam pra um lado. E eu aqui vou nessa? Mas nunca.

CORINGA: Então você não acredita mesmo nesse levante?

SILVÉRIO: Condições havia, mas agora não. Povo, que é o que resolve mesmo nessas horas, não se pode contar com ele. O povo não se reúne na casa do ouvidor Gonzaga e muito menos na do Tenente-Coronel. E graças a Deus não vai mesmo. Já imaginou esse povaréu de mazombos tomando conta disso? Virgem Nossa Senhora, não quero nem pensar. Pois não estavam falando em libertar os escravos? Com o tempo, eles vão acabar falando de Reforma Agrária...

CORINGA: O senhor então já se arrumou?

SILVÉRIO: E muito bem. O negócio agora é mentir um pouquinho e dizer que a conjuração era extremamente perigosa, pra que a denúncia tenha mais valor. Quero ver todo mundo pular o muro. Claro que eu vou pedir pro governador não ser muito severo com eles... Afinal de contas não quero a desgraça de ninguém...

CORINGA: Claro...

SILVÉRIO: Bom, lá vou eu... E de agora em diante com um novo título: o mais famoso dedo-duro do Brasil. Adeus. (Sai.)

EXPLICAÇÃO 4

CORINGA: Quando pensamos escrever a história de Tiradentes, tínhamos a

impressão de que Silvério não era tão safado como todo mundo dizia, nem o alferes tão herói como constava. Depois, estudando, chegamos à conclusão de que Tiradentes foi mais herói ainda do que se diz e Silvério tão safado quanto consta. Mas não podemos discordar totalmente da análise que ele fez de alguns Inconfidentes: é bem verdade que a maioria estava em cima do muro pronta pra pular pra qualquer lado, conforme o balanço. E, se é verdade que muitas revoluções burguesas foram feitas pelo povo, também é verdade que, nesta, o povo estava ausente e, mais que ausente, foi afastado. Por isso, cada conjurado ficou sozinho: longe do povo que não desejava, longe do poder que pretendia derrubar. Sozinho, cada um pensava na sua prosperidade individual; sozinho, cada um pensou depois na sua salvação. Menos Tiradentes. Este queria estar junto, mas escolheu mal com quem.

(Coringa assume a posição de Juiz. Tiradentes na figura tradicional.)

JUIZ: Ratifica e responde suas declarações anteriores?

TIRADENTES: Sim.

JUIZ: Lembra ter encontrado no caminho do Rio um bando de tropeiros que se dirigiam às Gerais transportando sal?

TIRADENTES: Pelos caminhos muita gente se encontra.

JUIZ: Nega ter perguntado que levavam e, ouvindo a resposta, exclamou: "Vão subindo, vão subindo que de muito sal iremos precisar nessas Minas..."

TIRADENTES: Das expressões não me recordo, mas é bem possível que as tenha proferido...

JUIZ: Concorde então que insinuou a possibilidade de uma próxima rebelião?

TIRADENTES: Não vejo como nem por quê... Não me culpo de ter o sal tão várias utilidades. Se tais expressões usei, por certo me referia à vida insossa que se levava então nas Gerais...

4º EPISÓDIO

(Música suave, barroco mineiro. Em casa de Alvarenga; em Vila Rica. Estão presentes festejando o aniversário da filha de Alvarenga o próprio, Bárbara Heliodora, Gonzaga, Cláudio.)

ALVARENGA (terminando de declamar o poema): Que é isto? Onde me lançou esta tempestade má? Que é de mi, se não sou lá e cá comigo não vou? Inda que me eu cá não via tudo vos confessarei: onde a vós e a mi deixei cuidava que me acharia! Agora quem donde estou, novas de mi me trará? Pois dizeis que não sou lá não sei sem mi onde vou.

(Aplausos gerais.)

CLÁUDIO (repetindo): Pois dizeis que não sou lá, não sei sem mi onde vou. Divino, simplesmente divino!

BÁRBARA: Gonzaga, você vai ter que explicar muito direitinho o que você tem contra o Sá de Miranda!

GONZAGA: Contra ele, nada. Excelente poeta. Mas o tipo de amor que ele tem, você há de concordar, deixa um pouco a desejar. Acho que nenhuma mulher se apaixonaria por um homem assim.

BÁRBARA: Absolutamente, eu o adoro!

GONZAGA: Sá de Miranda faz linda poesia, mas, em matéria de amor, escuta esta que você vai me

entender:

“ No sé porque me fatigo
pués con razón me vencí,
no siendo nadie conmigo,
y vós y yo contra mi.
Y por haveros querido
y vós a mi desamado
con vuestra fuerza y mi grado
havemos a mi vencido.
Y pués fuí mi enemigo
en me dar como me di
quién osará ser amigo
del enemigo de sí...”
Faça-me o favor. Se ele já começa assim...

ALVARENGA: Bem. Gonzaga, nem todos precisam ter essa fúria gonzaguiana:
“Não corres como Safo sem ventura
em seguimento de um cruel ingrato
que não cede aos encantos da ternura;
segues um fino amante que a perder-te morria.
Quebra os grilhões do sangue e vem oh! bela;
tu já foste no Sul a minha guia. Ah!
Deves ser no Norte, também a minha estrela!”

BÁRBARA (rindo): Bruto peixe verás de corpo imenso
tornar ao torto anzol depois de o terem
pela rasgada boca ao ar suspenso... (Risos.)

CLÁUDIO: Está certo, esta violência amorosa se justifica plenamente, já que o nosso amigo está de casamento marcado!

BÁRBARA: Sim, e com uma jovem tão jovem que deve exigir até mais do que essa violência.

ALVARENGA: Mas para Gonzaga isso não é problema. Certa vez lhe disse, quando ainda descomprometido, que ele precisava conseguir uma mulher de uns quarenta anos para

se casar. E ele me respondeu: “Boa idéia, mas em vez de uma de quarenta, prefiro duas de vinte...”

BÁRBARA: A primeira já conseguiu!

GONZAGA: Basta, meus amigos! Olhem, fiquei vermelho. Que é isso? A festa não é do meu noivado! Um brinde à Maria Ephigênia, a Princesinha do Brasil, filha do mais talentoso e cínico poeta da Arcádia.

ALVARENGA: Aceito só o cínico!

CLÁUDIO: Reivindico esse brinde. Não tenham medo, que dessa vez não direi nenhum verso do meu pessimismo: já que a poesia é em honra de uma criaturinha tão mimosa, usarei o pessimismo do Sá de Miranda. (Aplausos.)

“Que me deixem erros passados
conselhos mal atinados
em que eu por meu mal entrei,
e por meu mal sairei.

Eu vejo vir a correr
Sobre mim meus matadores
e fugir os valedores.

(Dentro, um grito agudo e assustadíssimo de mulher. Todos se precipitam para a porta com exclamações.)

BÁRBARA: Deus meu!

ALVARENGA: Onde está a menina.

GONZAGA: Alguém caiu!?!...

(De repente recuam quando entram três homens embuçados. A cena é feita melodramaticamente a sério.)

ALVARENGA: Que quereis em minha casa!?

EMBUÇADO 1: Perdoai, senhores, invasão tão brusca, mas a nova que trazemos é de tal risco que não podemos perder tempo com mesuras!

ALVARENGA: Que quereis? Falai!

EMBUÇADO 2: Somos amigos!

EMBUÇADO 3: Somos maçons!

EMBUÇADO 2: Todos, sem perda de tempo, devem ir para suas casas e procurar e queimar todos os papéis que possam comprometê-los.

CLÁUDIO: Fomos descobertos.

EMBUÇADO 2: Ouvidor Gonzaga, não pernoite em sua casa. Sabemos que soldados vão prendê-lo antes que amanheça. Tiradentes acaba de ser preso no frio. Foram todos traídos! Fugam! Fugam sem demora!

(Com uma rápida reverência, saem com a mesma rapidez com que entraram.)

GONZAGA: Atrás deles, depressa. Não podemos confiar em mascarados!

ALVARENGA (sai correndo): Eu os agarro!

CLÁUDIO: Não, Gonzaga! É verdade! É o fim de tudo! A força!

GONZAGA: Não se desesperem, ainda podemos vencer. A vitória é de quem ataca primeiro.

BÁRBARA: Gonzaga, corre à tua casa. Segue o conselho dos embuçados!

GONZAGA: Não são os papéis que me comprometem: é a minha consciência...

BÁRBARA: Mesmo assim, é inútil correr o risco...

ALVARENGA: Nada. Desapareceram na noite. E agora? Que faremos?

GONZAGA: Temos que iniciar o levante.

CLÁUDIO: E Francisco de Paula?

GONZAGA: Já deve saber de tudo. O tempo conta a nosso favor!

ALVARENGA: Nestas poucas horas podemos prender o Governador e rebelar o Regimento! Que cada um cumpra a sua parte do plano! Hoje é o nosso batizado!

(Bárbara abraça-o comovida, quando num rompante entra Marília desgrenhada e arfante!)

GONZAGA: Marília! Minha Maria Dorotéia!

MARÍLIA: Amor meu! Amor meu! Foge, Gonzaga, foge, foge! Tua casa está cercada!

GONZAGA: Que a queimem! Um patriota não foge nunca!

MARÍLIA: Não há tempo a perder. As patrulhas estão na rua!

BÁRBARA: Que sabes, Marília?

MARÍLIA: Ao cair da noite notei um estranho movimento de tropas. Homens armados percorriam as ruas invadindo casas. Sem mais demora, fugi dos meus padrinhos, fugi da minha casa, do meu lar! Encostava-me às paredes para não ser descoberta, subi ladeiras e montes, só para dizer-te que fujo contigo! Para onde me levares, irei contigo! Estou disposta a romper os grilhões do sangue e ser tua escrava!

GONZAGA: É tarde, Marília, é tarde. Muito tarde.

MARÍLIA: Não pode haver desesperança em quem tanto ama. Fugamos, meu amor! Há tempo ainda!

GONZAGA: Marília, entre dois grandes amores, a escolha é sempre dolorosa: entre o amor à Pátria e o amor que tenho pela minha Marília bela, mais amo a Pátria, amor maior que inclui o dela!

MARÍLIA: Não me abandones! Não corras para a morte!

GONZAGA: Volta para a casa e reza pelo Brasil, Pátria nossa que um dia será livre! Companheiros, a caminho! (Os atores assumem posição de quadro histórico.)

MARÍLIA: Gonzaga!

GONZAGA: Marília!

MARÍLIA: Adeus! (Cai em soluços.)

GONZAGA: Adeus! (Sai altaneiro.)

CORINGA: A cena é bela e trágica. Tem, porém, o defeito de ser pura fantasia. Alvarenga nunca demorou com a família em Vila Rica. Esta cena é uma tradição mineira. Conta-se que um ou mais vultos misteriosos, de homens ou de mulheres, andaram avisando os conjurados na noite em que seriam presos. Mas a história verdadeira é outra, se não tão bela, igualmente trágica. Vamos contar.

CORO

Atenção, atenção:
já foi dado o sinal,
a hora é de perigo!
Leve a mão ao punhal!
Atenção, atenção.
Mentirosa é a paz,
foi feita a delação,
foi feita a delação,
foi feita a delação.
(Voltam os atores para a repetição da cena, agora na versão verdadeira.)

MACIEL (num rompante entra em cena cercado por Gonzaga, Cláudio e Avarenga): Amigos, trago más novas!...

GONZAGA: Que houve, Maciel!?

MACIEL: Venho do Palácio. O Visconde suspendeu a Derrama!

GONZAGA: É certo?

MACIEL: Seguro.

ALVARENGA: Por quê?

MACIEL: Deixo a vocês a resposta.

CLÁUDIO: Traição! Alguém nos denunciou.

GONZAGA: Nada de afoitezas; pode ser outra razão. Todos negaremos.

CLÁUDIO: E o levante?

MACIEL: Mudam-se os planos.

ALVARENGA: Que mais sabe?

MACIEL: De concreto, nada. Barbacena deve saber mais do que deixa parecer. Hoje em conversa comigo, manifestou entranheza pela tua atitude, Alvarenga; disse que fostes procurá-lo e que lhe pareceu que tinhas o ar um tanto espantado.

ALVARENGA: Será que ele desconfia de mim? Será que ele sabe?

MACIEL: É mais que provável.

ALVARENGA: Que Deus me proteja.

CLÁUDIO: E o levante?

GONZAGA: A ocasião já passou. Se nos perguntarem, todos negaremos. (Entra Silvério num rompante.)

MACIEL: Cuidado!

SILVÉRIO: Que bom encontrá-los juntos

senhores. (Todos tremem.) Que é isso? Eu vim só pra me despedir. Parto ainda hoje para o Rio.

GONZAGA: Que faça boa viagem. (Falam todos sem olhá-lo.)

SILVÉRIO: Encontro-me lá com o nosso Alferes. Podem contar comigo.

GONZAGA: Para quê?

SILVÉRIO: Pra o batizado.

MACIEL: Já não se lança a Derrama.

SILVÉRIO: Ora! Ora, ora, como não?

MACIEL: Notícia certa. Acabo de chegar do Palácio!

SILVÉRIO: Onde mora, aliás. E se todos os dias como com o Governador, a notícia não seria dada por melhor fonte...

ALVARENGA: Isso talvez venha mudar um pouco as coisas.

SILVÉRIO: Que contratempo. Senhores, que tal adiantarmos o nosso batizado?

CLÁUDIO: Disso eu nada sei.

ALVARENGA: Depende tudo de Francisco de Paula. Não é ele que seria o cabeça da Revolução?

SILVÉRIO: Pois aguardemos sua decisão. Maciel nos trará bem informados. Vive no Palácio... Bem, senhores, podem contar comigo. Adeus. Se algo houver, num relance estarei de volta. E não só.

GONZAGA: Adeus... (Silvério sai.)

ALVARENGA: Foi ele. "Podem contar comigo", eu sei! Foi ele. Só pode ter sido ele.

MACIEL: Esteve no Palácio ontem, falando com Barbacena. Só pode ter sido ele.

CLÁUDIO: Com o Visconde?

MACIEL: Mais de hora.

CLÁUDIO: Que vai acontecer?

GONZAGA: Calma, calma, senhores. Somos homens de posição. Isso será levado em conta. Barbacena é habil. Não vai criar conflitos inúteis. Nós não fizemos mais que discutir... Que motivos pode ter

para nos querer prender?

CLÁUDIO: Podemos servir de exemplo ao povo, para que ele não faça o que nós pensamos fazer. Maus fados, amigos!

ALVARENGA: Ah, se Francisco ordena o levantel...

GONZAGA: Precisaríamos de um homem mais decidido. Francisco de Paula tem cautela...

ALVARENGA: Avanço meus homens hoje mesmo, ao cair da noite. Temos que atacar: é a única salvação.

MACIEL: Para encontrar os escravos de Silvério?

ALVARENGA: Português maldito! (Apertam-se as mãos.)

PERCUSSÃO CORO

Atenção, atenção.

Já foi dado o sinal.

A hora é de perigo,

leve a mão ao punhal!

(Rufos de tambor, batida de parada militar.)

CORINGA: Barbacena é bom político, e melhor homem de ação. Antes que o venham prender, manda quem vai prendê-lo à prisão. Francisco de Paula, comandante da Tropa Paga, pensa que ainda pode decidir, tomar grandes resoluções. Mas ele não sabe, ninguém sabe, que os soldados estão na rua. Estão na rua pra prender...

CORO DE SOLDADOS

(O Coro evolui serpenteando em cena.)
Somos soldados da lei.

Não queremos nem pensar:

mandando fazer faremos

o que seu mestre mandar!

Seja qual for o regime,

liberdade ou tirania,

chega a hora de almoçar,

quando bate o meio dia.

MACIEL: E você que vai fazer?

FRANCISCO: Qual é a certeza que você tem?

MACIEL: As palavras de Barbacena.

FRANCISCO: Mas de mim? Estou perguntando de mim? O que é que ele sabe?

MACIEL: O que todos vão delatar. Silvério já começou.

FRANCISCO: Que é que eu faço?

MACIEL: Ainda temos tempo. Vence quem ousar primeiro! Os soldados cumprem as suas ordens. Você ainda é o comandante. A melhor defesa é o ataque. Vence quem ousar primeiro.

FRANCISCO: Ou se salva quem primeiro se arrepender! Maciel, o levante está morto. Já ninguém confia em ninguém. Só havia um caminho: a delação. Vem, vamos ao Palácio. Vamos nos salvar.

MACIEL: Arreda! Vai sozinho. De você eu esperava a senha, não a rendição.

FRANCISCO: É o que me resta!... Vou me salvar.

CORINGA: É tarde. Os soldados estão na rua, estão na rua pra prender.

CORO DE SOLDADOS

Quem mandava já não manda,
já mudou meu comandante:
comandante me deu ordem
de prender meu comandante!
Comandante me deu ordem
de prender meu comandante.
(Perfilam-se enquadrando Francisco de Paula.)

SOLDADO: Comandante! Comandante me deu ordem de prender meu comandante.

(Francisco abaixa a cabeça e saem os soldados com ele.)

CORO DE SOLDADOS

Seja qual for o regime,
liberdade ou tirania,
chega a hora de almoçar
quando bate o meio dia.

Chega hora de almoçar
quando bate o meio dia.

CORINGA: E no Rio de Janeiro outra caça principia. De Tiradentes todos fogem, menos dois homens que o seguem, espias do Vice-Rei.

(Tiradentes bate à porta da casa da viúva Inácia.)

INÁCIA (aparecendo): Quem bate?

TIRADENTES: Sou eu, Joaquim José.

INÁCIA: Quem bate?

TIRADENTES: Tiradentes. Abre, por favor.

INÁCIA: Mas a esta hora, meu Alferes?

TIRADENTES: Dois homens me seguem: são espias do vice-Rei.

INÁCIA: Nossa Senhora que o guarde. Fuja, Alferes. Fuja antes que o prendam, fuja.

TIRADENTES: Não tenho pra onde. Lembrei da senhora. Me guarde esta noite em sua casa!

INÁCIA: Mas como posso guardá-lo se sou viúva e com donzela em casa?

TIRADENTES: Donzela que curei de um pé doente. Abra só por esta noite, ninguém vai ficar sabendo.

INÁCIA: Já lhe agradei e não me canso de dizer que o senhor é um homem bom. Fuja, Alferes, que não quero que nada lhe aconteça.

TIRADENTES: Se fico mais tempo na rua, é certo que me prendem. Pela última vez, abra!

INÁCIA: Compreenda a minha situação: se eu o fizer, ficarei desonrada.

TIRADENTES: Pois então, pela sua honra dou minha vida!?

INÁCIA: Não desespere. Procure Padre Antônio, na Igreja da Mãe dos Homens. Ele lhe encontra pousada. Boa noite. Vá com Deus. (Fecha a janela. Tiradentes só sob o refletor azul.)

CORINGA: Vai, amigo, todos fogem de você. Só há dois homens que te seguem. São espias do vice-Rei. Vai, amigo, vai sozinho.

CORO DE SOLDADOS

(Cresce tom e volume.)
Somos soldados da lei,
sem direito de pensar.
Mandando fazer faremos,
se um comandante mandar.

CORINGA: Os soldados estão nas ruas
de Vila Rica. Estão na rua pra
prender. E ninguém sabe. Todos
pensam em se defender. Mas todos
serão presos, um a um, e ninguém
sabe. Cláudio e Gonzaga não
sabem.

CLÁUDIO: Gonzaga! Estamos perdidos.
Por que fomos ouvir aquele
homem? Maldito Tiradentes. Em má
hora me armei em libertador.
Como se já não me bastassem os
males da velhice. Ah, Gonzaga,
amigo, quanto me arrependo!
Claro, sou mau, libertino,
pusilânime! Já nos vejo na forca,
ossos partidos. Gonzaga, vamos
fugir! Vamos fugir! Para a Bahia,
vamos a Portugal!

GONZAGA: Cláudio Manuel, ânimo! De
nós não podem saber nada. As leis
que pensamos não foram escritas.
Os planos não foram feitos. Só
podem saber de nós o que nós
dissermos, e nós não diremos nada.
Calma. Fiquemos no nega! Olha
bem pra mim: estou tão clamo que
antes da noite vou escrever uma
ode.

CLÁUDIO: Não, vamos fugir, vamos fugir.
Ainda é tempo. Vamos fugir.
(Rufos.)

CORINGA: É tarde. Os soldados estão na
rua. Estão na rua pra prender.
(Aumentam os rufos.)

CORO DE SOLDADOS

Todos gostam de Gonzaga,
homem bom quase perfeito.
Mandaram prender eu prendo,
não importa se é direito.
(Perfilam-se enquadrando Gonzaga.)

SOLDADO: Tomás Antônio Gonzaga. Em
nome da Rainha está preso.
Mandaram prender eu prendo, não
me importa se é direito.
(Gonzaga e Cláudio baixam a cabeça e
saem enquadrados pelos soldados.)

CORO DE SOLDADOS

Seja qual for o regime,
liberdade ou tirania,
chega a hora de almoçar
quando bate o meio dia.

CORINGA: E no Rio de Janeiro outra
caça continua. De Tiradentes todos
fogem, menos dois homens que o
seguem, espias do Vice-Rei.
(Música litúrgica. Tiradentes no
confessionário.)

TIRADENTES: Já estou instalado, padre, e
lhe agradeço. A casa é segura e o
dono homem sério. Mas no Rio
estou sozinho. Preciso com
urgência encontrar alguém. O
senhor é a única pessoa que me
pode prestar mais esse favor. Tenho
que me encontrar com o amigo
que me resta. É um grande amigo
e companheiro.

PADRE: Diga o nome que eu vou buscar.

TIRADENTES: Joaquim Silvério dos Reis.
(Continua a música sacra.)

CORINGA: Não, amigo, todos fogem de
você. Você está sozinho. Só há dois
homens que te seguem: são espias
do Vice-Rei.

CORO DE SOLDADOS

Mandando fazer faremos,
se um comandante mandar;
somos soldados da lei,
sem direito de pensar.

CORINGA: Os soldados estão nas ruas
de Vila Rica. Estão na rua pra
prender. E ninguém sabe o que
fazer. Muitos pensam delatar e
ninguém sabe. É o que Alvarenga
quer. Mas já não pensa assim sua
mulher.

ALVARENGA: Cuidado!!... Só tem um caminho: delatar. Mas tudo depende de você!
Se eu resolvo delatar e você não me impede, você é responsável. Se eu resolvo delatar e você me impede, você também é responsável.

BÁRBARA: E você, não é responsável por nada?

ALVARENGA: Não fui eu o primeiro a pensar em Independência, não fui eu o primeiro a contar tudo ao visconde, não fui eu que fiz nada. Agora me obrigam a fazer.

BÁRBARA: Também você não vai ser o primeiro a trair.

ALVARENGA: Mas assim eu me salvo!

BÁRBARA: Mas o que é que você quer salvar? A você sozinho, ou às idéias que vocês defendiam juntos?

ALVARENGA: Não havia idéia coisa nenhuma. O que havia éramos nós juntos.

BÁRBARA: O que te interessava não era a causa, era o sucesso.

ALVARENGA: Não é verdade: quando penso em delatar, penso no que a minha salvação pode trazer no futuro. Que adianta se todos os homens com ideais desse país forem enforcados. Enquanto um sobreviver, a idéia não morre...

BÁRBARA: Já é tarde, ninguém se preserva mais. Só o primeiro que delatou. Ele pode alegar virtude. Nos que vem depois fica claro o medo... Você não vai delatar, eu não deixo. Nem que seja preciso usar a força, eu não deixo.

CORINGA: É tarde. Os soldados estão nas ruas. Estão nas ruas pra prender. O que foi dito se ouviu, e quem o disse responde. (Soldados em coro de BG. Avançam, enquadram Alvarenga e o levam como aos outros, durante a fala do Coringa, cantando a melodia em

boca chiusa.) E todos foram presos, um a um. Quem disse uma palavra, quem a ouviu dizer, quem soube que a tinham dito, um a um foram presos. Até Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, que foi o primeiro. (Soldados saem com ordens de marcha e cantos, só com vocalização sem texto.)

SILVÉRIO: Não é possível!

TIRADENTES: Silvério, há três dias que eles me seguem. São dois homens de bigodes, como os da Tropa Paga. Onde eu vou eles já estão; se eu fico, eles aparecem. Da próxima vez vou com eles pra uma esquina e os arrebento com minha espada...

SILVÉRIO: Calma, Joaquim José.

TIRADENTES: E o pior é que o Voce-Rei não me quer dar autorização pra voltar para as Minas... Fala com ele você, talvez você consiga...

SILVÉRIO: Pode deixar que eu falo. (Tudo que diz, diz sincero.)

TIRADENTES: Mas tem cuidado. Toda vez que falo com ele, sinto que ele conhece até meu pensamento. Gostaria de saber quem instruiu o Vice-Rei dessa maneira.

SILVÉRIO: Fica sossegado. Mais cedo do que você pensa o Vice-Rei dá o passaporte.

TIRADENTES: Ah, se eu me apanho nas Minas!... Chegando lá, mesmo sozinho, levanto os mineiros, pego e acabo com o Barbacena. Tenho que fazer tudo sozinho. Essa gente que tem muito pra perder, não pode pensar em liberdade. Você não, meu amigo, você é diferente, eu sei que é ...

SILVÉRIO: Sim de fato. Eu tinha muito a perder com a Independência.

TIRADENTES: Foi duro pra você, não foi?

SILVÉRIO: É... Eu arrisquei tudo... Vale a pena...

TIRADENTES: É que você tem o que falta

aos outros: um ideal!

SILVÉRIO: Deixa disso... Então? Conseguiu pouso?

TIRADENTES: Consegui, mas não foi fácil.

SILVÉRIO: Onde?

TIRADENTES: Na Rua dos Latoeiros.

SILVÉRIO: Na casa de quem?

TIRADENTES: De Domingos Fernandes.
Bom homem!

SILVÉRIO: Cuidado para que ninguém saiba onde você está. É bom desconfiar de todo mundo.

TIRADENTES: Bananas eles são, mas trair ninguém trai.

SILVÉRIO: Sei, não. Esse Maciel... Cama e mesa com o Barbacena...

TIRADENTES: Não faz mau juízo. Sabe, arranjei um bacamarte emprestado. Cansei de esperar autorização. Vou pra Minas de qualquer jeito. Pelo meio do mato, enfrentando o que vier. Chegando lá, a coisa está feita.

SILVÉRIO: Calma, Joaquim José. Eu falo com o Vice-Rei. Dependendo da resposta, você vai. Aí eu vou com você. A gente abre caminho à bala.

TIRADENTES (estendendo a mão): Eu te espero!

SILVÉRIO: Eu fico te protegendo.

TIRADENTES: Boa sorte.

SILVÉRIO: Rua dos Latoeiros, casa de Domingos Fernandes. (Recua e permanece em cena, visível.)

CORINGA: Os espões estão na rua. em cada esquina quatro olhos. A presa está cercada. O preso será preso a qualquer hora. Sem surpresa. Logicamente. Assim como todos - um a um, assim como Domingos de Abreu Vieira.

DOMINGOS: Afinal de contas, o cativo deve ter seu lado bom. (Os soldados o prendem.)

CORINGA: E o padre Carlos de Toledo e Melo.

P. CARLOS: Eu tenho trezentos homens:

mais vale lutar com uma espada na mão do que morrer como um carrapato na lama.

CORO DE SOLDADOS

Prender padre é sacrilégio,
eu que tenho meu respeito,
mas mandam prender eu rezo
e prendo do mesmo jeito.

SOLDADO (Soldado, ajoelhando-se em frente ao padre): Mandaram prender, peço a bênção. (Levanta-se.) E prendo do mesmo jeito. (O padre sai com o Coro de Soldados.)

CORO DE SOLDADOS

Seja qual for o regime,
liberdade ou tirania,
chega a hora de almoçar,
quando bate o meio dia.

CORINGA (entra violentamente como personagem): Cuidado, Tiradentes. Estão batendo na porta. É gente que vem prender.

TIRADENTES: Que venham! Olha pela janela. (Pega o bacamarte.)

CORINGA: É Silvério dos Reis, teu amigo.

TIRADENTES: Mas, então, por que o espanto? Deixa entrar.

(Coringa volta a ser Coringa e afasta-se.)

CORINGA: O espanto é que ele venha!
O espanto é que ele entre! (Entra Silvério.) O espanto é que ele sorria! (Silvério sorri.) O espanto é a confiança que tiveram nele. (Tiradentes abre os braços.) O espanto é que eles se abracem. (Abraçam-se.) O espanto é a traição!

(Guardas e soldados entram. Silêncio. Tiradentes olha Silvério; olha para os soldados. Deixa de lado o bacamarte; Silvério pega-o e aponta-o contra Tiradentes. Os soldados o enquadram e o algemam. Silvério comanda o pelotão com exclamações que não foram palavras. Todos saem.)

CORINGA: O espanto é a morte! E a morte virá!

(Explode a canção das "Campanhas de Libertação" com todo o elenco.)

CANÇÃO

Espanto que espanta a gente,
tanta gente a se espantar,
que o povo tem sete fôlegos.
Quanto mais cai, mais levanta;
e mais sete tem pra dar.
Mil vezes já foi ao chão.
De pé! Mil vezes já foi ao chão.
Povo levanta na hora da decisão.
Espanto que espanta a gente,
tanta gente a se espantar,
não é de hoje que esse povo
vem dando demonstração:
Alfaiates na Bahia,
Balaios no Maranhão,
Cabanada no Pará,
Palmares no Sertão.
Não só contra os de fora
foi o povo justiceiro:
contra a fome e a miséria
levantou-se o garimpeiro;
contra os fortes desta terra
levantou-se o conselheiro;
de pé, contra toda tirania
sempre de pé está o brasileiro.
Espanto que espanta a gente
tanta gente a se espantar,
que o povo tem sete fôlegos.
Quanto mais cai, mais levanta;
e mais sete tem pra dar.
Mil vezes já foi ao chão.
De pé! Mil vezes já foi ao chão.
Povo levanta na hora da decisão.

5 ° EPISÓDIO EXPLICAÇÃO 5

CORINGA: E todos foram presos - um a um. E o processo começou. Foram três anos de suspense, três anos de terror. A Rainha já havia resolvido comutar a pena capital de todos. Menos de um: o cabeça. Menos de um: Tiradentes. Tudo podia ter

sido feito em menos tempo. Porém a Rainha tinha leis severas contra a população. Era necessário prolongar o terror para aplicar as leis. Os juízes não eram autônomos: representavam a Rainha que encarnava o Estado. Por isso, não havia necessidade de advogados de defesa durante a fase de instrução de processo. Depois, um foi nomeado. Um para todos. Sua tarefa: produzir alegações e pedir clemência. Hoje em dia, nenhum acusado pode ser condenado sem defender-se plenamente. Esta foi uma grande conquista da democracia brasileira. (Tiradentes está no banco dos réus. Durante sua fala, Coringa veste-se de juiz e assim permanecerá durante todo o julgamento; Silvério em oposição a Tiradentes. Os demais acusados sucedem-se em outro banco.)

JUIZ: Ratifica o respondente suas declarações anteriores?

TIRADENTES: Sim.

JUIZ: Confirma ter estado em casa de Mônica Maria do Sacramento?

SILVÉRIO (energicamente funcionando como promotor): E foi justamente ali, diante de testemunhas, que deitou falação contra a Coroa, chamando os cariocas de pulhas e covardes. Foi ali que lamentou o réu ter cumprido a ordem de seu comandante quando interrogou e espancou na forma de lei o garimpeiro Manuel Pinheiro! Na casa de Mônica Maria que instou o Cabo Jerônimo de Castro e Souza a que iniciasse, ali mesmo no bordel, uma sublevação e motim contra o poder real!

JUIZ: Confirma o respondente as declarações de Joaquim Silvério dos Reis?

TIRADENTES: Não. Eu nego!

JUIZ: Tenente-Coronel Francisco de Paula

Freire de Andrade. Vossa Mercê é acusado de primeira cabeça contra a pessoa e o Estado de nossa Augusta Soberana D. Maria. Tem algo mais a declarar ou clemência a pedir?

FRANCISCO: Clemência peço, pois, a meu ver, um militar deve sempre ser perdoado.

JUIZ: E por que não um civil?

FRANCISCO: A honra do militar é a obediência. Eu sempre obedeci.

JUIZ: Diz a lei, e dizem os costumes, que é dever de todo vassalo, militar ou civil, denunciar qualquer infidelidade de que se torne sabedor.

FRANCISCO: E eu assim o fiz.

JUIZ: Vossa carta de denúncia chegou dez dias depois da primeira, quando a Conjuração já era fato conhecido.

FRANCISCO: Minha culpa são dez dias.

JUIZ: E mais: em casa de Vossa Mercê se reuniam os conjurados. Onde estava a obediência?

FRANCISCO: A quem obedece o soldado? Ao poder que vige. Porém, nenhum poder se eterniza. Os que o tornam se sucedem: às vezes por dinastia, outras por violência. Neste trânsito, há um momento vazio, quando co-exitem dois poderes: o deposto e o que vence. Neste vazio, a obediência se dualiza. Por isso, o militar deve ser sempre perdoado.

JUIZ: Saiba, Coronel, que o trânsito não é natural. Não procede por necessidade. Só se faz, se o conjunto de obediências se desloca. Dois poderes não vigem a um só tempo. Se a obediência de Vossa Mercê se deslocasse em favor dos rebeldes, estariam eles agora no poder, e os réus seríamos nós.

FRANCISCO (depois de uma pausa,

sorrindo): Se minha obediência não se deslocou, de que me acusam?...

JUIZ (também depois de pausa): Se não se deslocou, terá sido por virtude ou covardia?

FRANCISCO: Na falta de prova evidente, é certo que foi virtude.

JUIZ: Evidente é vossa casa como local de reuniões.

FRANCISCO: Em minha casa, mais perto podia vigiá-los.

JUIZ: Evidente é a confiança que em vós tinham os rebeldes.

FRANCISCO: Sem ela, seria impossível conhecê-los.

JUIZ: Evidente é o discurso preparado para a tomada do poder.

FRANCISCO: Discurso que nunca foi pronunciado.

JUIZ: Evidente é ter sido Vossa Mercê o cabeça do motim.

FRANCISCO: Motim não foi feito, e cabeças não se aceitavam.

JUIZ: Mas, se se aceitassem, por certo caberia a Vossa Mercê o privilégio.

FRANCISCO: Ainda neste caso, o privilégio não seria meu, mas sim de quem primeiro teve a idéia, de quem mais vezes o motim apregou, de quem para si queria a tarefa de maior perigo e risco. De quem se propunha e desejava a cabeça do Governador.

JUIZ: Quem?

FRANCISCO: Alferes Joaquim José da Silva Xavier, por alcunha - o Tiradentes.

(Entra o tema musical "Estou só".)

JUIZ: Confirma o respondente ter-se encontrado com José Álvares Maciel na cidade do Rio de Janeiro, em agosto de 1788?

TIRADENTES: Confirmo.

SILVÉRIO: E com ele ter conversado sobre as riquezas do Brasil, e sobre a possibilidade de aqui se fazer pólvora e ferro. O réu afirmou que os nativos desta terra viveriam bem

melhor sem o jugo estrangeiro, salientando que se houvesse mais homens como ele - o Réu -, o Brasil seria uma nação florente. E a sua loucura chegou ao ponto de bradar que pelo bem desta pátria seria até mesmo capaz de esquarterar e quebrar à maça os sagrados ossos de nossa Augusta Soberana, que Deus nos livre e Deus a guarde.

JUIZ: Confirma o respondente as declarações de Joaquim Silvério dos Reis?

TIRADENTES: Não. Eu nego! (Interrompe-se o tema musical.)

JUIZ: Padre Carlos de Toledo e Correia e Melo. Vossa Paternidade é acusado de crime de primeira cabeça contra a pessoa e o Estado de nossa Augusta Soberana, D. Maria. Tem algo mais a declarar ou clemência a pedir?

P. CARLOS: Não quero esconder minha culpa por duas razões: primeiro que não a tenho; segundo, se a tivesse, minha culpa seria eu.

JUIZ: Vossa Paternidade armou trezentos homens contra Vila Rica.

P. CARLOS: Os homens que armei foram armados para prevenir o excesso, para prevenir a Derrama. Porém, a própria Coroa percebeu a impossibilidade desse extremo.

JUIZ: Não competia ao Reverendo decidir medidas em nome da Rainha.

P. CARLOS: Como Ministro de Deus, era meu dever socorrer o povo em sua angústia!

JUIZ: Mas não ao preço de tentar a destruição do poder real, que em nome do nosso Deus comum se exerce nesta Colônia.

P. CARLOS: Como Ministro, não lutei contra o poder: apenas contra seus excessos. Isto ocorre com freqüência: a Igreja muitas vezes

assume a aparência de revolucionária, quando na verdade apenas luta contra os excessos de um poder e não contra a sua essência.

JUIZ: Reverendo: um poder não existe em sua essência. Existe no dia-a-dia. Quando é difícil para o povo aceitá-lo, o poder se revela em seus excessos. Ele se aplica com brandura ao povo dócil, com energia ao amotinado. Não é por capricho que o Estado se mostra de uma ou de outra forma: é por necessidade, é por desejo de preservar-se. Numa República Democrática como a que foi sonhada por Vossa Paternidade, o povo descontente elege e troca seus governantes. Mas num sistema como este em que vivemos, a impopularidade do poder é compensada pela sua força. Os excessos de um sistema são a sua essência. E se contra eles luta a igreja, não luta apenas contra os excessos do poder mas contra o poder em si. E assim se torna revolucionária. Fica provada a vossa culpa!

P. CARLOS: Se minha culpa é o que dizeis, aceito a culpa!

(Retorna o tema musical de "Estou só" - ampliado.)

JUIZ: Confirma o respondente ter participado de reuniões de caráter político em casa do Tenente-Coronel Francisco de Paula?

TIRADENTES: Não. Se lá estive, participei apenas de conversação informal.

SILVÉRIO: E nessas conversações informais, o réu instou os presentes a que se amotinassem, depusessem o Governo, criassem uma bandeira e proclamassem a República. Até mesmo falou na libertação dos escravos, em exércitos de apoio que viriam do Rio e da Bahia! E o

que é mais grave, em apoio militar do estrangeiro.

CORO

(baixinho): Estou só. Sempre estive só. Aprendi e agora sei: só dois homens me seguiam, espias do Vice-Rei!

JUIZ: Confirma o respondente as declarações de Joaquim Silvério dos Reis?

TIRADENTES: Não. Eu nego!

JUIZ: Domingos de Abreu Vieira!

DOMINGOS: Culpa eu não tenho! Os soldados são testemunhas! Quando fui preso, eu até que estava elogiando as medidas de violência! Eu acho até que era pouco, precisava de mais. Quem tem culpa é o Alvarenga, que, por mando de Tiradentes, me mandou trazer a pólvora!

JUIZ: Inácio José de Alvarenga Peixoto!

ALVARENGA: Culpa eu não tenho! Eu até que estava me divertindo à grande! Todo mundo pensando em cortar a cabeça de todo mundo! Cabecinha fora aqui! Cabecinha fora ali! Só podia levar na galhofa. Culpa tem minha mulher, que, dando ouvidos a Tiradentes, achava de bom tom que eu participasse do movimento, e - na frente de Cláudio Manoel da Costa - chegou a dizer que melhor seria fazer o motim primeiro e a bandeira depois!

JUIZ: Cláudio Manoel da Costa!
(Silêncio.) Cláudio Manoel da Costa!

SOLDADO: Cláudio Manoel da Costa faleceu na prisão, Excelência! Suicidou-se no dia 04 de julho de 1789.

JUIZ: Que conste dos autos.
(Chamando.) Sargento-Mor Francisco Antônio de Oliveira Lopes!

OLIVEIRA: Culpa eu não tenho! Que eu falei que estava a favor da revolução, falei mesmo. Mas é que eu encontrei Tiradentes a caminho das Gerais e ele pagava tudo que eu comia e bebia! Eu não podia fazer uma desfeita a ele! Tinha até de concordar com essas idéias, malditas. O senhor não concordava? Se ele pagasse, o senhor não concordava? Culpa tem a viúva Inácia que deu guarida pra ele no Rio de Janeiro!

JUIZ: Viúva Inácia de Tal!

INÁCIA: Culpa eu não tenho! Eu até que disse a ele: "Seu Alferes, seu Alferes, o senhor acaba se perdendo, e eu não quero complicações comigo. Vá na Igreja da Mãe dos Homens, que lá tem um padre assim, assado que bem até que ele meio pode acabá gostando das idéias do senhor!" Mas se culpa tem alguém, foi a danada daquela donzela da minha filha, que foi adoentá do pé!

JUIZ: Filha Donzela de Pé Doente da Viúva Inácia!

FILHA: Culpa eu não tenho! Que culpa eu posso ter? Eu estava andando descalça na rua e espetei o pé; arruinou! Veio minha mãe viúva e disse que tinha um homem aí que, além de tirar dente, entendia de curativo. Veio ele e me curou. Culpa quem tem é ele, pondo todo mundo nesse embrulho e não tinha nada de buli com meu pé!

CORO

(baixinho): Belo sonho que eu sentava. Era o povo que sonhava.

A contar o meu sonho à gente, não era ao povo que eu contava.

Estou só. Sempre estive só!

Eu pensava ser seguido, mas sempre estive só.

JUIZ: Joaquim José da Silva Xavier!

Confirma sua negativas anteriores?

TIRADENTES: Sim!

JUIZ: Nega estivesse o ouvidor Tomás Antônio Gonzaga incumbido de elaborar as leis da República que se pretendia?

TIRADENTES: O ouvidor Gonzaga era meu inimigo. Não tenho nenhuma razão para defendê-lo, mas nunca soube que fosse entrado em nenhuma conspiração, nem nunca ouvi falar em conspirações.

JUIZ: Ouvidor Tomás Antônio Gonzaga! Vossa Mercê responde à Devassa que ora se faz sobre a Inconfidência, Sublevação e Motim que nesta Capitania se preparava. Vossa Mercê é acusado de crime de primeira cabeça. A pena maior é o esquartejamento e a forca. Pergunto: sabe Vossa Mercê quem o denunciou?

GONZAGA: É bem possível que tenha sido um de meus inimigos.

JUIZ: São muitos os vossos inimigos?

GONZAGA: Quem tenha ao menos um, nunca poderá dizer que sejam poucos.

JUIZ: Vossa Mercê foi também denunciado por amigos.

GONZAGA: É possível. Não querendo me envolver na Conspiração bem podem ter dito a outros que eu nela já estivesse.

JUIZ: Com que fim?

GONZAGA: Para que não me procurassem ou para melhor conseguirem adeptos.

JUIZ: As informações de vossos amigos não são tão gentis e amáveis. Dizem os Autos que Vossa Mercê foi um dos principais conspiradores.

GONZAGA: Eu estava de partida para a Bahia, onde fui nomeado Desembargador. Não havia de trocar um bem certo pela incerteza.

JUIZ: A nomeação de Vossa Mercê é

bastante antiga. Por que tanta demora?

GONZAGA: Eu estava noivo.

JUIZ: Consta dos Autos que Vossa Mercê sempre está noivo.

GONZAGA: Constando ou não, nunca me arriscaria a entrar numa conjura contra os parentes da minha noiva. Que conste também que todos eles são militares.

JUIZ: Dos Autos consta que muitos militares entraram na sedição!

GONZAGA: Os parentes de minha noiva, além de militares, são portugueses que não lutariam contra sua Pátria. Aliás, português também sou eu.

JUIZ: Filho de brasileiro, porém. E os portugueses que para cá vêm sem pretender voltar, são brasileiros.

GONZAGA: Muitos pretendiam. O padre Carlos de Toledo tinha viagem marcada para Portugal, e também o Tenente-Coronel Francisco de Paula. José Rezende Costa preparava o filho para a Universidade de Coimbra.

JUIZ: Não sendo Vossa Mercê um dos conjurados, é de admirar que sobre eles conheça tanto!

GONZAGA: Conheço de ouvir dizer.

JUIZ: Quando se ouve, um pouco se fala.

GONZAGA: Como exercício intelectual, é possível que muita coisa tenha eu dito. Mas sempre como hipótese de potência e não de ato.

JUIZ: Parece razoável. Como hipótese de potência Vossa Mercê teria fabricado as leis da Nova República!

GONZAGA: Sempre em teoria. Sendo jurista, é meu dever pensar em tudo que pode ser pensado, mesmo que impossível. Como jurista, algumas leis foram imaginadas. Todas partindo de uma premissa falsa e odiável: a República Democrática.

JUIZ: Que leis?

GONZAGA: O fim da escravidão, por exemplo. Todos os negros seriam livres. O fim da sujeição a qualquer País estrangeiro. Todos os brancos, negros e mulatos seriam livres. O fim de qualquer poder homogêneo, militar ou econômico. Toda a nação seria florescente. Tudo isso foi pensado como hipótese de potência e não de ato. Mas se eu soubesse que essas conversas eram mais que mero entretenimento, eu as teria denunciado.

JUIZ: Senhor Gonzaga, quando um vassalo, ainda que teoricamente, discute os caminhos que levam à liberdade do povo, ainda que não pretenda, lança luzes para que o povo se liberte. Portanto, é criminoso. Não seria crime se Vossa Mercê discutisse hipótese de fatos impossíveis. Porém, como a liberdade do povo depende tão somente de que o povo a conquiste, como a liberdade do povo é sempre possível, é sempre crime discuti-la. Liberdade, pois, é uma palavra que deve ser esquecida, pois mencioná-la é o primeiro passo para conseguí-la.

GONZAGA: A hipótese de Vossa Excelência me parece bem defendida e explicada. Porém, quando eu falava em liberdade, eu o fazia como um simples exercício intelectual. Nunca pensei que fosse fato possível. Senhor Juiz, quem afirma que a liberdade é possível é Vossa Excelência! E isto eu aprendo agora, aqui, nesta sala e tribunal! Não posso ser acusado de não conhecer o que só agora é revelado. Portanto, sou inocente!

JUIZ: Sem dúvida... É uma hipótese...
(Os dois continuam-se fitando com um meio sorriso, quando são interrompidos.)

TIRADENTES: Excelência! Já agora nada

mais ratifico. Até agora neguei, não por querer encobrir minha culpa, mas por não querer perder ninguém. Porém, à vista das fortíssimas instâncias com que me vejo atacado e já sabendo os juízes tudo quanto sabem (Sobe o tema de "Estou só" apenas com música.), até mesmo meus pensamentos mais íntimos, não posso continuar negando, pois, se o fizesse, seria faltando clara e conhecidamente à verdade. Por isso, resolvo dizê-la, ingênua e livremente, como ela é.

É verdade que se pretendia o levante. É verdade que me encontrei com Maciel no Rio e lhe disse que o Brasil não necessitava do domínio estrangeiro. É verdade que a todos falava de um Motim e Sedição contra a Coroa Portuguesa. É verdade que o povo sofre e que induzi muita gente a combater em Vila Rica. É verdade que o povo ignora que se pode libertar a si mesmo e que induzi muita gente a que armasse o povo para que se libertasse. É verdade que eu queria para mim a ação de maior risco e é verdade que, se existissem mais brasileiros como eu, o Brasil seria uma Nação florente. É verdade que eu desejava meu país livre, Independente, Republicano. É verdade que eu confiei demais, e é verdade que abandonei aqueles para quem outros diziam querer a liberdade. E é verdade que só os abandonados arriscam, que só os abandonados assumem, e que só com eles devia tratar. É verdade que eu tenho culpa e só eu tenho culpa. E é verdade que estou só.

(Irrompe a canção.)

CORO

Dez vidas eu tivesse,

Dez vidas eu daria,
Dez vidas prisioneiras
Ansioso eu trocaria
Pelo bem da liberdade,
Nem que fosse por um dia.
Se assim fizessem todos,
Aqui não existiria
Tão negra sujeição,
Que dá feição de vida
Ao que é mais feia morte:
Morrer de quem aceita
Viver em escravidão.
Dez vidas eu tivesse,
Dez vidas eu daria
Mais vale erguer a espada
Desafiando a morte
Do que sofrer a sorte
De sua...

Dez vidas eu tivesse,
Dez vidas eu daria,
Dez vidas prisioneiras
Ansioso eu trocaria
Pelo bem da liberdade...

(Continua o Coro em "Boca Chiusa" -
Festa e feira do enforcamento
exemplar.)

CORINGA: E todos foram presos, um a um! Um a um foram julgados. Um a um sentenciados, numa sentença comum. Na mesma forca haviam de morrer. Na forca mais alta que se pudesse construir. Uns esquartejados para que suas partes fossem exemplo. Outros chicoteados pelas ruas da cidade. Um com pregão e braço conduzido. Pregão que apregoava:

PREGÃO: Este homem indigno é das nossas memórias, mas se ficar de todo no esquecimento, nenhum proveito tiraremos de seu exemplar castigo. (Segue sua ladainha.)

(Continua o Coro de Boca Chiusa.)

CORINGA: Esse homem - Tiradentes! Foi tempo de desespero. Onze homens condenados, dois mortos na prisão, absolvidos. Um terceiro morto, um

suicida, infamado até a terceira geração. Foi tempo de desespero.

VOZES (Atores aglomerados a um canto, superpondo frases): Ai que não pode ser verdade!
E eu que ia para Coimbra! Maldita loucura do alferes! Alguém ainda vai me salvar!
Sou homem de posição!
Já não há respeito!
Isso é infâmia!
Minha filha tinha doze anos!
E eu que deixo um na barriga! Que mais querem, já me ajoelhei! Já neguei tudo o que disse e que fiz!
Pedi perdão e clemência! Padre, existe o outro lado?
Quem se arrepende encontra perdão!
Não já, depois da morte!
Eu te absolvo em nome do Padre, do Filho, do Espírito Santo!
Os confessados já podem morrer! E eu que nunca me meti em política!
(Gritando.) Juliana! Juliana!

TIRADENTES: Dez vidas eu tivesse.

Dez vidas eu daria,
dez vidas prisioneiras,
Ansioso eu trocaria pelo bem da Liberdade,
Que fosse por um dia! Que fosse por um dia,
Ansioso eu trocaria...

(As vozes vão se misturando, repetem-se as exclamações; a voz de Tiradentes e o acompanhamento musical ficam mais fortes.)

ARAUTO (interrompendo): Atenção!
Todos de pé!

(Cessa tudo.)

ARAUTO: Carta da nossa Piedosíssima, Clementíssima e Augustíssima Soberana, D. Maria!

CORINGA: Esta carta já estava na mão dos juízes há dezoito meses. Há dezoito meses os juízes se compraziam. Há dezoito meses.

ARAUTO: Por vontade da Real Senhora, a

todos se comuta a pena de morte para degredo em África.
(Entusiasmo geral.) Menos a um que se fez indigno da Real Piedade da mesma Senhora!

(A Orquestra sozinha volta com o tema de "Estou só". Continuam a algazarra, distinguindo-se os gritos):

Queridíssima Rainha, sou vosso servo mesmo que ao inferno me mandásseis!
Viva D. Maria II!

Que pelo menos dessa vez eu possa dizê-la minha!

Beijo o pó, beijo os pés de cada soldado!

Deus, ó Deus, tu existes! Eu te agradeço!
Viva Portugal!

ARAUTO: Réu Francisco de Paula, desterrado para Pedra Ancoche. Réu José Álvares Maciel, para Mozango. Réu Alvarenga Peixoto, para Dande. Réu Luiz Vaz, para Cabambi. Réu Oliveira Lopes, para Bié. Réu Domingos de Abreu, para o presídio de Machimba. Réu Amaral Gurgel, para Catalá. Réu Rezende Pai, para Bisal. Réu Rezende Filho, para Cabo Verde. Réu Tomás Antônio Gonzaga, para Moçambique.

(Todos, ao serem chamados, foram saindo, abraçando-se uns aos outros. Ficam só Tiradentes, o Arauto e o Coringa.)

ARAUTO: Menos a um que se tornou indigno da Real Piedade da Digna Senhora: Alferes Joaquim José da Silva Xavier.

(Sai o Arauto. Fica só Tiradentes acorrentado. O Coringa aproxima-se lentamente em profundo silêncio. Acocora-se diante dele.)

CORINGA: E então, como é que é?

TIRADENTES: Dez vidas eu tivesse, dez vidas eu daria pra que eles não morressem por um crime que não cometeram.

CORINGA: E agora, como é?

TIRADENTES: Não sei... Armei uma meada tamanha que nem em cem anos eles vão conseguir desatar...

(Coringa olha-o por instantes. Abraça-o firmemente e sai.)

(Enquanto isso, surge o cortejo, carrasco à frente, e ouve-se o pregão.)

PREGÃO: Esse homem indigno é das nossas memórias, mas se ficar de todo no esquecimento, nenhum proveito tiraremos do seu exemplar castigo!

(O Coro repete o Pregão, surge a força; o carrasco, Capitani, ajoelha-se diante do condenado.)

CAPITANI: Perdão! Eu mato cumprindo pena, e minha pena é matar!

VOZ: Esmolas! Esmolas pra missa pra salvação da alma do infame réu! Esmolas! Esmolas pra missa pra salvação da alma do infame réu!

TIRADENTES: Está perdoado, irmão. Todos estão cumprindo pena! Menos eu. (Tiradentes sobe a força.)

CORO

Dez vidas eu tivesse,
Dez vidas eu daria,
Dez vidas prisioneiras
Ansioso eu trocaria
Pelo bem da liberdade,
Que fosse por um dia!
Que fosse por um dia,
Ansioso eu trocaria.

VOZ: Esmolas! Esmolas! Esmolas pra missa pra salvação da alma do infame réu!

CORO

Dez vidas eu tivesse,
Dez vidas eu daria,
Se assim fizessem todos,
Aqui não existiria
Tão negra sujeição
Que dá feição de vida
Ao que é mais feia morte:
Morrer de quem aceita,
Viver em escravidão.
É a mais feia morte

De quem aceita
Vivendo em escravidão!

PADRE: Não traias teu Rei nem em
pensamento; pois as próprias aves
do céu levarão teus desejos aos
próprios do Rei!

(Misturam-se os coros. Parte cantando
"Dez Vidas" outra cantando "Eu Estou
só".)

TIRADENTES (adiantando-se um passo,
grita): Povo das Capitânicas do Rio e
das Gerais! O Brasil...

(A mão de Capitania tapa-lhe a boca;
diminuem as luzes. Rufos de bateria. O
corpo de Tiradentes é lançado. O Coro
deixa escapar um grito. O corpo fica
balançando. Coro entra.)

CORO

Espanto que espanta a gente,
Tanta gente a se espantar,
Que o povo tem sete fôlegos
E mais sete tem pra dar!
Quanto mais cai, mais levanta.
Mil vezes já foi ao chão.
Mas de pé lá está o povo
Na hora da decisão!
Espanto que espanta a gente,

Tanta gente a se espantar.
Mas de pé lá está o povo.
Mil vezes já foi ao chão.
Quanto mais cai, mais levanta,
Na hora da decisão!

CORINGA (durante a segunda estrofe):

A Independência Política contra
Portugal foi conseguida trinta anos
depois da força. Se Tiradentes
tivesse o poder dos Inconfidentes;
se os Inconfidentes tivessem a
vontade de Tiradentes, e se todos
não estivessem tão sós, o Brasil
estaria livre trinta anos antes e
estaria novamente livre todas as
vezes que uma nova liberdade
fosse necessária. E assim contamos
mais uma história. Boa noite!

CORO

Espanto que espanta a gente,
Tanta gente a se espantar.
Que o povo tem sete fôlegos,
E mais sete tem pra dar!
Quanto mais cai, mais levanta,
Mil vezes já foi ao chão.
Mas de pé lá está o povo,
Na hora da decisão!

F I M

Esta peça foi encenada pelo *Teatro de Arena de São Paulo*, em abril de 1967.

Participaram do espetáculo:

Elenco: Gianfrancesco Guarnieri, Renato Consorte, David José, Dina Staf, Jairo Arco e
Flexa, Vânia Sant'Anna, Sílvia Zilber e Cláudio Pucci.

Produção: Pedro Stepanenko, Miriam Muniz, Antônio Ronco e Osvaldo Cristiano.

Cenografia: Flávio Império.

Iluminação: Orion de Carvalho.

Direção Musical: Théo Barros.

Compositores: Gilberto Gil, Sidney Miller e Caetano Veloso.

Direção Geral: Augusto Boal.

AVISO IMPORTANTE

As peças publicadas por "Teatro da Juventude" poderão ser encenadas pelos alunos de todas as instituições de ensino, tanto na capital como no interior, bem como por jovens amadores filiados a bibliotecas, clubes ou outras entidades culturais e sociais, **livres de pagamento de direitos autorais.**

As apresentações profissionais em teatro, rádio, televisão etc. estarão sujeitas às normas sobre direitos autorais estipuladas pela Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), cuja sucursal, em São Paulo, encontra-se sediada à Avenida Ipiranga, 1123, 8º andar - Tel.: (011) 229-9011.

Os autores interessados em divulgar seus textos devem enviá-los - sem compromisso - à Comissão de Teatro.

Estes devem ser datilografados em espaço dois e conter a apresentação das personagens conforme os publicados na revista.

As peças serão avaliadas, publicando-se as que forem selecionadas.

CARO LEITOR

Para receber a Revista Teatro da Juventude, envie-nos as seguintes informações:

Nome da escola ou instituição: _____

Endereço: _____

Cidade: _____ Estado: _____ CEP: _____

Tel.: _____

Nome do diretor ou responsável: _____

Número de alunos ou sócios: _____

Idades: de ___ a ___ anos

Já realizou espetáculo teatral? _____

Qual o gênero (peça, show, música, declamação ou outro)? _____

**Endereço: Secretaria do Estado da Cultura
Revista Teatro da Juventude
Rua da Consolação, 2333, 9º andar
Cep.: 01301-980 - São Paulo - SP**

ANOTAÇÕES!



IMPrensa OFICIAL
DO ESTADO S. A. IMESP
SÃO PAULO - BRASIL
1996